

Roberta Pereira Pires

Vida e literatura: estudo da fortuna crítica de João Antônio, de  
1996 a 2006

ASSIS  
2008

Roberta Pereira Pires

Vida e literatura: estudo da fortuna crítica de João Antônio, de  
1996 a 2006

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Ciências e Letras de Assis – UNESP-  
Universidade Estadual Paulista, para a  
obtenção do título de Mestre em Letras  
(Área: Literatura e vida social).

Orientadora: Ana Maria Domingues de Oliveira

ASSIS  
2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

P667v Pires, Roberta Pereira  
Vida e literatura: estudo da fortuna crítica de João Antônio,  
de 1996 a 2006 / Roberta Pereira Pires. Assis, 2007  
125 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Antônio, João, 1937 – 1996. 2. Crítica literária. 3. Literatura brasileira. I. Título.

**CDD 801.95**

869.909

## Agradecimentos

Aos meus pais por depositarem em mim a esperança e por estarem sempre e incondicionalmente ao meu lado.

Aos meus irmãos Renata e Rodolfo, pelo amor que sinto por eles.

Agradeço minha orientadora Ana Maria Domingues de Oliveira pela tranquilidade com que me orientou, pela confiança depositada em mim e por estar sempre presente nas horas em que mais precisei.

Aos professores Maria Lídia Maretti e Antônio Roberto Esteves pelas valiosíssimas contribuições que deram ao meu trabalho durante a banca de qualificação.

Agradeço a todos os joãoantonianos daqui, dali e de lá.

À Clara, Renata, Amaralina, Jane, Cássia, Telma, Ritinha, Gilmarzim, Daniela Balbino e sua família, Marcela, Carlos de Azevedo Filho, Carlos Eduardo Bezerra, Jacicarla, Lima Trindade, Márcia Guimarães (Rio de Janeiro), Richard (vulgo: Loiro Égbert ou Ricardo Lourenço) & Dani, Dri, Jou, Daniel & Aline...

À Lúcia.

À Aline (minha ouvinte-mor), primeiramente pelo amor que sempre teve por mim. E segundo, pela paciência que teve ao me ouvir tagarelar sobre João Antônio e sobre tudo o que lia e via de literatura.

À CAPES.

A João Antônio.

## Resumo

Este trabalho tem por objetivo o estudo e a sistematização dos textos pertencentes à fortuna crítica de João Antônio, no período de 1996 a 2006. Analisamos tanto os textos publicados em jornais, revistas e livros, quanto as teses e dissertações acadêmicas cujo conteúdo revela as várias faces do trabalho jornalístico-literário do escritor paulista. A leitura desses textos permite investigar como o escritor é representado no atual cenário da literatura brasileira e de que modo o seu reaparecimento no mercado literário está sendo tratado pela crítica. Nesse sentido, destacamos a maneira como a crítica de periódicos lida com a memória da obra joãoantoniana e em que medida a crítica universitária contribui para seu estudo. Assim, levantamos alguns aspectos ressaltados pelos estudiosos que ajudam a compreender a obra de João Antônio, adicionando novos elementos a sua fortuna crítica, que se encontra em plena construção no período estudado. Veremos, então, em que momento os críticos dialogam e quais as novas propostas de abordagem do texto joãoantoniano.

**Palavras-chave:** João Antônio; Crítica Literária; Literatura Brasileira.

## Abstract

This work has for purpose the study and systematization of the pertaining texts to the critical richness for João Antônio, in the period from 1996 to 2006. We in such a way analyze the texts published in periodicals, magazines and books, how much the thesis and academic works whose content discloses the some faces of the journalistic-literary work of São Paulo writer. The reading of these texts allows to investigate as the writer is represented in the current scene of Brazilian literature and that way as the critical college student contributes for its study. Thus, we raise some studious salient aspects for that they help to understand the work of João Antônio, adding new elements on its critical richness, that if finds in full construction in the studied period. We will see, then, what moment the critics dialogue and which the new proposals of approach of the “joãoantoniano” text.

**Keywords:** João Antônio, Literary Criticism, Brazilian Literature.

## Sumário

INTRODUÇÃO OU ESTUDO DA BIBLIOGRAFIA SOBRE JOÃO ANTÔNIO: ONTEM E HOJE.....	09
1. A CRÍTICA LITERÁRIA E AS REEDIÇÕES.....	16
2. JOÃO ANTÔNIO E SUA CRÍTICA: PELA CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM.....	48
3. NOVOS RUMOS PARA O ESTUDO DA OBRA JOÃOANTONIANA.....	67
PALAVRAS FINAIS.....	99
Categoria dos textos.....	101
Bibliografia comentada.....	103
Levantamento numérico dos textos por categoria.....	115
Levantamento numérico dos textos ano a ano (1996 aos dias atuais).....	115
Índice alfabético de periódicos.....	116
Índice alfabético de autores.....	117
<i>Corpus</i> analisado.....	120
Bibliografia.....	123

## **INTRODUÇÃO OU ESTUDO DA BIBLIOGRAFIA SOBRE JOÃO ANTÔNIO: ONTEM E HOJE**

Durante toda a sua vida, João Antônio procurou guardar tudo o que pudesse compor a sua história. Pode-se comprovar isso ao conhecer o Acervo João Antônio, situado na Unesp de Assis, que guarda desde manuscritos até livros autografados. Observando a riqueza de documentos presente neste acervo, é possível notar que João Antônio tinha a pretensão de permanecer na posteridade. A imagem de um escritor desleixado e sem disciplina contrasta com outro organizado e metódico quando nos deparamos com os diversos papéis e anotações meticulosamente acomodados em pastas identificadas.

Levado por essa preocupação de preservar o seu patrimônio literário, João Antônio guardava tudo o que se escrevia sobre ele na imprensa e que lhe era enviado por jornalistas e escritores do Brasil e do mundo. O grande volume de textos, que datam de 1963 a 1996, propiciou três pesquisas de mestrado. A primeira pesquisadora, Jane Christina Pereira (2001), além da tarefa de classificação e indexação desses textos, desenvolveu em sua dissertação o estudo crítico de uma parte deles, de 1963 a 1976. A continuação desse trabalho, que diz respeito aos textos de 1977 a 1989, foi realizada por Cássia Alves Ferreira (2003). A terceira e última parte (1990-1996) foi desenvolvida por Neize Ribeiro da Silva e recentemente defendida, em agosto de 2007. Essa divisão em três partes foi necessária, pois, segundo a indexação feita por Jane Pereira (2001, p. 12), são mais de 3.000 títulos, ou seja, o volume de textos era muito grande para ser estudado numa única dissertação de mestrado.

Depois da morte do escritor, em 1996, tais textos ficaram dispersos em jornais e revistas do país e se entendia necessária a atualização do Acervo e a continuação do trabalho de João Antônio de preservar a sua memória. Nesse sentido, este trabalho fortalece o conjunto de pesquisas desenvolvidas acerca da bibliografia sobre João Antônio em periódicos e, além disso, propicia a muitos pesquisadores um material atualizado sobre o escritor.

Juntamente com a indexação desses textos, procuramos analisá-los à luz de algumas questões teóricas sobre a crítica literária nos jornais para que se possa pensar a memória de João Antônio e o lugar que sua obra ocupa no cenário atual da literatura brasileira. Essa reflexão é fundamental na medida em que possibilita investigar e conhecer a teia de relações em que está inserida sua obra, sobretudo no que diz respeito à formação de sua imagem.

A bibliografia analisada aqui, entretanto, não se restringe à crítica em periódicos e se estende também a toda e qualquer publicação (após 1996) a respeito do escritor. Assim,



dedicamo-nos a analisar as teses e dissertações sobre a obra de João Antônio, artigos em livros e outras obras inteiramente dedicadas a ele.

Embora haja algumas dissonâncias entre a crítica feita nos jornais e a praticada nas universidades, no que diz respeito à intensidade das análises, sugerimos um contraponto em que ambas se combinam e se intercambiam. Antes de privilegiar uma em detrimento da outra, buscamos estabelecer um diálogo entre as duas formas.

Nos trabalhos acadêmicos referenciados aqui há reflexões sobre diversos temas abordando a obra joãoantoniana, tais como personagem, narrativa poética, a relação entre jornalismo e literatura, a literatura em suas cartas, entre outros. A leitura desses variados enfoques, além de indicar que a memória do escritor está em construção, revela outros caminhos de abordagem do texto joãoantoniano.

Na abordagem das teses e dissertações, expomos alguns pontos que julgamos relevantes para o debate que tem sido travado entre os pesquisadores da obra do escritor. Dentro dessa exposição, vemos o ponto fundamental de cada trabalho, a fim de dar visibilidade às diversas leituras que iluminam aspectos já conhecidos e outros ainda não explorados com afinco.

Para facilitar a consulta aos textos, a indexação segue o modelo adotado pelas primeiras pesquisadoras da fortuna crítica do escritor. Compreendemos que a indexação é uma tarefa importante que poderá servir, até mesmo, para uma possível digitalização do material pesquisado. Respeitamos também a classificação dos textos proposta pelas pesquisadoras, embora tenha sido necessário modificar algumas categorias para que abrangessem a variedade dos títulos.

O período estudado, de 1996 a 2006, possui características diferentes dos três períodos já abordados. A crítica literária sobre João Antônio nos jornais já estava sofrendo uma diminuição muito antes de sua morte em 1996, apesar dos esforços empreendidos pelo escritor em estar sempre presente nas páginas literárias.

Sabemos que o escritor fazia, com frequência, a divulgação de seus livros por cartas a amigos de todo o Brasil que, por vezes, publicavam artigos nos jornais com a apreciação de sua obra. Esse tipo de comunicação favorecia tanto João Antônio, que tinha o seu nome sempre em evidência nos jornais, quanto os amigos, que conseguiam espaço na imprensa através dos contatos que o próprio lhes recomendava. Tudo isso está relatado no livro de cartas de João Antônio aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas, cuja referência bibliográfica se encontra no final deste trabalho.

De fato, havia uma preocupação, por parte de João Antônio, de pôr sua literatura sempre em evidência em jornais, tanto os alternativos quanto os da chamada grande imprensa. Essa divulgação era feita por meio de resenhas de amigos que acompanharam sua carreira desde o começo e que se tornaram seus “especialistas”. Segundo Telma Maciel da Silva (2006b), este conluio com jornalistas e críticos literários estava justamente ligado à questão da profissionalização do escritor, que foi uma bandeira que João Antônio carregou a vida toda. Quanto ao posicionamento do escritor que trabalha pelo reconhecimento de sua obra, Ana Cristina Coutinho Viegas afirma:

Embora com certa dose de nostalgia, Walnice Galvão levanta uma questão importante: não é mais possível para o artista se colocar numa posição de criador isolado, um mestre da palavra, à espera de ser reconhecido por outros artistas, pelos críticos, enfim apenas pelo grupo seletivo do qual ele faria parte. A mídia, por atuar muito mais diretamente que a academia na ampliação do mercado, determina condições tanto para a produção quanto para o consumo das obras. (VIEGAS, 2002, p.13)

Assim, a divulgação de sua obra na imprensa faria com que ficasse conhecido e pudesse viver de sua pena, como podemos comprovar em trechos de duas cartas, de 1965, trocadas com seu amigo Caio Porfírio Carneiro: “Acabo de ser traduzido em Buenos Aires. O recorte do Caderno B, aí anexo, atesta, apresentando a reprodução da capa de *Crônicas de América*. Leia e me faça três favores. Mostre ao Hermann. Peça ao Henrique L. Alves que noticie. E me devolva este recorte que preciso dele.” (ANTÔNIO apud CARNEIRO; LUCAS, 2005, p. 18) E ainda:

Quanto ao fato de nossas mútuas ajudas, parece-me que não fazemos mais do que nossa obrigação e interesse, pois, caso contrário, jamais chegaremos no Brasil à condição de escritores profissionais.[...] Nós, escritores brasileiros, precisamos nos firmar junto ao público. Cada promoção que se faz é um passo, temos que ganhar tempo, passo a passo [...] Somos um País de analfabetos e temos que mudar a situação de um jeito ou de outro [...] Nós precisamos lutar pela literatura que fazemos. [...] O escritor novo tem de falar alguma coisa a seu público, embora seja isto ou aquilo em termos de política, religião ou filosofia. Afinal, até quando os Morris West, os Ian Fleming e os Pearl Buck venderão mais livros que os autores nacionais? E por que vendem mais? Porque são promovidos e se fala neles. (ANTÔNIO apud CARNEIRO; LUCAS, 2005, p.19-21)

A divulgação da obra literária foi e é uma preocupação constante não só de João Antônio mas também de todos os escritores que desejam ver seu trabalho conhecido, lido e valorizado pelos leitores. Essa corrida aos meios de divulgação é uma tarefa meio injusta

considerando-se o sucesso editorial de autores estrangeiros no Brasil, sobretudo os de *best-sellers*. Os escritores brasileiros têm que dar conta de divulgar seus livros num território que lhes é próprio, além de competir com autores estrangeiros que já possuem uma ampla estrutura de divulgação e propaganda. Estes, muitas vezes, vendem muito mais que os brasileiros embora lancem seus livros com preços análogos aos lançamentos nacionais. Por esse motivo, a queixa de João Antônio em relação à divulgação é coerente, pois surge da necessidade de se estabelecer num meio que se torna cada vez mais tenso para os autores brasileiros.

Com a morte de João Antônio, sua rede de comunicação e mútua ajuda sofreu um abalo considerável e ele passa a ser lembrado, com frequência, somente quando sua obra é relançada no mercado. Evidentemente, a notícia de sua morte esteve nos principais jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, embora haja, no conjunto dessas notícias, alguns textos de análise da obra. É preciso salientar, porém, que a reedição de suas obras, entre 2001 e 2004, significou uma grande conquista para a memória do escritor que, por não estar vivo para trabalhar pela sua divulgação, minguava nas páginas dos jornais.

Se fizermos um balanço da bibliografia sobre João Antônio nos jornais desde os primórdios, em 1963, veremos como o volume de textos diminuiu nos dias atuais. No primeiro trabalho feito por Jane Christina Pereira (2001), que abrange o período de 1963 a 1976 e cujo *corpus* contém também ensaios e artigos publicados em livro, havia 241 textos referentes à obra de João Antônio. A maior parte desse material pertence aos anos de 1963, 1975 e 1976, sendo os anos de lançamento de quatro obras: *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), *Leão-de-chácara* e *Malhação do Judas Carioca* (1975) e *Casa de Loucos* (1976).

O trabalho de Cássia Alves Ferreira (2003) abrange um grande volume de publicações sobre o escritor, um total de 673 títulos, no período de 1977 a 1989. Em todos os anos, exceto 1988 (que contém só 3 títulos), o escritor foi fartamente comentado na imprensa brasileira, pois em quase uma década ele publicou seis livros e a narrativa “Malagueta, Perus e Bacanaço” foi adaptado para o cinema. Foi a época de maior produção na trajetória de João Antônio e que proporcionou a ampliação de sua rede de contatos no Brasil inteiro.

Sobre a terceira parte (1989-1996), recentemente finalizada, nada podemos afirmar, pois o nosso recorte se encerra em 2006. Contudo, poderia apontar as possíveis causas da diminuição de críticas sobre sua obra quando, na década de 90, o escritor deu lugar ao jornalista, como afirma Telma Maciel da Silva:

O final da década de setenta e os anos oitenta são, portanto, de muito trabalho para o autor. Sem conseguir abandonar as atividades desempenhadas na imprensa e com uma produção livresca bastante significativa, aliada à luta para vender suas obras, João Antônio se vê sempre abarrotado de compromissos que, aos poucos, o vão afastando da escrita propriamente dita. Deste modo, ele acaba por, nos anos noventa, não apresentar grandes novidades. Ainda assim, é premiado com mais um Jabuti, em 1993, pela coletânea *Guardador*, cujos textos já não apresentam caráter de ineditismo, uma vez que grande parte deles foram publicados em outras obras. (SILVA, 2006b, p.8, grifos nossos)

Portanto, apesar dos esforços empreendidos para promover a sua literatura, a vida atribulada impede que João Antônio escreva inéditos e que surja com uma novidade para o mercado. Sendo assim, o quadro insatisfatório de críticas a seu respeito aumenta, como já foi dito, depois de sua morte, quando não há mais os “favores” dos amigos.

É necessário dizer também que algumas de suas obras ficaram um tempo sem reedição, só sendo relançadas entre 2001 e 2004 pela editora Cosac & Naify. Deste modo, a crítica, alimentando-se de notícias de última hora, ficou sem novidades por um longo período no qual parecia que João Antônio tinha sido esquecido. Tal situação parece ser própria do meio literário nos jornais e não atinge somente João Antônio. Poderíamos até pensar que, se não fosse o empenho do escritor em estar sempre em evidência na imprensa, talvez sua obra não tivesse sido tantas vezes comentada.

Fora do âmbito da crítica literária, os textos de João Antônio têm sido publicados em antologias nas quais está ao lado de grandes escritores. Uma de suas produções esteve presente na coletânea de contos sobre futebol *Onze em campo e um banco de Primeira*, pela editora Relume-Dumará; e em 2002, na seleção de contos sobre o bairro da Lapa (Rio de Janeiro) intitulada *Lapa do desterro e do desvario*, publicado pela Casa da Palavra.

Em 2005, seu amigo e jornalista Mylton Severiano lança a biografia *Paixão de João Antônio*, baseada na longa correspondência que manteve com o escritor e em depoimentos de amigos e parentes. Anteriormente, em 2002, o jornalista Carlos Alberto F. de Azevedo Filho publicou sua dissertação de mestrado *João Antônio: repórter de Realidade* sobre a produção jornalístico-literária do escritor na revista *Realidade*. Quanto às pesquisas acadêmicas, destacam-se os trabalhos, em iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado, que foram e têm sido desenvolvidos por meio do Acervo João Antônio. Tais trabalhos representam uma significativa contribuição aos estudos da obra joãoantoniana e fazem com que a UNESP de Assis continue tendo um acervo privilegiado para pesquisadores da obra do escritor.

Este trabalho contém três capítulos, mais os anexos que compreendem o resumo dos textos analisados e a indexação. No capítulo 1, esboçamos, em linhas gerais, algumas questões sobre a crítica literária que atua nos jornais e como, nesse contexto, a literatura de João Antônio é tratada. Nessa etapa, analisamos alguns textos, de caráter memorialístico, publicados na ocasião de sua morte.

Nesse capítulo inicial, há também a abordagem das críticas sobre as reedições, considerando sua importância no “renascimento” da literatura do escritor, a fim de esmiuçar a recepção de suas obras dentre os aspectos mais relevantes comentados pelos críticos. É fundamental esclarecer que, nessa parte do trabalho, a maioria dos textos se refere às obras publicadas depois de 2001, ou seja, aquelas reeditadas pela Editora Cosac & Naify. Foram cinco obras: *Abraçado ao meu rancor*, *Ô Copacabana!*, *Leão-de-chácara*, *Dedo-duro* e *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*. Das cinco, apenas três são abordadas nos textos recolhidos, pois, entre os periódicos pesquisados, não se encontra recepção crítica das reedições das obras *Leão-de-chácara* e *Dedo-duro*.

No segundo capítulo, intitulado “João Antônio e sua crítica: pela construção de uma imagem”, refletimos, por meio da análise dos textos, como o escritor forjou sua imagem e de que maneira os críticos ajudaram a consolidá-la.

No terceiro e último capítulo, encontra-se a análise de alguns trabalhos acadêmicos sobre João Antônio, selecionados por um critério que leva em conta o caráter exemplar de tais textos, no cenário da crítica acadêmica sobre o escritor.

É indispensável dizer que o número de textos, tanto jornalísticos quanto acadêmicos, que compõem este trabalho não é absoluto. Nosso objetivo sempre foi estender o máximo possível o *corpus* para que fosse construído um quadro completo da fortuna crítica do escritor nesse período (1996-2006). Entretanto, presumimos que grande parte das publicações sobre o escritor pode ser encontrada aqui. A busca por esse material aconteceu de diferentes formas e passou por vários entraves que contribuíram para restringir o número de periódicos pesquisados. Num primeiro momento, acreditamos que seria possível reunir textos do Brasil inteiro, tal como João Antônio tinha feito. No decorrer do trabalho, vimos que isso seria dificultoso, já que demandaria mais tempo do que o mestrado nos possibilitava. Além disso, grande parte dos periódicos não possui arquivo digitalizado, que facilitaria a busca dos textos. Por fim, decidimos nos concentrar nos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde, evidentemente, encontramos a maior parte das críticas. Na *Folha de S. Paulo* e no *Jornal do Brasil*, pudemos pesquisar em arquivos digitalizados, disponíveis na internet e sem custos. A reunião de todo esse material foi mais satisfatória ainda com a colaboração de amigos que nos

enviaram teses, dissertações, reportagens e idéias. Contamos também com os volumes de trabalhos acadêmicos e toda a fortuna crítica organizada, das décadas anteriores, pertencentes ao Acervo João Antônio. Todo o trabalho de pesquisa foi, portanto, um esforço em conjunto, de pesquisadora e de orientadora, e obtive colaborações significativas para sua realização.

Assim, acreditamos que os aspectos levantados nesses textos não são os únicos possíveis e não impedem novos olhares, mesmo porque não há como pretender esgotar o universo da bibliografia ativa e passiva de João Antônio. Enfim, mediante os apontamentos feitos sobre a recepção crítica de João Antônio, cremos ter mostrado parte importante da construção de sua memória que, porventura, irá auxiliar os estudiosos quanto à produção variada do escritor e aos conceitos atribuídos a sua obra.

## Capítulo 1

### A crítica literária e as reedições

O ato crítico é a disposição de empenhar a personalidade, por meio da inteligência e da sensibilidade, através da interpretação das obras, vistas sobretudo como mensagem de homem a homem.

(Silviano Santiago: “A crítica literária nos jornais”)

[...] quanto à promoção de livros, São Paulo é uma praça e o Rio é outra. Tarde e noite de autógrafos funciona bem aí. Mas aqui é um fracasso. O que interessa em ambas as metrópoles é movimentar a coisa livro pela imprensa [...]

(João Antônio: *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*)

Entre os estudiosos de literatura, tem sido constantemente discutida a questão da crítica literária nos jornais. Aliás, esta é uma discussão já antiga: desde os anos 40 e 50 do século XX, quando se focava, sobretudo, a crítica de rodapé e tinha como um dos seus debatedores Afrânio Coutinho. Nos dias atuais, a questão do rodapé se transformou na resenha e no que ela teria de insípida e superficial e, ao mesmo tempo, de hábil divulgadora de obras contemporâneas.

Neste capítulo, apresentamos alguns pontos problemáticos desse debate que se trava em torno da recepção crítica em periódicos e mostramos de que modo a obra do escritor paulista João Antônio é tratada pelos críticos. Para compreendermos tal recepção é preciso, antes de tudo, tecer algumas considerações sobre as tendências da crítica literária jornalística. Primeiramente, considera-se, em geral, a crítica literária como uma atividade que se divide em duas vertentes que, a princípio, se opõem, mas, como veremos adiante, podem se intercambiar: a crítica jornalística e a crítica universitária.

De acordo com Silviano Santiago (2005), a atividade crítica praticada nos jornais e revistas apresenta problemas: em primeiro lugar, mesmo veiculada em periódicos de grande impacto nacional, ela tem a difícil tarefa de resistir ao império dos meios de comunicação de massa, ainda mais em um tempo que a maioria dos suplementos literários desapareceu. Em segundo lugar, caso a crítica literária estivesse nas mãos de acadêmicos, esses teriam que elaborar uma linguagem mediana que pudesse satisfazer tanto os especialistas quanto os não especialistas. Isso seria possível? E em terceiro lugar, será que a perda do rigor científico, consequência da adesão à escrita jornalística, empobreceria o debate de idéias no esforço democrático de aperfeiçoamento do saber? Todas essas questões suscitam uma idéia: como fazer para que cheguem ao público globalizado e pós-moderno reflexões que passam dentro das instituições do saber? Além disso, há uma questão maior que a democratização do saber: “a história dos meios de comunicação de massa é a história da sua desliteraturização.” (SANTIAGO, 2005, p. 259).

De fato, se observarmos os suplementos de dois dos principais jornais de São Paulo, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, veremos que neles a literatura tem tido pouco espaço. Tanto que tais suplementos não podem ser classificados como literários, mas como culturais, já que se ocupam de diversas áreas do conhecimento, como filosofia, sociologia, ciência, arte, mídia televisiva, etc. O que Santiago aponta acima é o impasse que sofre a literatura nos jornais, ou seja, o esforço de proporcionar ao grande público dos jornais a profundidade das reflexões acadêmicas, mas de forma clara e fluente como requer o texto jornalístico. O



problema é que, muitas vezes, isso não acontece e, por isso, a resenha é bombardeada por aqueles que defendem um texto realmente crítico e formador de opinião.

Ora, em se tratando de texto jornalístico temos aí muitas implicações no que se refere à natureza dele. O texto de jornal tem que obedecer a certas regras próprias do meio, como espaço físico, tempo de fatura, vocabulário, entre outras coisas. Evidentemente, essas regras nem sempre são levadas à risca e também não podem ser tomadas como modelo para todos os textos de crítica literária, mas quando o texto ultrapassa essa limitação jornalística temos, então, o que chamamos de ensaio. A classificação dos textos em ensaio e resenha não é estanque, mas a distinção entre eles ajuda a entender as possibilidades de abordagem do texto literário.

Embora haja textos significativos, como os ensaios, que têm um olhar mais incisivo sobre a literatura, a crítica jornalística atual se realiza, sobretudo, por meio de resenhas de cunho meramente informativo, pois se destina a um grande número de leitores. A resenha tem como fundamento ser objetiva e, por isso, não aprofunda a leitura da obra, de modo que apresenta somente aquilo que é necessário para informar o leitor. Tal qual a notícia, a resenha é especializada no fato imediato, no livro recém-lançado ou relançado, em datas como aniversário ou morte do escritor e, por fim, parece seguir a movimentação do mercado.

Considerando o período estudado, pode-se dizer que João Antônio virou notícia na ocasião de sua morte, em outubro de 1996. No final do mês de outubro e durante o mês de novembro do ano citado, o escritor frequentou as páginas dos jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, duas cidades que representou em seus textos literários e jornalísticos e onde viveu boa parte de sua vida. Dos textos que datam dessa época, alguns são simplesmente a notícia de seu falecimento (como ocorreu e uma breve exposição sobre o escritor) e outros são textos de memória ou crônicas, isto é, homenagens feitas por jornalistas e escritores que, de certa forma, conheceram ou conviveram com João Antônio e vão lembrar e reacender sua memória.

Em três textos dessa época que podem ser lidos como crônicas, escritos por Moacyr Scliar, José Castello e Ignácio de Loyola Brandão, João Antônio é lembrado não apenas como escritor, mas também como intelectual atuante que, num projeto em conjunto com outros escritores, buscou divulgar o que acreditava ser genuíno na cultura brasileira. Citada na Introdução, a preocupação do escritor com a memória nacional e, por conseguinte, com sua própria posteridade, é tema constante nas reminiscências desses três escritores.

Em “João Antônio: retrato de um escritor brasileiro”, Moacyr Scliar (1996, p.6) relembra as viagens pelo Brasil nas quais escritores da mesma geração do escritor promoviam

conversas sobre literatura com estudantes em universidades e escolas. “Nunca houve tantas reuniões de escritores nessa época: como se sentíssemos a necessidade desses encontros, da convivência e de mútuo apoio. Muitas e duradouras amizades assim nasceram.” O autor, entretanto, acredita que um grande escritor como João Antônio não precisava de apoio, embora tenha passado por maus momentos em sua trajetória.

Nessa crônica, a importância dada à obra do escritor se alia à necessidade de sua leitura principalmente nos tempos de repressão: “Sua ficção voltada para os pobres, para os marginalizados era, como o teatro de Plínio Marcos e a música de Chico Buarque, peça de resistência. Ele não era um militante; escrevia sobre o povo porque jogava sinuca com o povo.” (SCLIAR, 1996, p.6).

Nas palavras de Scliar (1996, p.6), o projeto literário do escritor se coloca claramente: “Seu Brasil era o Brasil grandioso em sua pobreza e em sua tristeza.” Para o autor, João Antônio não só representava a parcela mais desfavorecida da sociedade, mas era o próprio povo, fazia parte dele. Desse modo, a identidade do escritor é trabalhada no sentido de aproximá-lo do genuinamente brasileiro, popular e, portanto, verdadeiro colaborador da literatura brasileira, principalmente no que concerne à inclusão dos marginalizados. Em linhas gerais, podemos perceber que Scliar fornece legitimidade para a literatura do escritor, na medida em que este teria o mesmo comportamento que os seus personagens, ou seja, João Antônio falava como alguém “de dentro”.

“[...] Um personagem de um Brasil ingênuo e caloroso que desapareceu [...]”, é assim que José Castello (1996, p.D10) define João Antônio na crônica “João Antônio na máquina do tempo”. Há nesta frase dois desaparecimentos: o do escritor, cuja morte só foi descoberta vários dias depois, e o desaparecimento de uma época em que as manifestações populares e as relações sociais ligadas a elas, ou seja, a malandragem, a sinuca, o samba, a zona de meretrício, enfim, tudo aquilo que habita o mundo de João Antônio, ainda não tinha sido destruído. Por esse motivo, Castello (1996, p.D10) acredita que o escritor, “desaparecendo, [...] estava apenas retornando a um tempo que é apenas seu”, pois “um escritor que sempre viveu quixoteando contra o tempo, decide simplesmente desaparecer.” E mais adiante complementa: “Fico me perguntando onde João Antônio se escondeu e só consigo pensar no passado e não na morte.”

Castello focaliza João Antônio como um personagem, com traços bem definidos e marcantes: “Eu posso vê-lo, sem esforço, metido em bermudas amarrotadas, sandálias de borracha, vestindo uma moda que pertence a homens para quem a virilidade é sobretudo um modo de evitar a beleza.” (CASTELLO, 1996, p. D10). Ou, “[...] feio e doce, diante de seu

chope espumante, pura anestesia líquida, a me provocar com frases fortes.” (CASTELLO, 1996, p. D10). O autor destaca o sentimento de raiva e ternura que o escritor nutria pelo mundo e que se manifestava em suas atitudes e até no seu modo de vestir. A mesma originalidade daquele “Brasil ingênuo e caloroso”, Castello vê em João Antônio e demonstra que havia uma coerência entre pensamento e atitude:

Eu sempre admirei nele, em especial, dois atributos normalmente tidos como imprestáveis e até corruptores: a impaciência para com a modernidade e um apego fanático, mas inocente, a uma filosofia da vida vagabunda, errante, que os bandidos de hoje com suas escopetas e submetralhadoras simplesmente aniquilaram. (CASTELLO, 1996, p.D10)

Nessa crônica, enfim, José Castello forma a imagem do escritor tomado pela nostalgia e condizente com a sua “filosofia de vida”. As lembranças de Castello nos mostram um homem honesto em relação a si próprio e que, de certo modo, desprezava a sua própria condição de escritor reconhecido e premiado.

Em “João Antônio, o brasileiro”, Ignácio de Loyola Brandão (1996, p.C2) diz que, com a morte do autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, “malandros, jogadores de sinuca, marginais desamparados da vida perdem o seu pai, protetor, porta-voz na literatura brasileira.”

Assim como Castello, Brandão afirma o desprendimento de João Antônio com o tempo que corresponderia aos seus sumiços, à sua falta de horários, ou seja, à sua aversão a esse mundo cartesiano e cheio de compromissos. O autor também fala sobre sua admiração por ele: “O que me encantava em João era a sua permanente indignação com a politicalha, com a governalha brasileira, com a elite corrupta, com o academicismo estéril que permeia a universidade.” (BRANDÃO, 1996, p.C2). Era essa idéia que o escritor fazia circular nos bate-papos com os estudantes, mencionados por Scliar e aqui lembrados por Brandão (1996, p.C2): “Enchíamos platéias. Comovente, porque não éramos ídolos de tevê ou futebol, e sim escritores, atividade um tanto marginalizada.” Essas conversas sobre literatura com os estudantes por vezes descambava para a política, ainda mais nos tempos da censura: “Anos difíceis, a ditadura imperando e a gente levando as notícias proibidas na imprensa.” (BRANDÃO, 1996, p.C2). Tais encontros foram boas oportunidades para João Antônio, que lutava pela profissionalização do escritor e contra a condição pingente e marginal em que este, na sua opinião, se encontrava naquele momento. A imagem que Brandão traça é a de um homem “independente e solitário”:

João empolgava pela sua franqueza, quase rudeza, pela agressividade. Bravo, exaltado, coerente, não era homem fácil, não fazia concessões. Pagou por isso, muitas vezes. No entanto, era terno, fiel e amava, acima de tudo e de todos, a literatura. Viveu para ela, por ela, dedicado, extremado, sacrificado. (BRANDÃO, 1996, p.2)

As impressões elogiosas dos três autores exaltam a coerência nas palavras e ações do escritor, imputando-lhe um alto grau de dignidade e honestidade. E por isso, levando em conta o título da crônica, Brandão parece nomear João Antônio como “verdadeiro” brasileiro, cuja principal característica seria a integridade. Além disso, os três autores observam em João Antônio o paradoxo existente em todas as pessoas e que conhecemos, grosso modo, como o bem e o mal, mas que nele se transforma em “feio e doce”. Deste modo, o escritor é visto pela mesma ótica que representou seus marginais: um misto de “raiva e ternura”. Assim, é possível observar nessas crônicas uma reverência ao escritor que acabara de morrer e uma tentativa de colocá-lo o mais perto possível daquilo que desejou em vida, ou seja, do reconhecimento de sua literatura como autêntica e da assimilação de sua figura com aquilo que elegeu como popular.

Em 1º de novembro de 1996, na seção Obituário, o jornal *O Globo* anuncia a morte de “João Antônio, 59 anos, cronista dos marginalizados”. Segundo o autor (desconhecido) da coluna, “ultimamente, João Antônio alternava momentos de lucidez com outros de amnésia, atribuída ao alcoolismo. Ele vinha bebendo muito, o que fez alguns amigos se afastarem. E tinha o hábito de viajar sem avisar.” A referência ao uso da bebida parece servir para destacar o estado de solidão e amargura por que o escritor passara nos últimos anos e, ao mesmo tempo, destacar o espírito boêmio que sustentara a vida toda, como podemos ver neste trecho:

Amante da cerveja, da sinuca, da conversa de madrugada com os amigos e do Rio de Janeiro, onde morava desde o fim dos anos 60, João Antônio dizia que escrevia em estado de constante embriaguez para conseguir retratar o país: “No Brasil, viver sem estar bêbado é um porre”, disse ele ao GLOBO em 1994. (JOÃO..., 1996, p. 15)

O autor destaca ainda a erudição do escritor como se esta se incumbisse de mostrar os dois mundos em que sua literatura transitava, o popular e o erudito: “numa mesa de bar ou durante entrevistas, João Antônio era capaz de citar Beckett, Camus, Dostoiévski e Sartre, suas leituras prediletas.” (JOÃO..., 1996, p. 15).

Um aspecto importante ressaltado pelos autores é o fato de João Antônio ser consciente a respeito do que se passava no país e colaborar, por meio de sua produção, para o

debate de idéias que pululavam na época. Suas reflexões circulavam não apenas na imprensa e nos livros que produzia, mas também em cartas copiosamente escritas durante a vida toda. Suas colaborações se estendiam por todos os lados, seja em entrevista, debates em centros culturais, escolas e universidades. Embora existam informações de que o escritor contribuiu para criticar a ditadura, ele não foi prejudicado diretamente, como o foram vários outros escritores e artistas que, além de terem suas obras censuradas, tiveram que fugir do país e viver no exílio. Essa idéia será melhor explorada no Capítulo 2, onde pretendemos desmontar alguns conceitos a respeito do escritor e sua obra.

Feito esse parêntese, voltemos para o debate sobre a crítica literária brasileira em periódicos.

Em entrevista ao *Acadêmico (Jornal Catarinense de Cultura)*, de março de 1981, João Antônio tece algumas considerações sobre a crítica literária brasileira. São dele essas palavras:

Os grandes críticos brasileiros não estão exercendo o espaço cultural nenhum junto a jornais e revistas —o que eu quero dizer é: Antonio Candido, Alfredo Bosi, Benedito Nunes, Paulo Rónai... Fábio Lucas... quer dizer esses são os verdadeiros críticos do Brasil. (ANTÔNIO, 1981, p. 11)

Silviano Santiago aponta mais uma questão sobre a crítica literária:

Por um lado, a produção crítica e ensaística dos não especialistas se revelou insuficiente face às novas exigências de rigor teórico defendidas pela crítica universitária, atualizadas pelos critérios de pesquisa em métodos de leitura. Pelo outro, a campanha sistemática contra os não-especialistas serviu para esvaziar de vez a grande imprensa de uma contribuição, talvez aqui e ali um pouco manca, mas sempre de muito boa qualidade. (SANTIAGO, 2005, p.165)

É o que reclama também João Antônio, ainda na entrevista citada, ao dizer que “a nossa crítica, exercida nos jornais, é uma crítica que não tem o peso dos verdadeiros críticos brasileiros... que são estes já citados, que possuem embasamento crítico para isso, porque a crítica é uma ciência, é algo muito sério...” (ANTÔNIO, 1981, p. 12).

Parece-nos que as opiniões de Silviano Santiago e de João Antônio se opõem num ponto: se o escritor considera a crítica uma ciência que somente poderia ser exercida pelos críticos já consagrados, Santiago acredita que os não especialistas também contribuem qualitativamente para a apreciação das obras. No centro dessa questão, encontra-se a

qualidade das resenhas literárias cujo debate suscita opiniões diversas, como veremos a seguir. Aparentemente, as duas formas de crítica literária se diferenciam, mas, na opinião de alguns estudiosos, há a possibilidade de uma entrar no terreno da outra.

Em uma entrevista ao jornal eletrônico da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), os professores e escritores Alcir Pécora, Moacir Amâncio e Paulo Franchetti respondem às questões de Álvaro Kassab e Eustáquio Gomes sobre crítica literária, em especial, a jornalística. Franchetti afirma que “a crítica literária permaneceu nos jornais, mas passou a ser exercida majoritariamente por profissionais ligados à universidade” e que “a diminuição do espaço da crítica nos jornais também se pode atribuir ao desinteresse, para o público culto mas não especializado, do tipo de crítica acadêmica que acabou predominando no Brasil.” Ainda segundo Franchetti, “... a crítica literária, a atitude crítica, minguou na universidade e, por isso, quando os acadêmicos ocupam o espaço destinado à crítica literária nos jornais, produzem de regra uma coisa híbrida e insossa, que não é bem crítica literária, e também não é rigoroso estudo acadêmico.” Já Amâncio cita Antonio Candido como bom exemplo de junção entre o acadêmico e o jornalístico: “Candido é tido como um exemplo, um modelo de texto claro, inteligente, sensível, etc. E ele conta que obteve a receita de estilo numa redação de jornal, quando era jovem e seu editor lhe disse como deveria escrever.” (KASSAB; GOMES, 2004, não paginado)

Pelo que vimos, o intercâmbio entre as duas vertentes acontece, pois muitos professores universitários são autores de resenhas no jornal e, ao mesmo tempo, há o jornalista de cultura com formação voltada para a literatura. Os entrevistados apontam também que, não só a crítica jornalística, mas também a universitária se apresenta em dificuldade no que diz respeito à qualidade da recepção às obras literárias.

Sobre a mesma questão, Maria Esther Maciel afirma que é

[...] crescente a atuação de acadêmicos em jornais e revistas culturais do país (são muitos os professores-resenhistas) e a procura, cada vez mais evidente, por parte de jornalistas, dos cursos de pós-graduação em estudos literários. Isso tudo acaba por diminuir tanto a distância entre a crítica acadêmica e a jornalística, quanto a oposição entre elas [...] (MACIEL, 2006, não paginado).

E mais:

Mesmo com relação à linguagem, percebe-se que muitos críticos de formação acadêmica já têm buscado se desviar dos jargões teóricos e do excesso de citações, sem com isso abdicarem do rigor e da consistência. Da

mesma forma, não são poucos os jornalistas literários que hoje procuram se esquivar do mero release, para assumir um trabalho crítico mais apurado, e até mesmo autoral, que converte o ato de resenhar também em um exercício de reflexão e lucidez. O que não quer dizer que os acadêmicos ortodoxos e os jornalistas de superfície deixaram de existir ou que os traços inerentes a cada modalidade crítica tenham se dissipado. (MACIEL, 2006, não paginado).

As palavras de Maciel reforçam o que Moacir Amâncio afirmou anteriormente no que diz respeito à permuta de linguagem entre as duas vertentes. Isso mostra que essa questão não pode ser tratada de maneira dicotômica, colocando as duas vertentes como dois blocos fechados e sem comunicação. Embora haja a tentativa de fugir da classificação dicotômica que desprivilegia a complexidade do texto crítico, não podemos ignorar algumas linhas divisórias correspondentes a cada “modalidade crítica”, como apontou Maciel.

Enquanto Pécora e Amâncio visualizam a falência da crítica jornalística, Franchetti acredita que

no momento, se há um tipo de texto que dê conta da matéria viva e que possa apontar caminhos ao criador, esse texto é a resenha e não a tese ou artigo publicado em revista universitária. O que há, para voltar ao mesmo ponto, é uma dificuldade da crítica universitária de lidar com os objetos do presente. E um despreparo da crítica jornalística para o fazer sem se constituir em imitação ou glosa descorada do discurso acadêmico. (KASSAB; GOMES, 2004, não paginado)

A importância da resenha na trajetória do escritor, apontada por Franchetti, nos remete também ao papel que desempenha na comunicação entre obra e público. A tríade escritor-obra-público, condição básica para a consumação da comunicação, encontra na resenha meios de se realizar. Isso quer dizer que a resenha, ao tratar de objetos contemporâneos, cumpre o seu papel de mediadora e, ao mesmo tempo, contribui para a formação da imagem do escritor. Veremos, então, a função social exercida pela resenha para compreendermos sua importância, a despeito de sua inconsistência.

Um dos efeitos da crítica, segundo Ana Cristina Coutinho Viegas (2002), é legitimar a obra literária, dar status de literatura, ou seja, reconhecer o valor de uma obra e elevar o escritor às instâncias canônicas. Quanto mais atenção uma obra tiver — considerando a diversidade de opiniões, a autoridade dos críticos e o prestígio dos periódicos onde é publicada — maior será o seu valor e o de seu autor. Portanto, o reconhecimento de uma obra está condicionado à atenção que lhe é dada e nem tanto pelos seus valores intrínsecos. Assim, de acordo com Viegas,

O caráter literário de um texto não é simplesmente o resultado de um conjunto de indicadores textuais, uma vez que o valor da obra se produz segundo contextos sócio-culturais específicos. Importa, portanto, para os estudos literários, não apenas a produção material da obra, mas também a produção do valor da obra. Esse valor é socialmente instituído, prescindindo de sujeitos dotados da disposição e da competência necessárias para tal. (VIEGAS, 2002, p.9)

Portanto, a crítica contribui para o sucesso ou fracasso do escritor, delineando texto a texto o perfil deste. Além disso, na opinião de Moacir Amâncio,

[...] o texto comunicativo estabelece o vínculo entre a obra e o leitor, o texto crítico contribui para a formação desse leitor, se o texto vem em linguagem cifrada acabou-se o vínculo, se o texto é superficial e até leviano, deforma: o formador de opinião que não pensa nem tem condições de avaliar apropriadamente o que leu, presta um desserviço. (KASSAB; GOMES, 2004, não paginado)

Considerando tais proposições sobre a resenha — como a legitimação, a valorização e a divulgação da obra literária e a construção da imagem do escritor —, podemos constatar a importante tarefa desenvolvida por ela enquanto formadora de opinião, embora, por vezes, repita conceitos já muito gastos, como veremos no Capítulo 2. Este breve esboço da crítica jornalística atual é pano de fundo para entendermos como veio sendo formado o perfil de João Antônio na imprensa. A resenha, como já foi dito, tem suas peculiaridades, e acreditamos que devemos respeitar tais limites, sobretudo porque estes são previamente ditados pelo mercado. Entretanto, não poupamos esforços para empreender uma leitura crítica de tais resenhas, não só porque deve ser a nossa tarefa neste trabalho, mas também porque temos que relativizar alguns conceitos que circulam em torno da imagem de João Antônio.

As indagações levantadas por Silviano Santiago a respeito da tensão entre crítica universitária e jornalística nos levam a pensar, neste momento, nos diálogos que podem existir entre as duas. Em primeiro lugar, muitos críticos que atuam em periódicos são provenientes da universidade, ou seja, são pessoas que possuem um conhecimento específico e que procuram adaptar ao discurso jornalístico o rigor da pesquisa científica e, assim, diminuir a distância entre a universidade e o público. Em segundo lugar, podemos verificar nos trabalhos acadêmicos sobre João Antônio, uma grande recorrência à fortuna crítica sobre ele em periódicos a fim de apoiar suas idéias. Tanto no sentido universidade-jornal quanto jornal-universidade, as duas vias tendem a favorecer o leitor ao construir um discurso com múltiplas



referências. E, apesar das ressalvas à crítica no jornal, não pode ser descartada a importância da resenha literária como algo capaz de atingir um número razoável de leitores, o que não significa o rebaixamento da qualidade, pois cabe à crítica apresentar a obra ao público de forma clara e objetiva, tarefa que a resenha pode desempenhar.

Antes de qualquer coisa, é preciso pôr em relevo algumas proposições acerca da pouca incidência da literatura de João Antônio na imprensa. Em primeiro lugar, com a sua morte, o escritor corre o risco de ser esquecido se não houver divulgação e estudos de suas obras na imprensa, pois que é ela que faz movimentar o nome do escritor junto ao grande público. Em decorrência de sua morte, houve uma diminuição gradativa da recepção às suas obras em periódicos, em comparação a outros períodos, processo que o levaria ao esquecimento se considerarmos que João Antônio ganhou dois prêmios Jabuti, foi estimado como um dos maiores escritores da Geração de 1970, além de sua obra ter sido muito badalada nas três primeiras décadas de sua carreira. É preciso salientar, entretanto, que o escritor não foi o único a sair de cena, pois muitos escritores, entre eles Ignácio de Loyola Brandão, foram importantíssimos na década de 1970, mas, com a reabertura política, quase desapareceram. Em reportagem de Carlos Juliano Barros (2005), dois estudiosos da obra do escritor paulista, Rodrigo Lacerda, editor das obras do escritor na Cosac & Naify, e Ana Maria Domingues de Oliveira, responsável pelo Acervo João Antônio, esclarecem de forma objetiva esse problema.

Rodrigo Lacerda elabora uma hipótese:

Ele [João Antônio] era de origem proletária e, na época da ditadura, tudo o que os intelectuais da classe média queriam era expressar a opinião do povo. João Antônio fazia isso naturalmente. Esse aspecto ideológico o ajudou muito. Porém, nos anos 1980, houve uma desmobilização política, e esse ambiente que o favorecia se desfez. (BARROS, 2005, p. 42)

O autor da reportagem na qual se encontra a declaração transcrita acima, Carlos Juliano Barros (2005, p.43), diz que João Antônio é autor de um estilo que acabou rotulado. Esse estilo, que mantinha uma relação harmoniosa e artística entre jornalismo e literatura, pode ter sido uma “armadilha para si próprio”. Segundo Ana Maria Domingues de Oliveira, João Antônio “foi muito associado a essa idéia da literatura de fundo jornalístico, que ficou um pouco datada. Isso também contribuiu para esse processo de esquecimento.” Nesse sentido, essas declarações demonstram que os leitores de hoje não se comprazem mais com esse tipo de literatura e que “fez muito mais sentido” para aquela geração que viveu a ditadura, pois expressava os anseios da época. Tanto a reabertura política como o estilo

impedimentos para o “renascer” do sentido de sua literatura coadunam com a pouca divulgação da mídia jornalística e também com a escassa formação de um público-leitor no Brasil.

A chegada do Novo Jornalismo no Brasil, que propiciou a conciliação entre jornalismo e literatura na obra de João Antônio, concedia maior liberdade de criação ao escritor ao tratar da realidade brasileira. De certo modo, a adesão ao Novo Jornalismo era uma maneira de driblar a censura, deflagrada pela ditadura, que ocorria nos espaços da imprensa. Por isso, afirma-se que a literatura de João Antônio talvez tenha ficado datada por não acompanhar as mudanças históricas (reabertura política) cujos rumos iam na contramão do que ele produzia. De acordo com Clara Ávila Ornellas, entretanto, a obra do escritor paulista ainda é atual:

Se ele fizesse uma obra exclusivamente de combate à ditadura militar, apesar de sua validade e da efetiva presença dessa temática em suas criações, esteticamente sua produção se mostraria datada aos olhos de hoje, o que não aconteceu. Consciente ou inconscientemente, João Antônio optou por uma via mais profícua, cujo resultado continua sendo válido e atual. (ORNELLAS, 2004, p.205)

A crítica, contudo, continua fazendo elogios a sua obra e o tem colocado ao lado de grandes nomes da literatura brasileira, como Antônio de Alcântara Machado, Lima Barreto, Manuel Antônio de Almeida e Graciliano Ramos. Além disso, o autor de *Abraçado ao meu rancor* teve várias narrativas publicadas em antologias, mesmo depois de sua morte. Por outro lado, as reedições de alguns de seus livros impulsionaram uma crítica que estava adormecida em relação a sua obra. Fazendo jus ao sucesso do passado, a sua “reestréia” foi bem recebida, embora, como já foi dito, não seja tão freqüente, quanto em outros tempos, a aparição de seu nome nos jornais. Prova disso são livros como *Dedo-duro* e *Leão-de-chácara* que não tiveram a mesma recepção dos outros três livros relançados pela editora Cosac & Naify, *Abraçado ao meu rancor*, *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* e *Ô Copacabana!*.

A boa fama de João Antônio, alcançada nas três primeiras décadas de sua carreira, carregou consigo um cabedal respeitável de críticas sobre as obras. Essas críticas talvez tenham servido de base para as resenhas literárias produzidas atualmente, o que pode ocasionar uma leitura não muito satisfatória das obras do escritor. As resenhas e os artigos sobre João Antônio que circulam na imprensa estão produzindo, por vezes, um discurso monotemático, baseado no que já foi dito sobre o escritor. Ou seja, o que se faz é a reprodução das características principais de autor e obra, na maior parte sem levantar questões que complementaríamos o que já se sabe. Assim, as resenhas reforçam algumas características

atribuídas à literatura joãoantoniana, como a imagem de marginal, pobre e escritor do povo e a igualdade de discurso entre o narrador e o personagem.

De 1996 a 2006, João Antônio aparece na imprensa em circunstâncias como o anúncio de sua morte, as reedições de algumas de suas obras e outras publicações como uma reportagem que elege *Malagueta, Perus e Bacanaço* uma das cem melhores obras da literatura brasileira. Isso indica que, apesar de os comentários sobre sua obra minguaem nos jornais, há críticos atentos à importância de seus escritos para a literatura brasileira.

Em 2001, João Antônio volta à cena com a reedição de seus livros pela editora Cosac & Naify. Nesse contexto, é possível verificar as idéias que permaneceram sobre sua obra, embora em alguns casos tenha tido renovações, e o lugar que ela ocupa atualmente no cenário literário brasileiro. Acreditamos que as reedições contribuíram para sua literatura vir à tona novamente, pois, no espaço jornalístico, elas viraram notícia.

Algumas resenhas sobre as reedições das obras de João Antônio são textos informativos que apresentam somente as características básicas sobre o autor e o livro em questão. Há, entre uma leitura e outra, a mudança de enfoque no que concerne ao tratamento do texto: ora estético, ora biográfico, ou então, estético-biográfico. É possível, portanto, compor um quadro bastante significativo do que representa sua obra para a atualidade e rever algumas considerações que podem auxiliar na compreensão da imagem que se criou de João Antônio.

Diante de tais afirmações poderíamos trabalhar com algumas hipóteses de abrangência das resenhas tratadas aqui que, porventura, se dirigem ao leitor que ainda não conhece João Antônio, funcionando como iniciação à obra do escritor, sendo assim responsável pela formação do público-leitor. Isto não quer dizer que todas as resenhas tenham o mesmo padrão, mas algumas vezes elas acabam por ser uma apresentação em forma de paráfrase da obra resenhada. Um exemplo disso é o trecho da resenha de Bertholdo de Castro, sobre o relançamento de *Ô Copacabana!*:

Dos tipos do bairro, fala dos guarda-vidas que exibem músculos e distribuem sorrisos para as crianças e as mulheres na areia e mostram-se heróicos nos salvamentos no mar, principalmente no verão, estação dos afogados e da paquera, “uma generalização carioca”. Percorre botequins xexelentos e colhe discussões de torcedores e anota uma frase: “Você para falar de Zico tem que lavar a boca com álcool antes”. Anda pelo Beco da fome, quando Lindaura servia caldo verde e o Oásis do Beduíno atendia uma fauna esfomeada por quibes. (CASTRO, 2001b, p.4)

Desse modo, as resenhas teriam a função primordial de divulgar a obra recém-lançada, o que talvez reanimasse e ampliasse o público-leitor de João Antônio. Assim, essa forma de apresentação pode ser necessária, porém não enriquece a leitura da obra na medida em que não a problematiza e não renova seu amplo cabedal crítico. A resenha, nesse caso, nos mostra aquilo que nos salta aos olhos na leitura da obra, ou seja, aquilo que qualquer leitor não-especializado seria capaz de perceber. Por fim, ela deixaria a cargo do leitor as impressões e as reflexões que se pode ter sobre a obra.

Em contrapartida, há ensaios que apontam questões que dinamizam a leitura na medida em que aprofundam e indicam as complexas relações do texto e para além dele. Poder-se-ia até dizer que, enquanto a resenha se preocupa em informar, o ensaio está atento à formação do leitor. Porém, a distinção entre os dois gêneros não é, talvez, tão importante na medida em que a resenha, por mais parafrásica que seja, também traz elementos que podem servir para formar um quadro de expectativas sobre a obra e o escritor.

João Antônio surge novamente em grande estilo numa editora que, embora esteja no mercado há apenas nove anos, contém alguns títulos premiados em seu catálogo. A Cosac & Naify era, no começo, uma editora de livros de artes visuais, mas, a partir de 2001, abriu novas linhas editoriais para a publicação de livros nas áreas de literatura brasileira e universal, filosofia, antropologia e crítica literária. Com essas publicações, a editora pretende “preencher lacunas do mercado editorial brasileiro” e “recuperar títulos e autores há muito tempo fora de catálogo”, segundo informações que constam em seu *site*. É nesse espaço aberto pela Cosac & Naify que João Antônio entra com cinco obras relançadas e é preciso dizer que tanto a capa quanto o papel utilizado para elas são de primeira qualidade e acompanham os atributos, inclusive no que concerne ao preço, dos livros de arte publicados pela editora.

Segundo Gonçalo Jr.(2007, p.49), no Brasil, as capas possuem “forte apelo comercial” como se fossem pequenos *outdoors* atraindo “olhares com discrição”. A Cosac & Naify “trabalha com a idéia de objeto íntegro”, ou seja, desenvolve-se uma identidade para uma coleção, pois a capa serve não só para proteger fisicamente a obra, mas também “revelar o conteúdo”. Assim, as capas dos livros de João Antônio terão a assinatura do artista gráfico Raul Loureiro e fotografia em preto e branco de André Arruda. Sabemos que a fotografia é componente da reportagem e, por isso, o emprego dela talvez tenha seguido a noção de conto-reportagem que se imprime à literatura de João Antônio. Deste modo, a capa vai representar imagetivamente o conteúdo do livro, trabalho que podemos ver também dentro da obra, como em *Ô Copacabana!*. Nessa obra, há no meio das narrativas fotografias de duas páginas que captam cenas e personagens da vida carioca, enquanto que em *Abraçado ao meu rancor* a

editora preservou as ilustrações de Grilo, presentes na primeira página de cada texto, feitas para a primeira edição, de 1986.

O reencontro da literatura de João Antônio com o público se dá no momento de grande produção de obras literárias e filmes sobre a marginalidade que é explorada sobre diversos matizes, desde a criminalidade nas periferias até a biografia de malandros famosos como Madame Satã. Alguns escritores que trabalham com essa temática têm seus livros publicados por grandes editoras, enquanto outros estão fora desse âmbito e fazem seus escritos circularem através da produção independente (impresso) ou dos *blogs* (virtual). Esses escritores, segundo análise de algumas críticas recolhidas, têm como influência João Antônio que, como Lima Barreto, trabalhou pela inclusão dos marginalizados na literatura. Portanto, as reedições serviram tanto para “acordar” os leitores antigos de João Antônio, quanto para reanimar a memória do escritor, além de ter sido, claro, um bom empreendimento para a editora Cosac & Naify, que reeditou um autor com ótimas referências, visto que ganhou três prêmios Jabuti.

Com as reedições, então, temos novamente uma “redescoberta” de João Antônio que, não por acaso, pode estar ligada com uma nova “onda” ou “modismo” de trabalhos, nas artes e na literatura, sobre a marginalidade de um modo geral. No cinema muito tem sido feito com essa temática como, por exemplo, os filmes *Carandiru*, *Cidade de Deus*, *O Homem do Ano* e *Madame Satã*. Na literatura, além das tendências apontadas acima, alguns autores que trabalham com a temática dos marginalizados têm tido destaque na imprensa. É necessário dizer que o que une esses escritores é a temática, já que cada um elabora sua literatura de forma distinta. O escritor Antônio Fraga, por exemplo, que foi recentemente relançado, pertence à geração de João Antônio, mas possui características diferentes do escritor paulista quanto ao estilo. Já o escritor Ferréz tem uma relação póstuma com o trabalho de João Antônio, pois considera-o como seu precursor, embora seus estilos também sejam bem diferentes.

A afirmação de uma nova “redescoberta”, com perdão da redundância, é necessária porque João Antônio ficou, por dez anos, de 1964 a 1974, sem publicar nenhuma obra e essa situação mudou somente com a publicação de *Leão-de-chácara* em 1975. O crítico Flávio Aguiar, numa retrospectiva a um artigo seu, publicado em 1975, sobre *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, relembra como ocorreu essa “redescoberta” da literatura do escritor:

[Em 1975] a crítica apontava a existência de uma “redescoberta” de João Antônio pela imprensa e, de um modo geral, não apenas da nanica. Via nisso a idéia de que “agora sim” o povo invadia a literatura. Mas advertia: “nesse

caminho se chega facilmente a absolutizar o ‘marginal’ dos contos e ver nele não um símbolo literário de uma situação histórica, e sim retrato do ‘próprio povo’, fiel e único possível”. (AGUIAR, 2000, p. 147)

Mais adiante o crítico define o que proporcionou essa “redescoberta”:

Havia então um clima de “redescoberta” dessa obra [*Malagueta...*] de João Antônio que coincidia, em 1975, com um clima de “redescoberta” do povo brasileiro — do povão das periferias e dos grotões, dos esquecidos. Essa redescoberta se operava em parte da imprensa, da literatura e da crítica brasileiras, em particular, no caso da crítica, daquela praticada nas universidades e na então chamada “imprensa nanica”, por contraste com a “grande imprensa”.[...] O despertar mais amplo do interesse por sua literatura voltada para a descrição da marginalidade apontava para uma sensação generalizada de marginalização que a todos atingia, naquela altura em que as bases do milagre [econômico] estavam já estremecidas e abaladas. (AGUIAR, 2000, p.145-7).

O livro *Dama do Encantado*, publicado em 1996, é tema da resenha de Rodrigo Lacerda (1997, p.8) que diz que esta obra é a que mais deixa transparecer as preferências e influências culturais de João Antônio. Encontramos em *Dama do Encantado*, retratos de personalidades que o escritor admirava, tais como Aracy de Almeida, Noel Rosa, Nelson Rodrigues, Lima Barreto, Garrincha, Dalton Trevisan, entre outros. Ao contrário dos outros livros de João Antônio (*Malagueta*, *Perus e Bacanaço* e *Leão-de-chácara*, por exemplo) este não teve grande repercussão na imprensa escrita (ou seja, há pouca incidência de críticas a respeito dessa obra) e a partir desse momento o escritor vai ocupar as páginas dos suplementos literários somente como referenciado. Trata-se de textos onde o escritor surge apenas como citação para ilustrar o assunto, tais como futebol, samba, bairros boêmios, Rio de Janeiro, São Paulo, sinuca, malandragem, Geração de 70, elementos que formam a literatura de João Antônio.

Um dado importante para se entender a relevância das reedições é que, dos textos de imprensa recolhidos para este trabalho, um número considerável existe por causa delas, ou seja, há um imenso vazio de críticas de 1997 até 2001, ano em que a obra de João Antônio será relançada. Nesse sentido, Sérgio Sant’Anna aponta a estilização como motivo para que o escritor paulista volte a ser lido:

Através da estilização, ele joga os seus retratos para muito além do meramente documental, dos lugares-comuns. Esta talvez seja uma das principais razões para que sua obra, apenas cinco anos depois de sua morte,

esteja sendo toda reeditada, retirando o autor do limbo em que costumam cair os mortos recentes. (SANT'ANNA, 2001, p. 170)

Em 2001, a editora Cosac & Naify reedita *Abraçado ao meu rancor*, livro publicado pela primeira vez em 1986. Com essa reedição, a editora tem como objetivo lançar luz sobre aqueles autores que estão esquecidos ou fora do mercado. Assim, neste momento, a literatura de João Antônio entra novamente em debate, pois *Abraçado* é publicado enquanto outros títulos do autor estão no prelo.

O relançamento de algumas obras de João Antônio ocorre num momento favorável, já que se tornara difícil encontrá-las até mesmo em sebos. Atualmente, uma das obras que continua nessa condição é *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, romance biográfico sobre o escritor Lima Barreto, publicado em 1977 e até hoje sem reedição.

Entre os resenhistas da obra de João Antônio, há professores universitários, escritores e jornalistas ligados à literatura. É necessário salientar, porém, que não há diferença de linguagem, tampouco de nível na análise das obras. Portanto, considerando as opiniões dos estudiosos já arroladas acima, acredito que as resenhas, se por um lado repetem alguns conceitos, por outro podem apresentar novas reflexões, como a questão da marginalidade do escritor e da concepção de cultura popular em sua obra.

Em “A cidade perdida de João Antônio”, Bertholdo de Castro (CASTRO, 2001a, p. 32) diz que o escritor “renasce com luxo” em *Abraçado ao meu rancor*, obra que continua atual, pois “retorna com seus personagens marginais, que, passados 15 anos, continuam à margem da vida, da sociedade, mas existindo, multiplicando-se, esquecidos pela mãe gentil.” De modo geral, o autor apresenta o conteúdo de cada narrativa do livro e apresenta também os prêmios ganhos pelo escritor.

Quanto à narrativa “Abraçado ao meu rancor”, Castro afirma que é o reencontro de João Antônio com a cidade, agora com o ritmo mais acelerado, sem glamour, sem boêmia. Essa resenha vem acompanhada de um longo texto intitulado “Literatura e bilhar” onde Castro discorre sobre a vida de João Antônio desde seu nascimento, em 1937, suas origens e os primeiros escritos, até sua morte em 1996.

Para apresentá-lo, o resenhista destaca o ambiente de cultura popular e boêmia onde viveu o escritor e onde habitavam seus personagens, o célebre incêndio que destruiu os originais de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e os prêmios recebidos por ele, seu trabalho na imprensa nanica, seu casamento e o nascimento do filho Daniel e os livros publicados dentro

e fora do Brasil. Esse tipo de texto talvez situe o leitor na leitura da obra informando-o de maneira direta sobre o escritor contemporâneo. Por fim, Castro afirma a permanência do escritor nos cânones literários: “Essa é a humanidade com que o autor conviveu e o fez sonhar abraçado ao seu rancor. E os seus personagens tenazes e sofridos, mas alegres, vão ficar na literatura brasileira, assim como João Antônio.” (CASTRO, 2001a, p. 32).

João Antônio aparece como o “contista dos marginalizados” em “A dor no país dos tapinhas que não doem”, de Armando Antenore. O crítico observa em “Abraçado ao meu rancor” uma espécie de violência: “Sangue, tiros, torturas desempenham papel secundário no universo ficcional de João Antônio. O autor [...] prefere tratar de outra espécie de violência, a dos abismos sociais.” (ANTENORE, 2001, p.1). Em “Abraçado” encontramos toda a “fauna habitual de João Antônio”: “o sambista esquecido, os jogadores de sinuca, o flanelinha decrépito.” (ANTENORE, 2001, p.1)

Antenore comenta as outras narrativas do livro que não apresentam esse tipo de personagem, mas que levam também a mesma carga de raiva de “Abraçado do meu rancor”: “Raiva contra as diferenças de classe, contra a degradação das cidades imposta pelo furor capitalista, contra o mundo de fantasias que a mídia vende.” (ANTENORE, 2001, p.1). O autor indaga sobre “quem, afinal, destila observações impiedosas — o autor-narrador ou os personagens?” (ANTENORE, 2001, p.1), aludindo ao caráter autobiográfico da obra de João Antônio.

A obra *Abraçado ao meu rancor*, reencontro do escritor com sua cidade natal (São Paulo), que inclui mais nove narrativas nessa última reedição, lhe rendeu na época da primeira publicação o Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte e o seu terceiro Prêmio Jabuti. Deste modo, é possível perceber a boa receptividade que teve essa obra, embora tenha havido algumas críticas negativas na época de seu lançamento. Portanto, o “renascimento” de João Antônio, apontado por Bertholdo de Castro, é realmente bem-sucedido na medida em que sua obra carrega uma história de sucesso entre críticos.

Dentre alguns aspectos destacados nas resenhas citadas está o fato de a literatura de João Antônio, e *Abraçado ao meu rancor* em particular, ter um cunho autobiográfico. Este fato, que na época de sua edição era um problema para alguns críticos, hoje foi aceito e incorporado à leitura da obra, pois *Abraçado* tem ganhado elogios desde sua reedição em 2001. Outro aspecto relevante é a reflexão de Castro acerca da marginalidade do escritor. Parece-nos que ele não aceita passivamente o rótulo atribuído a João Antônio e delimita o que é marginalidade neste, reflexão que raras vezes é feita quando se fala do escritor.



No mesmo ano, 2001, a editora Cosac & Naify reedita outro título de João Antônio: *Ô Copacabana*, lançado pela primeira vez em 1978. Assim, chega às livrarias mais uma recriação do espaço urbano, agora da cidade do Rio de Janeiro, especificamente do bairro de Copacabana, para onde o escritor se mudou em 1964.

Afirma Bertholdo de Castro (2001b, p.4), em “Copacabana por João Antônio”, que o escritor “revela personagens anônimos, marginalizados, de uma Copacabana que foi perdendo a beleza, mas ainda guarda encantos que a todos seduzem.” Segundo Castro,

Copacabana é vista por João Antônio com os olhos de um antigo amante que percebe a beleza da mulher se esvaír com o tempo nos braços de tantos governos e especuladores imobiliários. Mas ela ainda guarda traços de boniteza indestrutíveis da princesinha do mar, que o autor ao beijar também ficou perdido de amor. (CASTRO, 2001b, p.4-5)

Castro parece evidenciar um dos elementos da literatura de João Antônio: a violência (a dos abismos sociais apontada por Antenore) e a ternura entrelaçadas. Para ele, o escritor “reportou em linguagem literária direta e sintética o universo de ‘grandezas e misérias’ de quem faz da luta pela sobrevivência uma arte.” (CASTRO, 2001b, p.5). “Grandezas e misérias” que podem ser entendidas também como violência e ternura, duas palavras antagônicas que, nas narrativas de João Antônio, se mostram inseparáveis. Afirma ainda que o escritor “colheu retalhos do cotidiano com gana, raiva e, principalmente, carinho”. (CASTRO, 2001b, p.5).

Bertholdo de Castro relembra o observador atento que foi João Antônio: “percorre botequins xexelentos e colhe discussões de torcedores e anota uma frase...” e “encontra na rua, na esquina da Travessa Angrense com Avenida Nossa Senhora de Copacabana, *Mariazinha Tiro-a-Esmo...*” (CASTRO, 2001b, p.4). Como sabemos, o escritor, e também sua crítica, diziam ser não só um mero observador, mas viver a situação, não como alguém que está fora, mas como alguém que pertence ao lugar, ou seja, se tornou tão personagem quanto aqueles que habitavam suas narrativas. Apesar de conter idéias coerentes e fundamentais sobre a literatura de João Antônio, essa resenha apresenta sobretudo a descrição das narrativas entremeada com trechos do livro.

Em “A gema do carioca”, Bernardo Carvalho apresenta uma questão intrigante em *Ô Copacabana*. Segundo o escritor, “uma velha dicotomia informa ‘Ô Copacabana’, de João Antônio (1937-1996). A crença de que há uma cultura popular, majoritária, autêntica e espontânea, em oposição à inautenticidade de uma cultura minoritária e erudita, de elite.” (CARVALHO, 2001, p.E4). O velho conceito de cultura dividida em duas partes, a baixa e a

alta, estaria presente nos escritos de João Antônio, sobretudo na obra em questão. A opção pela marginalidade faria de sua literatura um estandarte em defesa do popular, do que é mais genuíno no brasileiro. Isto é assumidamente o projeto literário do escritor, conforme podemos ver no manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”, publicado em *Leão-de-chácara*:

O de que carecemos, em essência, é o levantamento de realidades brasileiras, vistas de dentro para fora. Necessidade de que assumamos o compromisso com o fato de escrever sem nos distanciarmos do povo e da terra. [...] Daí [...] o nosso distanciamento que reflita a vida brasileira, o futebol, a umbanda, a vida operária e fabril, o êxodo rural, a habitação, a saúde, a vida policial, aquela faixa toda a que talvez se possa chamar radiografias brasileiras. [...] Um compromisso com a coisa brasileira sem retoques, imposturas e embelecões mentais. (ANTÔNIO, 1975, não paginado)

Embora essa idéia da velha dicotomia tenha sido um apontamento mais reflexivo, Carvalho não chega a desenvolvê-la de forma a alterar algum conceito já enraizado sobre a obra do escritor. A questão levantada por Bernardo Carvalho, porém, se torna importante na medida em que revela um ponto pouco explorado na obra de João Antônio, como a sua concepção de cultura popular.

Em “O fantasma da Praça dos Paraíbas”, ensaio dividido em duas partes, Gustavo de Almeida (2004) expõe o universo de João Antônio utilizando trechos de obras do próprio escritor e faz uma análise considerável da produção joãoantoniana. No início do ensaio, o crítico descreve ao leitor o espaço que o escritor habitava antes de morrer, a Praça Serzedelo Correia, popularmente conhecida como Praça dos Paraíbas. O curioso é que a descrição possui um ar de nostalgia, a mesma que os críticos vão apontar na obra de João Antônio:

Ali já foi tradicional que cinco ou seis nordestinos com zabumba, triângulo e acordeão se encontrassem, tocando xote, baião, coco, trazendo uma luz da terra original para pequenas legiões de porteiros, deserdados, operários, infelizes, canibais e inspirados. Hoje, quem vai na velha praça só vê uma Copacabana em desalento. (ALMEIDA, 2004, p. 1)

Para Almeida, João Antônio é o “poeta da marginalidade, Lima Barreto revivido nos anos 60” e mais maldito que Charles Bukowski e John Fante. De acordo com o autor, “nenhum escritor maldito, só para citar um exemplo, teve que reescrever contos inéditos, como é o caso deste ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’.” (ALMEIDA, 2004, p. 1).

Pela dedicação e amor à literatura, Almeida considera João Antônio “um homem que não teve medo da emoção.” E esse enfrentamento, segundo o crítico, o fez descrever “uma

entrevista com Darcy Ribeiro de forma magistral, unindo entrevistador e entrevistado no mesmo universo de dores e angústias”. (ALMEIDA, 2004, p. 1).

Almeida conceitua em um único parágrafo os personagens, o espaço e a linguagem da literatura joãoantoniana e nos mostra, nos dias atuais, como esse universo se transformou:

Seus personagens, seus merdunchos, como gostava de escrever, pareciam entidades que não encontravam o leito do rio da vida. Pelas sinucas de uma São Paulo atormentada e pelas ruas repletas de perdedores de um Rio já esquecido, ele criava seus enredos. Ou o contrário, já que também se aventurava pelas sinucas da Lapa carioca, que na visão dele nunca mais seria a mesma. Quanto aos perdedores, hoje não estão mais sobrevivendo do bom cinismo dos personagens de João Antônio, e sim em eterna guerra urbana contra os incluídos. Talvez hoje João Antônio fosse muito mais atual do que os atuais. Poucos certamente conseguiram tanta fusão entre linguagem de rua e a escrita literária. (ALMEIDA, 2004, p. 2)

Nesta primeira parte do ensaio, a nostalgia está presente em todo o corpo do texto. Embora o crítico descreva um universo que ficou no passado, mostra que a desigualdade social continua atual. Deste modo, Almeida destaca na obra de João Antônio um caráter transgressor identificado por três elementos: o narrador intimamente envolvido no texto, a fusão eficiente entre a escrita e a fala e o olhar enriquecedor sobre a dinâmica do submundo.

Na segunda parte, intitulada “Afinação na arte de zanzar”, Almeida faz uma breve apresentação da infância de João Antônio e de como ele se tornou escritor. A receita para o sucesso do escritor

, segundo o crítico, vem da “experiência pessoal pelas ruas de São Paulo somada à experiência profissional de jornalista curioso” ou do fato de que “a fusão de paulistano típico com jornalista formado no underground [...] carioca moldou um João Antônio com plena capacidade de descrever e analisar as transformações do que então se chamava de cidade grande.” (ALMEIDA, 2004, p. 2).

No título, a palavra “zanzar” parece se referir a um dos elementos básicos do processo criativo do escritor: o ato de sair andando sem rumo de bar em bar, ouvindo e travando diálogos e colhendo expressões populares. Esse zanzar, contudo, estaria ligado a sua experiência como jornalista que matinha relação direta com a matéria de seus escritos.

A fusão do escritor com o jornalista o faria produzir uma literatura de tipo híbrido que para João Antônio nenhuma classificação bastava: “literatura de dentro para fora. Isso é pouco. Realismo crítico. É pouco. Romance-reportagem-depoimento. Ainda pouco. Pode ser

tudo isso trançado, misturado, dosado, conluiado, argamassado uma coisa da outra”. (ANTÔNIO, 1975, não paginado).

O caráter utópico da nostalgia de João Antônio é retomado por Gustavo de Almeida ao defini-lo como um homem revoltado: “o que parecem ser lamentos de quem se agarrou a um passado de cenários até cinematográficos, na verdade, pode ser lido também como um poema de protesto, um debater-se horrorizado contra a velocidade com que informações, padronizações e estereótipos ditam regras e costumes nos dias atuais.” (ALMEIDA, 2004, p. 2).

O último título editado pela Cosac & Naify é *Malagueta, Perus e Bacanaço* que, desde sua estréia em 1963, foi uma obra exaustivamente comentada na imprensa, deixando as demais um pouco esquecidas, pois *Malagueta, Perus e Bacanaço*

“[...]é justamente o quinto título a ser editado, depois de *Abraçado ao meu rancor*, *Ô Copacabana!*, *Leão-de-chácara* e *Dedo-duro* e com isso fecha-se o grupo com os melhores livros de João Antônio”, comenta [Rodrigo] Lacerda que deixou por último justamente a primeira obra para quebrar uma velha sina: a de João Antônio ser habitualmente lembrado apenas como o autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. “Os demais textos, que têm idêntico vigor, saíram antes para comprovar isto.” (BRASIL, 2004, p.D2).

O trecho da resenha de *Malagueta, Perus e Bacanaço* denuncia uma situação também observada por nós durante a leitura dos textos analisados: a de que João Antônio parece ser autor de um livro só, no caso, de *Malagueta*. É difícil, porém, fugir dessa sina pela própria história de sucesso que este livro possui. Lançada por um dos maiores editores do país, Ênio Silveira, essa obra significou para João Antônio dois prêmios Jabutis e um prêmio Fábio Prado.

Segundo Jerusa Pires Ferreira (2003), Ênio Silveira, editor da Civilização Brasileira por mais de quarenta anos, foi um participante ativo nos processos políticos de resistência à ditadura militar no país. A linha editorial da Civilização Brasileira correspondia aos anseios ideológicos e políticos de seu editor. Embora o Golpe Militar de 1964, estopim para a ditadura, seja posterior à publicação de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, é possível dizer que a posição ideológica do editor e seu projeto editorial já vinham sendo construídos. Daí a importância da obra de João Antônio para o projeto editorial de Ênio Silveira, visto que havia certas afinidades no que concerne à representação das realidades brasileiras. Em uma ampla entrevista publicada em livro pela Edusp, Ênio conta qual era o projeto que pretendia para sua editora:

comecei [...] dando guarida e divulgação a livros de pensadores marxistas e não marxistas, [...] a todos aqueles que repensassem criativamente o processo social, político e econômico brasileiro— a lançar vários autores importantes, que não eram os autores oficiais, mas que o *establishment* burguês aceitava com amplo sucesso. (FERREIRA, 2003, p. 56).

Assim, a editora de Ênio Silveira lançou, além da edição completa de *O Capital* de Karl Marx, autores como Gramsci, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, entre outros. A editora, nas palavras de Ênio, significou, mais tarde, uma manifestação contra a ditadura da época, mas sem ser partidária. Um dos trabalhos da editora era também o lançamento de autores brasileiros, como João Antônio, que pensassem os problemas da realidade brasileira.

Em resumo, Ênio conta como eram fundamentados os lançamentos de livros: “o nosso catálogo era bastante eclético, mas de um modo geral ele se situava numa linha ideológica bem marcada, sobretudo com os estudos brasileiros, que eram sempre transformadores da realidade, num sentido que a classe dominante e os seus porta-vozes e instrumentos militares não queriam que fossem.” (FERREIRA, 2003, p. 93). Dessa maneira, João Antônio, já com um prêmio ganho (Fábio Prado), em 1960, pela narrativa “Malagueta, Perus e Bacanaço”, conseguiu estreiar numa editora que, mais tarde se opôs ao regime militar, principalmente publicando obras que refletissem as realidades brasileiras. Além disso, Ênio Silveira costumava publicar autores novos, pois assim declara: “sou motivado freqüentemente na minha vida profissional pelo desejo de ajudar, não apenas às idéias que acho defensáveis, mas às pessoas que acho merecedoras de apoio.” (FERREIRA, 2003, p.92). Mas, para ser merecedor de apoio, o livro tinha que obedecer a estes critérios:

primeiro, qualidade do livro; segundo, viabilidade comercial do livro, afinal de contas, o livro é um produto comercial [...]. Então, viabilidade comercial, factibilidade! O que me motiva muito é a qualidade. Quer dizer, é claro que se você for exigir uma qualidade muito apurada, você acaba ficando um pouco elitista demais e não chega a vender: não pode ser nem baixo demais nem alto demais.(FERREIRA, 2003, p.115-117).

A editora Civilização Brasileira contava também com uma grande aceitação da imprensa nos seus lançamentos, como afirma o editor: “fui ajudado pela imprensa e ela, sempre que podia, dava cobertura aos livros da Civilização, quanto a isso não há dúvida nenhuma.” (FERREIRA, 2003, p.151). Logo, as obras de João Antônio, ainda escritor iniciante, encontraram um espaço propício para serem publicadas. Com uma linha editorial que privilegiava os debates acerca da realidade brasileira, a editora manteve em seus quadros

autores que representariam a oposição ao regime ditatorial e que teriam respaldo de uma parcela significativa da imprensa. Ora, a literatura de João Antônio correspondia claramente ao quadro de idéias anteriores à ditadura e que viriam a ser um carro-chefe, pelo menos de uma parcela de escritores, da literatura de oposição, sobretudo no que se refere ao olhar incisivo sobre os marginalizados. Além disso, constata-se que o escritor passou livremente pelos critérios de publicação expostos acima, ultrapassando com sucesso a prova de fogo da primeira publicação. Assim, o escritor paulista, na época com 26 anos, se viu dentro de uma editora que publicava obras de grandes intelectuais brasileiros e estrangeiros, além de contar com o apoio da imprensa garantido pela Civilização Brasileira. Tudo isso contribuiu, em parte, para que a estréia de *Malagueta, Perus e Bacanaço* fosse um grande acontecimento editorial, marcando profundamente a história da literatura de João Antônio e, por conseguinte, a geração de escritores de 1970.

Além disso, com *Malagueta, Perus e Bacanaço*, o escritor caiu nas graças dos três maiores críticos brasileiros, João Alexandre Barbosa, Antonio Candido e Alfredo Bosi, o que desembocaria na sua entrada para o cânone literário. Por esse motivo, a sua obra de estréia vai ser foco de grande parte de sua fortuna crítica, pois foi por meio dela que o autor se popularizou.

*Malagueta, Perus e Bacanaço* tem realmente uma importância tão grande no conjunto da obra do escritor, não apenas por ter sido seu primeiro livro e ter tido uma boa aceitação da crítica na época, mas também pela sua história de prêmios e pelo célebre episódio do incêndio que destruiu os originais do texto-título e que João Antônio teve de reescrever. Acreditamos que este episódio tenha sugerido uma aura de genialidade para a obra, já que seu autor, também sem casa e sem roupas, todas perdidas no incêndio, teve que reconstituir tudo o que tinha escrito a partir de pequenos fragmentos deixados na gaveta do escritório de seu amigo Caio Porfírio Carneiro e por meio das cartas enviadas à amiga Ilka Laurito, nas quais transcrevia alguns trechos da narrativa para pedir-lhe a opinião. E esse seu primeiro livro significaria também, segundo alguns críticos, uma porta de entrada para os marginais na literatura brasileira, de modo que fosse a voz dos próprios excluídos e não somente a de um tradutor daquilo que vê. Assim, com essa história de altos e baixos, os três malandros da narrativa-título foram incluídos, recentemente, pela revista *EntreLivros*, no rol dos personagens mais significativos da literatura brasileira. O autor da resenha, Bruno Zeni (2006, p.69), que apresenta *Malagueta, Perus e Bacanaço* como personagens que têm a cara do Brasil, diz que “o drama da malandragem é atemporal”, pois, “apesar do forte traço de época”, mostra a “relação promíscua entre polícia e bandidagem”, tão corrente em nossos dias.

A respeito da recepção à *Malagueta, Perus e Bacanaço*, é corrente nos textos a palavra “retrato” e o verbo “retratar” para definir o que João Antônio faz com palavras e imagens, como na resenha de Ubiratan Brasil (2004, p.D2): “Seus textos [...] retratavam a vida proletária de São Paulo.” Ao utilizar essa definição, o crítico talvez se referisse à carga de realismo que carrega a literatura de João Antônio. O realismo ou neo-realismo no qual, vez ou outra, os textos do escritor são inseridos se deve, entre outras coisas, à experiência direta do autor com o universo que recria. Desse modo, podemos apontar dois elementos que se relacionam com o real: a menção a lugares como Lapa, Vila Ipojuca e a utilização de gírias. A experiência vivida é confessada pelo próprio autor quando questionado sobre como surgiu a história dos três malandros que perambulam pelas ruas de São Paulo:

“Malagueta, Perus e Bacanaço” é simplesmente uma aventura noturna que cansei de viver logo depois que saí do quartel, e que consistia em tentar arranjar algum dinheiro em andanças pelos salões de sinuca. Isso, em geral, era feito pelas últimas horas da tarde, entrando pela noite e madrugada. Assim, não imaginei nada na história de Malagueta. Simplesmente foi a coleta de uma experiência vivida numerosas vezes e que ainda hoje se vive. (ANTÔNIO, 1987, p.5).

Prossegue falando do caminho percorrido pelos três malandros e se referindo a pessoas reais que se transformaram em seus personagens. Desse modo, João Antônio fornece ao leitor a possibilidade de ler a epopéia dos três malandros com um “olhar de veracidade”. A relação entre o leitor e o autor fica marcada pelo ato de sinceridade que este revela em seus escritos na medida em que os coloca como narrativa de uma experiência real. Vale ressaltar que o real em “Malagueta, Perus e Bacanaço” é, contudo, fruto da visão particular do escritor, ou seja, há limites nesse enquadramento, como expõe Clara Ávila Ornellas:

Quanto a essa questão da realidade como elemento deflagrador de sua criação literária, salienta-se que o escritor paulistano tinha uma noção clara dos limites dessa proposição. Por mais que ele reiterasse na maioria de suas entrevistas a preocupação em abordar o real da maneira mais fiel possível, notamos, em um depoimento específico, que ele tinha consciência das limitações de suas propostas abrangentes e diretas. (ORNELLAS, 2004, p.52).

João Antônio talvez tenha se revelado mais um personagem de sua narrativa para atrair e persuadir o leitor, pois o título do texto transcrito acima parece denunciar: “Para mim o leitor é um parceiro que eu vou procurar”. Se foi simulacro ou não em parecer ser seus personagens, a verdade é que João Antônio foi feliz em seu projeto de recriar o universo

confessadamente vivido e revivido por ele. O seu sucesso, porém, consiste não em *retratar*, mas em *recriar* por meio de linguagem poética e estilização eficiente a fala das ruas e a riqueza humana encontrada nelas.

A fim de complementar as nossas considerações, cito Hugo Bellucco (2006, p. 47), que fala de como pode ser vista a obra de João Antônio: “[...] no lugar de descrever objetivamente a realidade, ele seleciona, interpreta, expõe-se ou se espanta diante de pedaços de um país que não revelam um país real, mas a sua própria interrogação a respeito da imagem que pretendia para sua literatura e para o ‘povo’ brasileiro.”

Voltando à resenha de Ubiratan Brasil (2004), destaca-se o título do segundo texto, que parece digno de comentários: “O mundo visto pelos mais fracos”. Comumente a obra joãoantoniana é qualificada por não ter nenhuma distância entre o narrador e os personagens, sobretudo no que diz respeito à linguagem. Ambos compartilham a mesma visão de mundo, são parceiros e não existe hierarquia entre eles. O narrador, então, toma o partido de seus personagens e, de certa forma, adere à linguagem deles.

Numa entrevista reproduzida no jornal *Proleitura* (1997), João Antônio fala de como a linguagem é trabalhada em suas narrativas:

Me parece que um texto comum possa ser feito por qualquer um que saiba português, por um jornalista, mas isso não é literatura. Falta muito. Então, eu acho que cada conto meu tem a inspiração num tipo de linguagem, de um tipo de ambiente, e é sempre desse ambiente que eu tiro minha linguagem, mas eu procuro abreviar o máximo possível as diferenças entre a linguagem falada e a linguagem escrita, pelo menos no ambiente dos meus contos. (PROLEITURA, 1997, p.2-3).

Ao contrário, todavia, do que afirma João Antônio e do que se costuma dizer sobre ele, Boris Schnaidernnan (1976, não paginado) não vê tanta ousadia na linguagem. Pelo contrário, a linguagem joãoantoniana, segundo ele, possui uma “sintaxe arrumada” e que “nunca ultrapassa a fronteira do bom gosto”. E o “narrador sempre exerce a função de policial, dar o tom fino, apurar”.

Para Antonio Candido, na literatura de João Antônio

não há, com efeito, um narrador culto que reserva para si o privilégio da linguagem correta e “distinta”, enquanto amesquinha de certo modo o personagem de outra esfera através da imitação de sua linguagem irregular, que serve para manter a distância. Longe disso, narrador e personagem se fundem, nos seus contos, pela unificação do estilo [...]. (CANDIDO, 1996, p.D11).



Nas palavras de Ubiratan Brasil (2004, p.D2), a narrativa “Malagueta, Perus e Bacanaço” “é a visão de quem olha o mundo com muito ódio e pouca compaixão, daí sua linguagem ser também diferente, de ‘fora’”. E diz ainda: “É a linguagem que oferece uma visão enraivecida da sociedade [...] e que resulta numa ‘inspirada carpintaria verbal’”.

Segundo Ana Rosa Gomes Cabello, o uso da gíria proporciona uma aproximação mais efetiva com a realidade:

A gíria é responsável pela abertura e renovação do sistema lexical de uma língua. Ela é essencialmente oral. Daí a importância da obra de João Antônio, a qual parece, de um lado, como documento de fatos sociais e lingüísticos de determinada época e determinados grupos e, de outro lado, como obra literária objetiva, que se caracteriza pelo farto uso da gíria. É justamente a gíria que lhe confere em maior grau o **índice de realidade**, que só o realismo das narrativas não faria atingir se outra fosse a linguagem. (CABELLO, 1988, p. 75-76, grifos da autora).

Na resenha sobre o relançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, em 2004, Bruno Zeni diz que João Antônio inaugura um “tipo novo de realismo na literatura brasileira”, pois “é autor de uma ficção colada à própria experiência”. Essa experiência vem acompanhada de “uma utopia de um país positivamente malandro: frágil e inventivo, erudito e popular, violento mas amoroso, fraterno ainda que espoliador” (ZENI, 2004, p.69).

Na verdade, Zeni se refere à nostalgia que cerca a obra do escritor, de um passado ideal e, portanto, utópico. É importante lembrar que muitos críticos, como Zeni, vão apontar a nostalgia no conjunto da obra e não somente em “Abraçado ao meu rancor”, como se costuma fazer.

Em *Literatura e vida literária*, Flora Sussekind (1985) relaciona João Antônio a um grupo que não é o do realismo, mas o do neonaturalismo, vertente que dá origem a documentos biográficos e, ao mesmo tempo, realismo mágico e romance-reportagem, nas décadas de 1960 e 1970. Essa literatura teria uma função compensatória ao publicar em livro o que a censura proibia no jornal e ao “produzir ficcionalmente identidades [...], criando uma utopia de nação e outra de sujeito, capazes de atenuar a experiência cotidiana da contradição e da fratura. Para exercer tais funções a literatura opta por negar-se enquanto ficção e afirmar-se como verdade.” (SUSSEKIND, 1985, p. 57). Assim, segundo a autora, o jornalismo passa a figurar como um modelo da literatura parajornalística principalmente nos contos-verdade de João Antônio.

De acordo com Sussekind, essa literatura híbrida se incumbirá das margens, do que a grande imprensa não quer mostrar e “criar para o escritor uma imagem que oscila entre a marginalidade semelhante à dos personagens que representa e o heroísmo de um ‘Robin Hood’ de classe média que se imagina sempre ao lado ‘dos fracos e oprimidos’.”(SUSSEKIND, 1985, p.58). E cita como exemplo a narrativa “Excelentíssimo” de João Antônio, publicado em *Dedo-duro* (1982). Contudo, a autora, ao tratar da linguagem, parece ignorar o trabalho estilístico de João Antônio e, talvez, o de alguns outros autores que ela relaciona ao neonaturalismo, pois, para ela,

[...] o interesse explicitado por tais obras é informar. E informar segundo prescreve a “ideologia da objetividade jornalística”: com um texto que pareça neutro e no qual chame mais atenção o fato do que a maneira de narrá-lo.[...] São, na verdade, grandes reportagens cujo único traço especial é saírem em livro e não em jornal.(SUSSEKIND, 1985, p. 59).

Ao minimizar a ficção dessas obras, Flora Sussekind indica a simples transposição da realidade, isto é, o uso de uma linguagem “objetiva” que literalmente “retrata” a marginalidade sem a menor preocupação com a estilização. Portanto, enquanto Boris Schnaidernnan (1976) afirma haver um narrador que mantém uma certa distância em relação ao personagem, sem descartar o trabalho estilístico, Sussekind não centraliza suas observações sobre a linguagem e finda por desprivilegiar uma parte fundamental na produção literária de João Antônio.

Já o lingüista Sírio Possenti (2001) diz que a obra de João Antônio possui uma linguagem relativamente popular. Na opinião dele,

os literatos, mesmo os muito bons, dão a impressão de que pensam que a única diferença entre a linguagem dos bacanas e a do povão é uma diferença de palavras, acrescida de detalhes de pronúncia e de algumas marcas morfológicas muito correntes. [...] Não encontramos, por exemplo, formas populares de orações relativas, o que é estranho. Ou denota preconceito, mesmo nesses escritores, ou é falta de ouvido sintático. (POSSENTI, 2001, p.54).

Ainda sobre “Malagueta, Perus e Bacanaço”, Berthold Zilly (2000) afirma que:

O narrador se aproxima da fala do malandro sim, mas também mantém distância. Uma linguagem intermediária é usada pelo narrador no discurso indireto livre que sintetiza elementos sintáticos da gíria do malandro e da norma culta, talvez o estilo em que o autor se sintia mais à vontade, pois

permite grande proximidade à mentalidade dos personagens e ao mesmo tempo alto grau de elaboração estética. (ZILLY, 2000, p.190).

Zilly sugere neste trecho de seu ensaio, dedicado a estudar a representação da malandragem em João Antônio, que há duas formas lingüísticas em seu texto: a norma culta, pertencente ao narrador, e a gíria, própria dos personagens e do ambiente da sinuca/malandragem. Mais adiante afirma o crítico: “[...] o narrador propriamente dito se serve de um estilo culto, no seu conjunto, com, apesar de algumas palavras da gíria, termos e construções sintáticas tão eruditas que um malandro sem segundo ciclo nem as entenderia plenamente [...]”. (ZILLY, 2000, p. 190).

Vejamos, então, um trecho da narrativa “Malagueta, Perus e Bacanaço” a fim de verificar de que modo a linguagem é realizada:

O malandro limpou o paletó. **Ouvira** os gabos sem interesse. Mas aquela conversa de **os conduzir**, dando cartas e jogando de mão, era conversa da boa. Na mão bem manicurada, que viajava do queixo **ao** bolso, luzia o chuveiro, anelão de ouro branco e pedras **para** mais de trinta contos, que só rufião pode usar. **Iria como** patrão, a parte mais gorda **cabendo-lhe**. Bem. Olhava meio de lado para os andrajos do velho. Aquela conversa era da boa. Mas não se entretive. Cortou:  
— Pé-pé-pé... pé-ré-pé-pé não interessa, velho. Cadê a grana? (ANTÔNIO, 2004, 32, grifos nossos).

Neste trecho, as palavras destacadas exemplificam, de modo claro, o uso da norma culta, sobretudo as formas verbais “ouvira”, “cabendo-lhe”, “os conduzir” e “iria”, que se distanciam da língua falada num ambiente informal como a sinuca. Dessa maneira, observa-se a presença de um narrador culto que, contudo, se aproxima dos personagens quando usa expressões próprias da malandragem, como “gabos”, “jogando de mão”, “chuveiro”, “trinta contos”, entre outras. Um dos elementos que permitem, também, identificar uma linguagem mais próxima da fala é a concisão de frases como “Bem”, “Cortou” e “Ouvira os gabos sem interesse”, que representam pequenos cortes na narrativa. Apesar de não haver um rigor quanto ao uso da língua falada, o escritor abrevia de maneira eficiente a distância entre o narrador e os personagens.

O vocabulário desse trecho de “Malagueta, Perus e Bacanaço” é a evidência de que João Antônio conhecia o mundo da malandragem e sabia trabalhar cada palavra dentro de um contexto apropriado. Assim, a voz do narrador, além de equivaler, em alguns momentos, à dos

personagens, expõe uma visão íntima do interior do ambiente, isto é, de quem parece viver entre os malandros.

Veremos, agora, como se realiza a representação da malandragem nessa narrativa. Berthold Zilly, no ensaio “João Antônio e a desconstrução da malandragem”, diz que:

os seus malandros são viradores espertos e atraentes, mas sem ser muito alegres, são sofredores, um pouco sentimentais, mas pouco apaixonados, e se o seu narrador se preocupa com a sorte do povo brasileiro, ele o faz sem nenhum nacionalismo. João Antônio se opõe à visão do malandro alegre, daquele que sobrevive a todas as vicissitudes com graça, com esperteza, com quase elegância [...] (ZILLY, 2000, p.183).

A malandragem de “Malagueta, Perus e Bacanaço” seria não aquela que exalta o jeitinho e a criatividade do brasileiro em meio à sobrevivência cruel do cotidiano transformando o malandro em figura folclórica, mas aquela que já beira à miséria, única via possível. Aos três malandros só resta andar pela cidade, em busca de dinheiro que seria conseguido se encontrassem “joguinho fácil”. Toda essa andança é sofrível, entremeada de insucessos, bem diferente da imagem do malandro folclórico que é alegre, tem ginga, malícia e vence fácil nas artimanhas do jogo. Pois, nas palavras de Zilly,

convém a vagabundos vagabundear, é o que fazem os três “heróis”. Mas o fazem de modo organizado, sistemático, profissional, cíclico. A vagabundagem, o jogo, atraente justamente por seu caráter aventureiro, por sua imprevisibilidade, por sua falta de coerções, aqui no fundo é rotina, é submissão, é exploração, é medo, é preocupação. (ZILLY, 2000, p.185).

Neste ensaio, Zilly expõe a origem e o panorama da literatura “malandra” no Brasil a fim de situar João Antônio em alguma vertente, mas acaba por situá-lo em todas e em nenhuma, ao mesmo tempo. Segundo ele, João Antônio “combina a irreverência da tradição galhofeira com as preocupações sociais da tradição séria e com certa dosagem de lirismo, semelhante ao criador de *Policarpo Quaresma*.” (ZILLY, 2000, p.191).

Tendo em vista que a palavra “malandro”, hoje em dia, é multifacetada, o ensaísta afirma de que maneira essa tal malandragem estaria disposta nos textos de João Antônio. Em primeiro lugar, o escritor “desvenda o caráter ilusório desse mito, a não-existência da malandragem no sentido de uma folclorização da pobreza, no sentido de que o favelado seria pobre mas feliz [...]” (ZILLY, 2000, p.191). Em segundo lugar, “ele mostra também que a malandragem do samba é uma ilusão porque as condições de vida do malandro são muito duras [e se] [...] combate o sistema [é] porque não consegue fazer carreira nele [...]” (ZILLY,

2000, p.192). E em terceiro lugar, “João Antônio portanto destrói e ao mesmo tempo reconstrói a figura do malandro. É contra a sua propagação, como suposto emblema de brasilidade, mas a promove ao mesmo tempo.” (ZILLY, 2000, p.192).

O próprio João Antônio se pronunciou a respeito do uso da palavra “malandro” em entrevista ao Jornal *Informação*, em 1976:

Quando escrevo, preocupo-me também em desmitificar essa visão folclórica que a classe média tem dos marginais. A tanto vai essa preocupação que hoje não uso mais a palavra “malandro”, utilizo “merduncho” que é muito mais expressiva, e não está deformada pelos raciocínios da pequena burguesia. Malandro é o Valter Moreira Sales. Malandro é o Ministro da Fazenda. Jogador de sinuca é um pobre diabo.(Sem autoria, 1976)<sup>1</sup>

João Antônio declara a desmitificação da figura do malandro criando outra designação, mais atual no seu ponto de vista, que ainda não foi banalizada e transformada em folclore pela classe média. Mesmo porque, a caricatura do malandro que usa anelão de ouro no dedo, sapato branco, vestuário bem alinhado e sempre se dá bem, não existe mais. João Antônio diz que a categoria, agora, é representada por outro tipo de pessoas como políticos e empresários que ludibriam e roubam com tanta astúcia que nunca são punidos. Assim, o escritor prefere chamar os seus jogadores de sinuca de “merdunchos”, pois estão muito aquém do malandro da atualidade. Há, em primeiro lugar, uma transformação na sociedade que dissolveu aquela figura do malandro dando origem ao banditismo, como nos diz Ricardo Koichi Miyake:

Expulso da paisagem das cidades pelo surgimento de outros atores no cenário do crime e da contravenção, restou ao malandro o desaparecimento ou a adaptação – percebidos pelo escritor como símbolos do fim de uma era no Brasil. A obra de João Antônio, nesse sentido, parece buscar a preservação – que ele deseja manter viva, contudo, e paradoxalmente – desse mundo que ele pressentia estar chegando a seu ocaso. (MIYAKE, 2004, p.17).

Em segundo lugar, há uma reformulação da figura do malandro que João Antônio foi capaz de representar chamando-o de “merduncho”. Aquela malandragem, entretanto, não deixa de comparecer na literatura do escritor, já que podemos vê-la, por exemplo, no personagem Bacanaço, de “Malagueta, Perus e Bacanaço”, embora ele exista sem o glamour da imagem que lhe deu origem. Nesse caso, de acordo com Miyake, o escritor preservou, de

---

<sup>1</sup> Essa entrevista, cujo dado bibliográfico é incompleto, está depositada na pasta de número 1976, pertencente ao Acervo João Antônio.

certa maneira, algumas características desse personagem urbano contribuindo, assim, para o fortalecimento de uma parcela da literatura brasileira protagonizada, sobretudo, por Manuel Antônio de Almeida.

A filiação da literatura de João Antônio ao realismo foi um assunto recorrente nas resenhas mostradas que, de certa forma, proporcionaram a divulgação da obra do escritor destacando sua qualidade literária, o teor de seus escritos, identificando os pontos cruciais de seu projeto literário e revelando, às vezes de maneira discreta, algumas singularidades nas narrativas do escritor.

Utilizamos trechos de textos anteriores a 1996 e de teses e dissertações que discorriam sobre assuntos apropriados ao debate que travamos nesse capítulo. Acreditamos, enfim, que o destaque a esses textos serviu para preencher lacunas provenientes de questões nebulosas como a linguagem utilizada por João Antônio, a representação da malandragem, a leitura da obra em resenhas literárias, entre outras.

Alguns textos oferecem novos elementos ruminados ao longo dos anos; porém, outros se atêm a reforçar a imagem já cristalizada do escritor repetindo noções como: nostalgia, autobiografia, retrato, experiência pessoal, linguagem de “fora”, realismo, malandro, entre outras. Isso não quer dizer que essas noções estejam aquém das reflexões sobre a literatura de João Antônio, antes são tentativas de compreensão que, adequadas ou não, serviram como base para grande parte de sua fortuna crítica.

Procuramos destacar nos textos analisados o que de mais fundamental os críticos apontavam na produção joãoantoniana, o que nos levaria a pensar como o tempo preservou ou modificou o olhar sobre as obras do autor. Tendo em vista os textos analisados, pode-se dizer que tanto uma quanto a outra ação do tempo aconteceram. A obra do escritor continua tendo prestígio entre os críticos por reconhecerem o importante papel que esta desempenha na literatura do país.

## Capítulo 2

### João Antônio e sua crítica: pela construção de uma imagem

Chamava-se João Antônio, foi descoberta de Ênio (Silveira), que o lançou com todas as honras, apesar do tipo de literatura marginal que praticava — e praticou até o fim.

Ênio lhe deu a força necessária, mas João Antônio era um personagem de João Antônio: a mesa de sinuca, o copo de cerveja quente, a barba da contestação. (Carlos Heitor Cony : “A vida sem festa”)

[...] vestido com bermudas antigas, sandálias de dedo, cabelos presos em Gumex, jeito desleixado de malandro, a barba encarapinhada, a rondar botequins decadentes e salões de sinucas, já sinalizava para a idéia de um homem que, contra o seu tempo, fazia do seu próprio corpo um agente de resistência. Escrita e corpo, assim, sintonizados no mesmo rancor. (José Castello: “João Antônio à margem da ficção”)

E eu, Caio, que sou uma das maiores vocações de vagabundo das tantas que já apareceram no Rio de Janeiro. (João Antônio: *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*)

Nos mais de trinta anos da fortuna crítica sobre João Antônio nos jornais, é possível observar a existência de uma aura que cerca o escritor, ou seja, uma imagem que grande parte da recepção crítica reproduz. Seja numa resenha, textos de memória ou ensaio jornalístico, a figura de João Antônio vem acompanhada de tudo o que se concebe como marginal e popular. O fato é que não há a menor inocência nesse rótulo por parte do escritor, já que sua imagem foi, por ele mesmo, constantemente forjada constituindo-se num personagem de si mesmo.

Importa, neste momento, levantar algumas questões sobre a construção dessa imagem e fazer algumas considerações que delimitam até que ponto ela pode ser confirmada. Nos textos analisados, João Antônio é indicado como porta-voz dos marginalizados, mas não é apenas a opção por essa maioria que vai fazer de sua literatura um dos destaques da geração de 1970. Segundo os críticos, a revolta e a permanente indignação do escritor perante a sociedade desigual e massacrante é transformada em uma literatura que privilegia o lado dos prejudicados, colocando-os como protagonistas e narradores de sua própria história. A apreensão do real pelo escritor se faz através de um duplo olhar: do jornalista e do escritor que juntos criam uma escrita híbrida.

A literatura de João Antônio sempre foi vista no ambiente da crítica como uma obra de difícil classificação, talvez pelo fato de o escritor ter transitado por dois universos, a princípio, paralelos: o jornalismo e a literatura. A respeito disso, José Castello diz:

É inadmissível que, apenas cinco anos após sua morte, João Antônio esteja esquecido ou, o mais grave, seja muitas vezes escalado entre aqueles escritores “menores”, que talvez não tenham conseguido se definir o bastante pela ficção. Essa rejeição, para não dizer aversão [...], fala, antes de tudo, do verdadeiro curto-circuito que os livros de João Antônio provocam nos cânones literários. (CASTELLO, 2001,p. 117).

Castello afirma que essa conjunção entre jornalismo e literatura causou um estranhamento na crítica que colocou João Antônio entre os escritores de menos prestígio. Ora, no Capítulo 1 dessa dissertação, vimos que as obras do escritor foram bem quistas pela crítica em ensaios e em resenhas jornalísticas. Portanto, parece-nos que o curto-circuito a que se refere Castello foi resolvido dada a aceitação dos críticos do tipo de literatura chamado conto-reportagem.

A opção do escritor pelo enlace desses dois gêneros deve-se à influência do *new journalism* norte-americano e à adaptação deste às realidades brasileiras. Esse trabalho de renovação do jornalismo ocorreu por meio dos jornais “nanicos” (expressão cunhada por João Antônio para contrapô-los à grande imprensa, que compactuava com o regime ditatorial na



época) nas décadas de 60 e 70, como *Pasquim, Ex-, Movimento*.<sup>2</sup> É preciso lembrar que o autor já desenvolvia em sua literatura um trabalho análogo ao que faria nesses periódicos onde encontrou terreno fértil para suas experiências literárias. Soma-se a isto a influência, em sua trajetória como leitor, de escritores como Lima Barreto, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Manuel Antônio de Almeida e os russos Gogol, Tchekov e outros que compartilhavam da mesma ideologia literária.

A respeito da forma estilística adotada por João Antônio, seus textos transitam entre as duas esferas apontadas, o jornalismo e a literatura, e são norteados pela opção clara aos marginalizados. Ou seja, o autor de *Leão-de-chácara* vai produzir uma literatura que, segundo os críticos, pode ser conto-reportagem ou somente conto ou crônica, sempre balizados pela temática da marginalidade. José Castello revela, em outro artigo, o que é exatamente a literatura de João Antônio:

João Antônio foi a primeira pessoa que me falou, um dia, a respeito do “romance-reportagem”, gênero híbrido que outros exercitaram depois dele sem a mesma competência, e que ele próprio, apesar do entusiasmo, pouco chegou a praticar. Para os outros, tornava-se um gênero fácil, quase só uma reportagem ampliada; já nas mãos de João Antônio, o “romance-reportagem” se transformava num gênero difícil, no qual a realidade se contorcia, entrava em atrito com a escrita, e não se permitia reduzir a uma simples fotografia. (CASTELLO, 1999, p. 49-50)

O conto-reportagem de João Antônio, segundo Castello, se revela pela singularidade da visão do escritor, que transformava a realidade em muito mais que mero retrato. O escritor reforçava, em entrevistas, a idéia de que escrevia baseado nas próprias experiências. De acordo com Clara Ávila Ornellas (2004, p. 49), “[...] o autor ainda afirmava não conseguir limitar seu exercício literário a quatro paredes, não conseguir sentar-se numa escrivaninha e, seguidamente, forçar sua mente para criar a partir de uma pura invenção imaginativa.” Ainda segundo a autora,

Um fator determinante, segundo João Antônio, que podia atestar uma importante contribuição do trabalho jornalístico à literatura, era o contato direto com a realidade, a busca de informações na fonte dos acontecimentos para levantar detalhes e particularidades que, na maioria das vezes, não chegavam às páginas dos jornais. (ORNELLAS, 2004, p.26).

---

<sup>2</sup> Sobre a produção de João Antônio na imprensa nanica ver: BELLUCCO, Hugo Alexandre de Lemos. *Radiografias Brasileiras: Experiência e Identidade Nacional nas crônicas de João Antônio*. Dissertação de mestrado. UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), 2006. Ver também: AZEVÊDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio: repórter de Realidade*. João Pessoa: Idéia, 2002.

Deste modo, o ficcionista, aliado ao repórter, focaliza aspectos da realidade recriando-a com um estilo que passa ao largo do padrão do texto jornalístico. Esse contato direto, mencionado pela autora, é tão freqüentemente declarado por João Antônio que a realidade recriada por ele passa a ser não só a dos seus personagens, mas a sua também. Pode-se dizer que, de certa forma, a crítica tenha visto uma linha indivisível entre vida e obra do escritor.

A inseparabilidade do homem e da obra, que rege a literatura de João Antônio, é o ditame de muitas análises críticas. Grande parte da crítica menciona a biografia do escritor na análise de sua obra no sentido de reforçar certo conceito de sua literatura, que é a autobiografia ficcionalizada advinda da idéia de experiência vivida. Isso ocorre com tanta freqüência que, em alguns textos, a biografia vai ser apresentada com mais ênfase do que a própria análise da obra. De acordo com Silviano Santiago (2005, p. 164), essa parece ser uma tendência dos suplementos literários na atualidade, onde “a literatura deixa de ser análise da obra e passa a se confundir com a figura singular do escritor, à semelhança do que já acontecia com o músico, o ator de cinema, teatro e televisão etc. O escritor vira ícone *pop*”. Nas críticas analisadas neste trabalho vemos que esse tipo de abordagem acontece ao mesmo tempo em que há uma parte da crítica preocupada em analisar a obra de João Antônio segundo seus próprios atributos.

Ao falar de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, Antonio Candido (1996, p.D11) diz que João Antônio “é um verdadeiro descobridor, ao desvendar o drama dos deserdados que fervilham no submundo; dos que vivem das lambujens da vida [...], faz da transgressão um instrumento que os humaniza.” A recriação do real sob a ótica dos excluídos é um elemento que o crítico evidencia:

Uma das coisas mais importantes na ficção literária é a possibilidade de “dar voz”, de mostrar em pé de igualdade os indivíduos de todas as classes e grupos, permitindo aos excluídos exprimirem o teor de sua humanidade, que de outro modo não poderia ser verificada. Isso é possível quando o escritor, como João Antônio, sabe esposar a intimidade, a essência daqueles que a sociedade marginaliza, pois ele faz com que existam, acima da sua triste realidade. (CANDIDO, 1996, p.D11)

De forma mais contundente, Wilson Martins (1996, p.4) classifica o escritor como “um mestre do populismo realista” ou “o mestre da literatura populista no Brasil”, mas explica: “[...] não é o populismo lacrimajante *à la* Charles-Louis Philippe. Ele praticava o que se pode ter como o populismo realista, fundado na observação direta e sem complacências

sentimentais, antes condicionada pela crueldade do olhar, sem ilusões nem subentendidos políticos.”

Analisando a biografia escrita por Mylton Severiano, Nelson Vasconcelos (2006, p.1) diz que é “o retrato de um escritor genial e genioso.” Para ele, João Antônio “abraçou tão fortemente a vida das ruas e as manhas do submundo, que fez disso uma obra original e absolutamente da pesada. Deu voz ao povo da rua, à patuléia, aos ‘merdunchos’— seus personagens e amigos de caminhada.”

Rodrigo Lacerda (1997, p.8) pontua as “virtudes básicas” da literatura joãoantoniana: “marginalização, sinceridade e índole sublime.” Enquanto isso, Ubiratan Brasil (2004, p.D2) fala de *Malagueta...*, obra que, segundo ele, sintetiza o universo de João Antônio: “[...] o mundo criado por João Antônio é narrado do ponto de vista dos mais “fracos”, isto é, o jogador de sinuca, o leão-de-chácara, o operário de subúrbio, o menino engraxate, a prostituta.”

Sob outro enfoque se encontra o artigo de Luana Villac (2001), na revista *Cult*, em que relaciona a obra de João Antônio com a de Fernando Bonassi. Nesta ocasião estava sendo reeditado o livro *Abraçado ao meu rancor* de João Antônio e lançado *Passaporte* de Bonassi. A semelhança, apontada pela autora, é que ambos participam do que se chama literatura marginal, que “desloca a periferia para o centro, faz dos excluídos os protagonistas, traz à tona uma realidade que se quer esconder” (VILLAC, 2001, p.14).

Alguns críticos, como Armando Antenore (2001, p.1), preferem citar classificações já feitas por outros: “[...] nos compêndios de literatura, João Antônio cristalizou-se como o ‘estadista dos humilhados e ofendidos’, o ‘arauto dos deserdados’.” E ainda:

[...]‘realista até o limite da reportagem’— para usar a frase do crítico Alfredo Bosi, que assina o prefácio do livro. Refletindo sobre o autor, outro Antonio— o célebre crítico Antonio Candido— argumentou: uma das principais contribuições da ficção literária é ‘a possibilidade de dar voz, de mostrar em pé de igualdade os indivíduos de diferentes classes ou grupos.’ (ANTENORE, 2001, p.1).

Assim como Antenore, José Castello (2001, p.116) usa os argumentos de Alfredo Bosi: “O crítico Alfredo Bosi define o estilo de João como um ‘realismo fervido na revolta’. Em momento ainda mais feliz, Bosi descreve João Antônio como um escritor ‘atracado com o real.’” Ubiratan Brasil (2004, p.D2) também se atém às considerações alheias: “Ao recriar esse universo, João Antônio pratica o que Rodrigo Lacerda chama de ‘regionalismo urbano’.”

A incidência de classificações é mínima considerando as críticas analisadas nos recortes anteriores ao nosso. Em seu trabalho, Jane C. Pereira (2001) destacou expressões que mais apareceram na primeira década de crítica sobre João Antônio. Segundo ela, na tentativa de explicar a ficção do autor, os críticos cunharam expressões do tipo: “clássico velhaco”, “escritor do submundo”, “autor da marginalidade”, “Guimarães Rosa urbano”, “marginal sem folclore”, entre outras. Sobre isso, a autora declara em seu trabalho:

Se por um lado, essas expressões promovem sua valoração, também realizam o grande mérito de, ao mesmo tempo, informar muito e pouco sobre os textos do autor. Informam muito, ao sintetizarem interpretações criativas e reveladoras da ficção de João Antônio. Nesse caso, tais expressões abarcam todos os sentidos, revelando e camuflando, simultaneamente, o desenvolvimento da significação que sustenta seus textos. Conduzem a interpretações sem, muitas vezes, justificá-las. (PEREIRA, 2001, p.74)

De 1996 a 2006, período referente ao recorte estudado, os críticos têm sido cautelosos ao classificar sua obra, embora ainda haja alguns que o fazem, como no exposto acima. Percebe-se que há nas resenhas muitas referências ao que disseram os primeiros críticos de João Antônio, repetindo-se considerações que foram feitas nas primeiras edições dos livros do escritor.

A respeito do termo “marginal”, alguns críticos revelam em qual aspecto podemos usá-lo quando se fala de João Antônio. José Castello (2001, p.117) afirma que “ao morrer,[...], João Antônio não era só um escritor ‘marginal’— adjetivo que ele preferia substituir por ‘nanico’—, mas um homem não-adaptado ao Brasil emergente.” Bertholdo de Castro, por sua vez, reflete sobre o termo:

Por dar voz aos excluídos, João Antônio foi considerado ‘mestre da literatura marginal’. Mestre sim, na galeria de um Alcântara Machado de *Brás, Bexiga e Barra Funda* e, principalmente, ao lado do pioneiro, como gostava de nomear, Lima Barreto de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Marginal não, porque sua ficção verdadeira jamais esteve à margem da literatura brasileira, mas nela incorporou-se ao imprimir em letras o drama, a solidão, o desamparo e o abandono de milhões de pingentes agarrados à vida. Mas a classificação de “literatura marginal”, que desejam grudar na sua obra, talvez seja imposição dessa entidade chamada mercado, que a tudo e a todos rotula para vender. (CASTRO, 2001a, p. 32)

No parecer de Castello, “marginal” significa “não-adaptado” e quem não se adapta, evidentemente, fica à margem da sociedade. Já Castro entende o emprego do termo

“marginal” como uma estratégia de mercado que precisa criar nichos para “otimizar” o consumo. No momento em que vivemos, o crescimento de produções literárias e cinematográficas a respeito da marginalidade significa oportunidades para o mercado cultural e um perigo para os consumidores que se enganam com a “realidade” mostrada. Segundo Flávio Aguiar (2000), quando esse nicho cultural estava começando a se mostrar com força em 1975, no Brasil, havia o perigo de o público considerar essa “realidade” como a única possível. A literatura de João Antônio também passava por isso, pois, segundo Aguiar (2000, p. 147): “nesse caminho se chega facilmente a absolutizar o ‘marginal’ dos contos e ver nele não o símbolo literário de uma situação histórica, e sim retrato do ‘próprio povo’, fiel e único possível”.

Como já foi dito, grande parte da crítica sobre João Antônio vem carregada de biografia. Apesar de essa palavra ter um sentido pejorativo no ambiente da crítica literária, no caso do escritor paulista, a razão de sua biografia ser tomada como parâmetro na apreciação de suas obras se deve ao fato de que ele, ao falar de sua vida e de sua literatura, principalmente em entrevistas, fazia sempre uma aproximação com os seus personagens e, desse modo, confundia o leitor quando se colocava como mais um deles.

Daí muitos estudiosos apontarem João Antônio como personagem de si mesmo, como afirma Castello (2001, p.120): “[...] João se transformou, num certo sentido, em personagem da própria obra, simbiose que é mais um sinal da têmpera flutuante de sua literatura.” Essa ficcionalização de sua figura se fortalece no fato de que o escritor foi engolido pelo personagem que criou de si.

A dedicação à literatura é outro fator que talvez tenha favorecido esse mergulho na vida dos seus personagens, pois o fazia não desperdiçar momentos, como este que Fernando Paixão relata:

[...] caminhavas lentamente, interessado nos sinais em volta. [...] Tomei aquela cena como flagrante de tua oficina pessoal. Uma certa “flanêrie” mundana, o gosto de olhar livremente as pessoas anônimas e deixar acontecer por elas um sentimento atávico, uma intuição que faz vasculhar personagens e imagens. (PAIXÃO, 1996, p.12)

Neste sentido, João Antônio mantinha olhos e ouvidos atentos a tudo o que o rodeava anotando em papéis esparsos, como os de maço de cigarros, as expressões que ouvia. Porém, o escritor não se coloca de modo neutro e imparcial, pois seus sentimentos são de revolta e indignação. “[...] Sua postura não é a do fotógrafo, que não se envolve com o que vê; nem a

do realista à moda de Flaubert, que escreve para mimetizar o real; ou a do naturalista à maneira de Zola, que vê para interpretar e proferir um diagnóstico. Em vez disso, se deixava impregnar e sofrer.” (CASTELLO, 2001, p.121).

Poderíamos dizer que é esse sentimento de constante revolta somado à própria trajetória que o fazem tomar o partido dos marginalizados. Mesmo porque,

em sua obra, o poder é algo que se espalha por todas as frestas, como um cancro, ou uma maldição; contra ele, para combatê-lo preferia os “merdunchos”, como dizia também, os marginais, naqueles que o “sistema” cuspiu. Via-se como um deles, bicheiros, pedintes, guardadores, pequenos funcionários, prostitutas [...]. (CASTELLO, 2001, p.120)

Por fazer da literatura a sua vida, João Antônio se fez personagem também por motivo de resistência. Assim, nas palavras de José Castello, o escritor era uma

figura nostálgica, [...] resistente, [...] fala monocórdia e cheia de reclamações, de alguém que não pode aceitar.  
[...] a decepção com um país que se nivelava pela ascensão da sociedade de massas e de consumo; e, contra esse estado de coisas, João resistia com suas sandálias de borracha, suas camisas amarfanhadas e antigas, seu discurso ranzinza, suas cervejas amargas. (CASTELLO, 2001, p.120)

Clara Ávila Ornellas (2004, p. 51) expõe, sob outro enfoque, a opção do escritor pelos marginalizados: “Muitas vezes, o autor paulistano se referia a sua origem humilde, de morador de subúrbios pobres, considerando-a um elemento determinante no fulcro da temática que desenvolveu durante toda a sua vida: a questão premente dos marginalizados sociais.” João Antônio acreditava que, por meio de sua literatura, pudesse tornar visíveis aquelas pessoas que a classe média despreza. Nesse caso, portanto, há a própria experiência nos bairros proletários de São Paulo, no início de sua vida, e a incessante revolta contra os endinheirados que oprimem a grande parcela da população brasileira.

Desse modo, podemos apontar dois fatores que ajudariam na projeção da imagem de marginal que a crítica revela em João Antônio. Em primeiro lugar e por motivos óbvios, a própria obra é uma manifestação a respeito da marginalidade, sendo esta não só a dos guardadores de carro, dos leões-de-chácara, das prostitutas, mas também aquela das décadas de 1950 a meados de 1980, a que o escritor se refere com nostalgia. Em segundo lugar, a relevância da infância pobre, o que ajuda a sua identificação com o mundo dos marginalizados.

Segundo Jane C. Pereira,

[...] independente do crítico e da sua capacidade de exposição crítica, João Antônio parece ter conseguido uma unanimidade quanto à qualidade de sua produção literária entre os críticos apresentados. Sempre procurando fazer com que o seu leitor, comparsa, entenda que essa é a forma com a qual procura acordar o incauto, fazê-lo ao menos refletir sobre a existência de uma sociedade vitimada pela hierarquia social. A crítica, a que se percebe, não ignorou esse esforço e ao expô-lo metacriticamente ajuda o escritor no seu intuito. É também cúmplice. (PEREIRA, 2001, p. 75)

Se em suas obras a crítica encontra elementos de sua biografia, em sua vida o ficcional parece se realizar através da imagem de marginal que essa mesma crítica, por sua vez, ajuda a consolidar. Desse modo, João Antônio forja com tanto sucesso essa imagem que poucas vezes ela será contestada. Soma-se a isso a autopromoção empreendida em prol da sua profissionalização como escritor, que acabou gerando controvérsias a respeito de seu trabalho literário. O próprio escritor, no manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”, sugere isso: “[...] a coisarada folclórica toda que hoje em meu nome corre.” (ANTÔNIO, 1975, não paginado). De acordo com Clara Á. Ornellas,

[...]o autor paulistano se queixava por ter sido vítima de uma espécie de classificação delimitadora, que tolhia seus valores originais, como quando foi rotulado de amante do mundo do jogo da sinuca. Isso o incomodava porque, afinal, parecia exigir que cada nova produção apresentasse, necessariamente, um jogador desta modalidade esportiva. Assim, qualificações simplistas como essa, ocasionadas pela fama, mistificavam e encobriam suas verdadeiras possibilidades de criação e atuação. (ORNELLAS, 2004, p.35)

Essa construção da imagem por ambos os lados é comum e própria da relação entre escritor e crítica, pois, segundo Ana Cristina Viegas (2002, p. 10), “o artista que faz a obra é ele próprio feito, no seio do campo de produção, por todo o conjunto daqueles que contribuem para descobri-lo e consagrá-lo enquanto artista conhecido e reconhecido — críticos, prefaciadores, ‘marchands’ etc.”

Uma das imagens formadas sobre o escritor era a de que ele exigia e brigava pelo pagamento nas editoras nas quais publicava seus livros, pois contava que com isso fosse possível viver somente para a literatura, ou seja, se profissionalizando. Por isso que, em alguns momentos de sua carreira, teve que se dedicar integralmente ao jornalismo para sobreviver. Nesse contexto, surgiram histórias que ainda hoje circulam entre os jornalistas

daquela época, como aquela que fala de uma desavença entre o escritor e seu primeiro editor, Ênio Silveira. Tal história foi desmentida recentemente por Carlos Heitor Cony:

Estranhei na matéria do Marcelo [Rubens Paiva] a referência a um episódio entre o escritor João Antônio e o editor Ênio Silveira, quando o autor teria ameaçado de morte o dono da Civilização Brasileira, subindo em sua mesa e exigindo o pagamento de direitos autorais.

Fui amigo de ambos e fui também editado pelo Ênio, que, durante anos, era o único a numerar os exemplares de cada edição que lançava, inclusive a das obras do grande contista de “Malagueta, Perus e Bacanaço”, que fora descoberto pelo próprio Ênio, que nele tinha um dos seus mais queridos autores na fase de ouro de sua editora.

Já ouvira essa lenda, mas nunca acreditara nela. Nem João Antônio, mesmo em sua pior fase existencial, nem Ênio [...], nenhum dos dois vivenciaria uma cena de violência — que, diga-se de passagem, não é comum nas relações entre editor e editado. (CONY, 2002, p.1)

Essa e outras histórias habitam o imaginário sobre o escritor que, a propósito de sua popularidade no meio jornalístico da época, fez muitos amigos e, talvez, até inimigos. Mas, falando dos amigos, João Antônio foi alvo de homenagens em crônicas publicadas nos jornais depois de sua morte.

Destacamos duas crônicas, uma delas publicada também em livro, e outra que narra os momentos sofríveis e alegres da vida do escritor. Ambos os textos partem do mesmo ponto, que é sua morte ocorrida no mês de outubro de 1996 em circunstâncias deploráveis. Em alguns momentos, os autores se dedicam a homenagear o escritor buscando no tempo instantes de sua vida a fim de resgatar as virtudes do falecido. Em outros, vão se deter nos pormenores, nas intimidades, revelando o homem por trás do escritor. Através desses textos podemos observar mais nitidamente o imaginário que se formou em torno de sua figura.

Construída em 1ª pessoa, a crônica, assinada por Tânia Martins (1996), conta a relação do escritor com o mundo, com as mulheres e relembra o passado em comum. O texto, escrito em forma de carta, se refere aos últimos anos da vida de João Antônio, como revela a autora:

Nossa última confabulação foi sobre a ausência de dentes na arcada superior de Miguel de Cervantes quando escreveu *Novelas Exemplos*. Você, homem brutal, [...] queria me levar pra cama.

[...] Foi em novembro de 1995 e você me parecia no mais alto grau de sua doença predileta: o furor mental. Seu apartamento já se parecia com seu túmulo. Escuro, desolado, frio e desabitado. Não perguntei por aquele mulherio avulso que ali sempre vi querendo cuidar de você, sem sucesso. Penso na sua morte nos últimos cinco anos. Aquele mulherio, eu queria acreditar, não te deixaria sozinho numa hora dessas. Mesmo contra a sua vontade, como se sabe que seria. Acontece que deixaram. (MARTINS, 1996, p.6)



Neste trecho, podemos destacar um elemento que forma a imagem de João Antônio que é a fama de conquistador, de ter sempre uma paixão que mova a sua vida. Isso se liga ao fato de o escritor recusar terminantemente a convencionalidade do casamento, como confessa em carta, de 1966, a Caio Porfírio Carneiro: “Eu não insisto em convidá-lo para o meu casamento, pois sei que Jaú fica a cinco quilômetros de São Paulo. E cá entre nós que ninguém nos ouve, eu mesmo, João Antônio, só irei porque sou obrigado.” (ANTÔNIO apud CARNEIRO;LUCAS, 2005, p. 23).

O casamento não duraria muito tempo e João Antônio voltaria à atividade de “conquistador”. Em cartas aos amigos, ele contava suas aventuras com mulheres de variados atributos. Mesmo que muitas dessas aventuras não tivessem talvez passado de ficção, as suas confissões ajudaram a formar a imagem de um homem que nunca estava desacompanhado. Aliás, mulher, cachaça e sinuca são os elementos mais famosos do imaginário sobre o escritor nos textos analisados. Quando havia a falta disso, João Antônio se via em dificuldade: “[...] poucas novidades neste finzinho de inverno carioca. Pouca praia, alguns passeios, uns joguinhos de leve por aí, uma que outra fêmea em disponibilidade. E nenhum álcool. [...] Como vê, eu não passo de um triste desgraçado.” (ANTÔNIO, 2005, p. 31).

Nos últimos anos de sua vida, segundo Tânia Martins, João Antônio parecia amargar solidão e o “mulherio” se afastava de sua casa. Essa “decadência” vai dar o tom do texto de Mauro Pinheiro (2001) a respeito da morte do escritor. A narração é pautada por clichês e uma boa dose de humor negro que parodiam as circunstâncias do acontecido. Os clichês ficam por conta de expressões do tipo: “uma mulher amarga de nome Dulce” e “comer capim pela raiz”. Enquanto que o sarcasmo é explicitado nas frases: “As únicas vezes que o telefone tocou foram por engano, não teria valido a pena estar vivo para atender.”; “E às duas horas da tarde, o editor olhou para a cadeira vazia à sua frente e disse, esse cara, só matando.” (PINHEIRO, 2001, p.5)

A colaboração da crítica na consolidação de sua imagem é um assunto que sugere ponderação, até porque deve-se levar em conta também os interesses mercadológicos, sobretudo quando há exploração do caráter boêmio do escritor e de sua infância pobre. Por isso, é importante verificar de que modo e em quais aspectos João Antônio pode ser considerado marginal.

Em trecho de entrevista, já citado, João Antônio fala sobre uma das causas da marginalização do escritor brasileiro:

Há uma imensa falta de espaço cultural para a literatura, nos nossos jornais, revistas e televisão, principalmente televisão. Quer dizer, o autor, o escritor, está colocado no todo brasileiro, como um marginalizado, inteiramente como um marginalizado — com raríssimas exceções — o autor está inteiramente marginalizado — não há espaço físico, material para o autor, este que é o problema. [...]

A conseqüência disso é muito desastrosa, porque se não existe o mesmo espaço cultural, não pode ser exercida a crítica. Não se parou de se escrever sobre livros, também tem isto. Agora, independente de não haver ou de se escrever sobre livros, há um fato muito mais sério, acho que a verdadeira crítica brasileira está calada. [...] (ANTÔNIO, 1981, p. 11)

João Antônio via no escritor brasileiro a condição de marginalizado, causada pela falta de projeção e espaço para a difusão de sua obra, pois também a crítica — como mediadora entre obra e público — minguava nos meios de comunicação e a verdadeira crítica, dizia ele, estava ausente em jornais e revistas. Ora, sabemos que a obra de João Antônio recebera valiosos elogios de quem ele próprio chamou de “verdadeiros críticos”, como: Antonio Candido, cuja contribuição já vimos na descrição das críticas, João Alexandre Barbosa, autor do prefácio de *Leão-de-chácara*, e Alfredo Bosi.

Bosi assina o prefácio da reedição de *Abraçado ao meu rancor*, e declara que:

Entrar na casa dos quarenta nos anos 70; ter sido pobre, boêmio e suburbano numa São Paulo ainda não devorada pelo consumo; ser jornalista de raça e escritor atracado com o real; viver às voltas com a própria biografia; sentir-se, enfim, em dura e amargosa oposição aos regimes e estilos dominantes: tudo isso faz parte da condição humana e literária de João Antônio, tudo isso poreja sem cessar dessas páginas dissonantemente belas que ele chamou de *Abraçado ao meu rancor*. (BOSI, 2001, p.5)

Portanto, vemos que três importantes críticos da atualidade teceram comentários favoráveis sobre a obra de João Antônio considerando-o porta-voz das margens da sociedade e dono de um estilo inovador e inclassificável.

Ora, então de que maneira podemos dizer que João Antônio e sua obra são marginais? A inclusão do “povão” esquecido, o trabalho com a gíria, a valorização da cultura brasileira (futebol, samba), seriam pré-requisitos para se fazer literatura marginal? O que é, então, literatura marginal? Aquela que vive à margem ou aquela que fala dos que estão à margem?

Recorremos então ao texto de Ferréz, de 2005, intitulado “Manifesto de abertura: Literatura marginal”:

Uma coisa é certa, queimaram nossos documentos, mentiram sobre nossa história, mataram nossos antepassados. Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que um dia a periferia fez arte. Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história e não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, o Caros Amigos / Literatura Marginal vem para representar a cultura autêntica de um povo composto de minorias, mas em seu todo uma maioria.

E temos muito a proteger e a mostrar, temos nosso próprio vocabulário que é muito precioso, principalmente num país colonizado até os dias de hoje, onde a maioria não tem representatividade cultural e social. (FERRÉZ, 2005, não paginado)

Nesse manifesto de abertura, podemos notar que a Literatura Marginal, segundo Ferréz, vem para afirmar, uma vez mais, a sua existência. A arte da periferia trabalha no sentido de afirmação e preservação de sua identidade e, conseqüentemente, contra a massificação de uma cultura já desvalorizada. Essa arte responde pela maioria por representar e registrar o vocabulário e as preocupações desse povo sem “representatividade cultural e social”. É por meio dessa publicação (Caros Amigos/ Literatura Marginal) que Ferréz pretende divulgar os escritores da periferia. É a voz dos excluídos que será mostrada, daqueles que não têm espaço para divulgação de seus livros.

De forma mais sistemática, Sergius Gonzaga teoriza a respeito do que seja Marginalidade. Esquemáticamente, o autor enumera três grupos que se relacionam a esse conceito: “os ‘marginais’ da editoração; os ‘marginais’ da linguagem; e os ‘marginais’ por apresentarem a fala daqueles setores excluídos dos benefícios do sistema” (GONZAGA, 1977, p.15). No primeiro grupo estariam aqueles escritores como os que Ferréz busca promover, que “fogem aos padrões normais de editoração, distribuição e circulação das obras. Elaboram um produto graficamente pobre, cujo raio de ação raras vezes ultrapassa o ambiente onde foi confeccionado.” (GONZAGA, 1977, p.15). O segundo grupo manifesta uma “‘marginalidade’ no campo da escritura” e “recusa [...] uma linguagem institucionalizada, a linguagem do poder” (GONZAGA, 1977, p.15). Já o terceiro grupo se atém mais à “escolha de protagonistas, situações e cenários do que à adesão a uma linguagem experimentalista. [...] Trata-se de um projeto — nascido com o esvaziamento do “milagre” [econômico] — não isento de contradições e ambigüidades.” (GONZAGA, 1977, p.15).

Pelo fato de as obras de João Antônio terem sido publicadas em grandes editoras, ele estaria fora do primeiro grupo. Assim, o escritor participaria dos dois grupos seguintes pela escolha dos personagens e pelo trabalho com a linguagem. Mas, segundo o autor, João

Antônio é o porta-voz do terceiro grupo, pois sua obra “sintetiza-se em torno de duas expressões: ‘corpo-a-corpo com a vida’ e ‘arte comprometida com o popular’ [que] redimensiona também as fronteiras dos gêneros”. (GONZAGA, 1977, p.15).

Se observarmos a trajetória de João Antônio, veremos que logo seu primeiro livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de 1963, é publicado por um dos maiores editores do Brasil, Ênio Silveira. Seu trabalho como jornalista permitia que seus textos fossem publicados em jornais e revistas de grande circulação e prestígio como: *Última Hora*, *Jornal do Brasil*, revista *Realidade*, *O Globo*. Todo esse espaço ocupado na grande imprensa é fruto de um trabalho que começa nos primeiros prêmios recebidos por João Antônio nos concursos de contos. Além de ter bons contatos na grande imprensa e fora dela, ele visitava com outros escritores como Ignácio de Loyola Brandão e Moacyr Scliar, diversas faculdades no Brasil a fim de discutir literatura com os universitários. Sua “militância” ajudava-o a promover sua obra e seu nome junto a estudantes e professores também em escolas.

Depois de sua inicial ascensão com *Malagueta, Perus e Bacanaço* em 1963, João Antônio caiu num ostracismo que duraria pouco mais de dez anos. Só retorna em 1975 com a publicação de duas obras: *Leão-de-Chácara* e *Malhação do Judas Carioca*. Porém, mesmo antes de sua estréia com *Malagueta*, João Antônio é um autor premiado. Com o livro e com a narrativa-título arrebatou o prêmio Fábio Prado e dois prêmios Jabuti, de Melhor Romance e Autor Revelação. Com *Abraçado ao meu rancor*, de 1986, ganha seu terceiro Jabuti e entra na lista dos maiores escritores da geração de 1970. Suas narrativas foram traduzidas e publicadas em países como Alemanha, Polônia, Espanha, México, Argentina, República Tcheca e Venezuela.

É citado entre os maiores de sua geração, um inovador no que diz respeito ao conto por se tratar de um estilo irregular aqui no Brasil, o que deixou a crítica “meio bamba”, no início, pois não tinha como classificar sua obra. “Repórter da revista *Realidade* — que fez história no jornalismo brasileiro, nos anos 60 — João Antônio foi um dos pioneiros no país do *new journalism*, ao publicar o conto-reportagem “Um dia no cais”, uma incursão de um mês no porto de Santos, onde fixou residência temporária.” (“A ARTE...”, 1996, p.8).

Verificamos que, em certos momentos, João Antônio foge um pouco do rótulo de escritor marginal, pois, enquanto vivo, se beneficiou de sua obra por meio da extensão de seu público e do reconhecimento não só dos grandes críticos, mas também dos escritores, seus pares. Se reconhecimento não lhe faltou, então, sua marginalidade seria aquela dos dois grupos elencados por Gonzaga, pelo tema e pela linguagem e também pela forma. Os dois

últimos elementos seriam dependentes do primeiro, segundo João Antônio, no manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”, de 1975:

Desaparece a forma apriorística, que passa a ser determinada pelo próprio tema. O escritor não pode partir com uma forma pronta. Ela será dada, exigida, imposta pelo próprio tema e com esse elemento de certa novidade, é possível admitir também que cada novo tema tratado jamais deixará de surpreender o escritor. O tema passa a flagrar o desconhecimento do escritor, uma vez que o intérprete aceita um corpo-a-corpo a ser travado com a coisa a ser interpretada. (ANTÔNIO, 1975, não paginado).

O pensamento de João Antônio nos indica que o tema da marginalidade dirige a linguagem e a forma que, para ele, tinham que caminhar juntas, num mesmo batimento. Tudo isso fazia parte de um projeto para a literatura brasileira que visava, sobretudo, encarar o tema tal qual ele é, quer dizer, João Antônio buscava o “conflito, a briga, o enfarruscamento”, uma literatura “de bandido para bandido”.

Clara Ávila Ornellas resume o projeto literário de João Antônio:

A posição central de João Antônio sobre a importância e o papel social da literatura é a de que toda criação literária deve valorizar as raízes do povo e não se respaldar em vanguardas e modismos que, na maioria das vezes, esquecem que a temática central de toda obra literária deveria ser o homem [...] (ORNELLAS, 2004, p.20).

No prefácio a *Abraçado ao meu rancor*, de 2001, Alfredo Bosi declara em que medida é possível apontar a marginalidade em João Antônio:

Sei que o termo “marginal” é fonte de equívocos; sei que, na sociedade capitalista avançada, não há nenhuma obra que, publicada, se possa dizer inteiramente marginal. O seu produzir-se, circular e consumir-se acabam sempre, de um modo ou de outro, caindo no mercado cultural, dragão de mil bocas, useiro e vezeiro em recuperar toda sorte de malditos. Mas esse fato bruto de sociologia literária não impede o leitor solidário de ouvir os tons diferentes que sustentam o recado de João Antônio e a sua combinação de estilo original, realista até o limite da reportagem sem deixar de envolver-se em um fortíssimo *pathos* que vai do ódio à ternura, do sarcasmo à piedade. Ora, realismo fervido na revolta pende mais para a margem do que para o centro da sociedade. (BOSI, 2001, p. 5).

Bosi sugere que, independentemente das artimanhas do mercado, o “recado de João Antônio” está aí para sacudir a nossa apatia, deslocando nosso olhar para as margens. A consideração “realismo fervido na revolta” é o sinal de que o escritor paulista conseguiu

passar o seu recado e exercer muito bem o papel de quem pretende ser porta-voz da marginalidade.

João Antônio tinha plena consciência de ser escritor marginal, como aponta Castello:

Dizia faltar ao país a figura do “romancista-marginal”, papel que tentava exercer com seus escritos, sempre breves e incisivos, cheios de contradição como ele mesmo, que era doce apesar de alvoroçado, e carinhoso apesar de cheio de raiva.

João tinha um *alter ego* para uso íntimo, o Truman Capote que escreveu *A sangue frio*, e repetia tanto essa referência que parecia mais querer se livrar dela, esvaziá-la de qualquer sentido, do que perpetuá-la. De qualquer forma, ela denota esse gosto pela escrita fronteira, que fica a meio caminho entre a invenção e a realidade, à borda dos gêneros instituídos, e que era sempre um pouco suja, apressada, exibindo um desleixo proposital que ele jamais permitiu que se petrificasse em um estilo. (CASTELLO, 1999, p. 47-8).

Observamos que o projeto de João Antônio ia muito mais além do que trazer para a literatura a linguagem e as personalidades das ruas. Defendia a idéia do “romancista-marginal”, o escritor atacadado com a realidade, o “repórter” do cotidiano.

Essa concepção de literatura se alia a sua posição diante da ditadura, momento truculento da história do país. Ao analisar algumas entrevistas de João Antônio, Clara Ornellas discorre sobre como o escritor se manifestava diante dos acontecimentos daquela época:

A postura política de João Antônio não era de uma militância no sentido partidário, com participação em protestos públicos ou com envolvimento na luta armada. Ele não era favorável às pretensões da direita, mas também não aprovava alguns posicionamentos da esquerda.

[...] A postura de João Antônio não era apolítica, ao contrário, o seu principal instrumento de luta contra as desigualdades sociais e as incoerências do poder público constituiu seu próprio fazer literário e jornalístico. Não o preocupava a aderência a uma segmentação política partidária; o importante era assegurar o mínimo de direitos humanos a todos os cidadãos, através da denúncia e da contestação à ordem social estabelecida, realizadas, por exemplo, por meio de sua literatura. (ORNELLAS, 2004, p.41-42).

No 1º Colóquio sobre João Antônio, ocorrido em outubro de 2006 na Unesp de Assis, especulou-se a respeito do engajamento de João Antônio. Naquele momento, questionava-se se sua literatura empreendia alguma intervenção na estrutura social já que seu público é a classe média e não aqueles de quem foi porta-voz, os marginalizados.

Para Clara Ornellas, João Antônio

tinha consciência de que o seu produto era consumido pela classe média e que, portanto, dependia do consumo dessa classe para manter-se como escritor, o que, naturalmente, muito o incomodava. Saber que seus personagens continuavam relegados à condição de excluídos socialmente, não tendo a oportunidade sequer de ler o que se falava a respeito do mundo deles e, também, que essa exclusão era gerada pela miséria e pelo analfabetismo, gerava uma grande amargura em João Antônio. (ORNELLAS, 2004, p.44).

Neste sentido, se há intervenção social, ela acontece de forma indireta atingindo apenas aqueles a quem João Antônio costumava chamar de classe “mérdea”, que representa a maior parte dos seus leitores. Sua dedicação em recriar, de modo humanizador e dignificante, o universo marginal pode não ter alcançado o objetivo de proporcionar às massas uma *literatura de resistência*, utilizando uma expressão de Alfredo Bosi. Acontece que, dificilmente num país como o Brasil, onde o público-leitor é ínfimo, a literatura produzirá um abalo nas estruturas da sociedade.

Contra essa situação, o próprio João Antônio empenhou todos os seus esforços para formar um público-leitor em todo o país. Participou de palestras e debates em escolas e universidades, pois acreditava que os estudantes e os professores seriam alvos certos para a divulgação de seus livros e da literatura brasileira em geral. Incentivava as edições didáticas de seus livros por serem obrigatoriamente lidos pelos estudantes e por significarem uma boa parte da vendagem.

Na base que sustenta esse projeto literário se encontra também o João Antônio intelectual interessado nas mazelas do país e procurando, por meio da literatura e do jornalismo, mostrar uma face esquecida e tripudiada da sociedade. Em *Dama do Encantado*, de 1996, por exemplo, o escritor traça vários perfis de personalidades cuja importância cultural foi esquecida: Noel Rosa, Aracy de Almeida (*Dama do Encantado*), Garrincha, entre outros. Além disso, debruçou-se sobre a obra de Lima Barreto, escritor que considerava negligenciado por parte da crítica literária brasileira. Para Lima, dedicou todos os seus livros, exceto a primeira edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, escreveu o “romance-biográfico” *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* e proferiu palestras em várias partes do Brasil, divulgando sua literatura.

O motivo de pensar João Antônio como intelectual se deve ao fato de que não se pode restringir sua atuação somente ao âmbito literário, pois, de certa forma, a crítica literária, revelando aspectos de sua literatura e de seu trabalho no jornalismo, nos mostra também a sua atuação na sociedade brasileira e o seu significado na memória nacional. A respeito disso,

vale expor brevemente as reflexões do crítico literário Edward Said acerca do intelectual do século XX.

Para Said (2005), o intelectual é, por definição, um marginal, por se colocar ao lado dos sem-poder, dos marginalizados. Por isso, ele não pode ter nenhuma dependência com os poderes estabelecidos, pois sua missão é falar a verdade ao poder, subverter a ordem das coisas, ser a voz daqueles que não têm. Sua matéria-prima deve ser a margem, as tradições populares ou as personalidades que foram abandonadas.

O intelectual deve se sentir sempre como um exilado e um amador que procura “rastrear fontes alternativas, exumar documentos enterrados, reviver histórias esquecidas (ou abandonadas), [...] levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas [...] os intelectuais são indivíduos com vocação para a arte de representar, seja escrevendo, falando, ensinando ou aparecendo na televisão.” (SAID, 2005, p. 17 e 27).

Nesse contexto, é possível dizer que a crítica literária tratada aqui traça um perfil de João Antônio de acordo com a concepção de intelectual proposta por Said. Observamos na leitura de sua fortuna crítica a figura de um *outsider*, de “um homem não-adaptado ao Brasil emergente” (CASTELLO, 2001, p.117) e que está sempre remexendo os baús empoeirados da memória social e cultural brasileira. Por isso, Antonio Candido (1996, p.D11) afirma que João Antônio é “um verdadeiro descobridor” das falas e das gentes das ruas.

Na concepção de Said, o intelectual deve ser um comunicador que instiga e que abala a consciência das pessoas. Assim,

[...] o intelectual, [...] não é nem um pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem. Não apenas relutando de modo passivo, mas desejando ativamente dizer isso em público. (SAID, 2005, p. 35-6).

Pela intensa atividade dentro e fora da literatura e no meio jornalístico, é possível dizer que João Antônio foi um comunicador, conseguiu criar alianças por todos os meios possíveis de comunicação, pois tanto produziu obras literárias quanto proferiu palestras.

Se a prosa de João Antônio é populista ou realista, como querem alguns, não importa, pois o que de fato paira acima de qualquer classificação, é o texto atual e de qualidade. Muitos críticos, como vimos, não se apegam a adjetivar sua literatura, antes destacam o personagem contido no escritor. Essa condição da crítica, no entanto, é resultado também das declarações



do escritor sobre sua vida ao ressaltar certos aspectos que gostaria que fossem relacionados a si. Crítica e autor são, portanto, cúmplices.

## Capítulo 3

### Novos rumos para o estudo da obra joãoantoniana

[João Antônio] não faz discurso, não defende tese: abre a ferida e deixa-a sangrar. (Jane Christina Pereira: *A poesia de Malagueta, Perus e Bacanaço*)

Autodidata, que aprendeu sobre a vida atracando com ela, JA [João Antônio] é uma dentre incontáveis provas da riqueza — cultural e afetiva— do povo brasileiro, mestiço, criativo e criador, a pagar com gênios e genialidades ao desamor, desprezo com que sempre o trataram as elites. (Mylton Severiano: *Paixão de João Antônio*)

Em João Antônio, não é possível dizer se a arte imita a vida ou se a vida imita a arte. Talvez o mais acertado seja afirmar que a arte imita a vida que imita a arte, num movimento circular, como na figura do yin-yang, cujos lados se opõem e se completam ao mesmo tempo. (Telma Maciel da Silva: “*É vida. E por isso mesmo, muita literatura*”: a arte de narrar-se, na correspondência do escritor João Antônio)

Neste capítulo, mostraremos alguns dos mais novos trabalhos sobre a obra de João Antônio e as idéias iluminadas por eles. Serão abordadas não só as pesquisas acadêmicas, mas também algumas obras dedicadas ao escritor e publicadas nesse último decênio.

O motivo de escrever um capítulo exclusivo para estes textos é que se trata de suportes diferentes daquele já mencionado nos dois primeiros capítulos, a resenha jornalística. Sabemos que o cruzamento desses suportes — a resenha jornalística, o livro e o exemplar de tese ou dissertação — enriqueceria o debate e isso vem sendo feito, de maneira concisa, no decorrer deste trabalho. Porém, é preciso tratá-los separadamente para que cada um apareça por meio de suas singularidades e características principais. Portanto, procuramos, neste capítulo, dar visibilidade aos trabalhos que apontam reflexões mais consistentes e aprofundadas sobre a obra do escritor e que possivelmente servirão de base para as resenhas literárias.

Ao isolar os trabalhos acadêmicos dos demais textos, é possível estudar os múltiplos atalhos que os pesquisadores empreenderam na busca pela compreensão da obra joãoantoniana. Mas, antes de qualquer coisa, é preciso situar tais pesquisas no tempo e no espaço, o que explica a origem de parte desses trabalhos e a fonte para o seu desenvolvimento.

Após a morte de João Antônio em 1996, todo o material que compõe seu acervo literário ficou em poder da família que, um ano depois, o cedeu à Unesp de Assis, local onde está depositado. O Acervo João Antônio possui materiais de pesquisa das mais variadas formas e conteúdos, como cartas, discos, livros autografados, produção em periódico de/e sobre o escritor, objetos pessoais, agendas etc. Enfim, esse aparato de memória tem sido alvo de pesquisas acadêmicas dentro e fora da Unesp de Assis.

É fundamental dizer que essas pesquisas, desenvolvidas em iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado, dialogam entre si, referenciam-se umas às outras, constituindo, assim, um trabalho em conjunto. Para pôr em debate todo esse pensamento, tivemos como palco o primeiro colóquio sobre João Antônio intitulado “Dez anos com/sem João Antônio”, ocorrido no fim de outubro de 2006, na mesma instituição, e no qual pudemos verificar de que maneira têm sido utilizados os recursos que o Acervo nos oferece. Assim sendo, o Acervo João Antônio desempenha um papel importante na construção da memória literária do escritor que possibilita estudos voltados para suas mais variadas formas de produção, como cartas, caderninhos de anotações, dedicatórias, hemeroteca, marginálias, originais das obras e outros.

Dentre os trabalhos desenvolvidos no Acervo se encontra a tese de doutorado de Jane Christina Pereira (2006), intitulada *A poesia de Malagueta, Perus e Bacanaço*, na qual procura investigar em profundidade o primeiro livro de João Antônio, publicado em 1963. A autora estuda a poesia contida nas malhas do texto joãoantoniano e como essa linguagem organiza os elementos sonoros, rítmicos e imagéticos, tomando como ponto de partida a dialética entre lírica e sociedade. Mas, antes de expor suas reflexões, olhemos alguns apontamentos feitos por outras estudiosas a respeito do lirismo presente nos escritos do autor.

*Malagueta, Perus e Bacanaço* é considerado pelos críticos o livro mais ficcional de João Antônio na medida em que suas narrativas tendem mais para o conto propriamente dito do que para o conto-reportagem, qualidade atribuída ao restante de sua obra. Lígia Chiappini (2000, p. 160) confirma isso quando diz que “mais enquadrados no que vem sendo chamado tradicionalmente de contos são apenas três de seus livros (*Malagueta, Perus e Bacanaço, Leão-de-chácara e Dedo-duro*) [...]”. Os outros se dividiriam em outras categorias como crônica jornalística e literária, biografia e memória que, por seu “caráter híbrido e fragmentário [...] confundiu muitas vezes a crítica que o julgou representante de um naturalismo fácil.” (CHIAPPINI, 2000, p.161). Segundo a autora, “a boa crítica também soube reconhecer aí as marcas do realismo mais profundo, que não dispensa, mas, ao contrário, exige o lirismo, a fantasia e o rigoroso trabalho estilístico.” (CHIAPPINI, 2000, p.161).

Nas palavras do próprio João Antônio, esse lirismo está presente no mais corriqueiro do cotidiano, segundo diz em entrevista:

Não é preciso um grande tema para fazer uma boa literatura. Se tiver um grande tema, tanto melhor; mas o marginal, o leão de chácara, o sinuqueiro, o jogador de sinuca, o mendigo, podem ter momentos épicos. Acho que se um homem roubou um alimento em um supermercado, é um momento épico da mais alta poesia, é a própria luta pela sobrevivência! [...] Eu não consigo ver a literatura divorciada da vida. (PROLEITURA..., 1997, p.3).

Ana Maria Oliveira também aponta o traço poético da literatura joãoantoniana que, segundo ela,

[...] não se caracteriza por uma transposição imediata da fala dos malandros, dos jogadores de sinuca, das prostitutas. O exame mais detalhado de seus contos revela, antes, um escritor singular, que, a partir da fala encontrada nas ruas, através de um processo de reelaboração estética, cria um texto impactante.

Seus contos são compostos de uma sintaxe e um léxico que, ao mesmo tempo em que evocam a fala dos despossuídos, evidenciam um aplicado trabalho estético que, muitas vezes, chega ao rigor de utilizar princípios mais comumente encontrados em textos poéticos. (OLIVEIRA, 2006, p.207).

A autora cita, então, um trecho da narrativa “Meninão do Caixote”, publicada em *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que vale a pena transcrever e acrescentar outro trecho que demonstra claramente a musicalidade do texto de João Antônio:

Foi o fim de Vitorino. Sem Meninão do Caixote, Vitorino não se agüentava. Taco velho quando piora, se entrea de uma vez. Tropicava nas tacadas, deu-lhe uma onda de azar, deu para jogar em cavalos. Não deu sorte, só perdeu, decaiu, se estrepou. Deu também para a maconha, mas a erva deu cadeia. Pegava xadrez, saía, voltava...  
[...]  
Na rua vazia, calada, molhada, só chuva sem jeito; nem bola, nem jogo, nem Duda, nem nada. (ANTÔNIO, 1987, p. 79)

Segundo Ana Maria Oliveira (2006, p. 207), vê-se nesses trechos “as aliterações, as ressonâncias, as alternâncias tônicas que dão ao texto uma musicalidade quase que de poesia.” Ora, na medida em que se constata a narrativa lírica nos escritos de João Antônio, não é possível olhar *Malagueta, Perus e Bacanaço* somente pelo viés social, como representação de uma esfera da sociedade num dado momento histórico. Antes, é preciso olhá-la como elaboração poética levando em conta, sobretudo, a peculiaridade dessa recriação do real que é feita através da vivência do autor no mundo que recria, ou seja, por meio de sua subjetivação. É o que Jane Christina Pereira (2006) chama de “traduzir-se”, como se João Antônio falasse dos outros para falar de si.

Esse “traduzir-se” opera, nas narrativas de *Malagueta*, por meio da poesia, pois, segundo a autora, é ela “que sustenta o resgate do humano, tanto do sujeito quanto do espaço que o acomoda ou o agride.” (PEREIRA, 2006, p. 50). Jane Pereira aponta, então, a conjugação entre “voz pública” e “voz íntima”, mas alerta que “*Malagueta, Perus e Bacanaço* não nasce, portanto, apenas do registro íntimo, sem ter uma dimensão da sociedade, pois mesmo exprimindo o tormento do ‘eu’, exprime também o isolamento terrível no qual vivemos dentro da sociedade.” (PEREIRA, 2006, p. 54). Deste modo, “podemos considerar *Malagueta, Perus e Bacanaço* como um espelho que João Antônio coloca diante da sua face, mas cujo reflexo é dos outros (marginalizados, inadequados, com privações íntimas e físicas) em si.” (PEREIRA, 2006, p. 54). Enfim, “é a busca de uma identidade cultural, da qual a sua identidade pessoal é o cerne.” (PEREIRA, 2006, p.58).

Pereira procura demonstrar de maneira mais atenta o que outros críticos chamam de feição autobiográfica nos escritos de João Antônio. Pois, em sua literatura, a lírica está intimamente ligada à subjetividade de seu olhar que, por conseguinte, pertence a sua experiência vivida, a sua história. O tratamento lírico que dá ao seu texto é a recriação do que vê e, mais que isso, de como ele representa o universal no particular. Já dizia ele: “Andam se esquecendo que o universal está no particular, isto é verdade artística desde Cervantes e Dostoiévski.” (ENTREVISTA, 1976, p.5).

Nas palavras de Jane C. Pereira, o universal se mostra no particular em *Malagueta, Perus e Bacanaço* da seguinte forma:

*Malagueta, Perus e Bacanaço*, que manifesta uma lírica e dramática visão de mundo, é o testemunho da tentativa e da impossibilidade de inserção plena do indivíduo no mundo. O conflito básico, então, tal qual o da obra *A Rosa do Povo*, de Drummond é: Eu versus mundo. Mesmo sendo este o conflito básico de todo ser vivo, no caso de João Antônio, o que seria uma circunstância comum, transforma-se na reflexão poética sobre o indivíduo e sua perplexidade pessoal, social e existencial. A crítica e a denúncia estão nas suas narrativas, mas apontadas para as conseqüências do massacre no ser. Sem carne e sem vida, sem evolução, embaraçado por uma intriga-pretexto, o herói joãoantoniano não tem, quanto ao conteúdo, outra vida além da solidão. Todos os personagens da obra têm pensamentos melancólicos, não são bons em felicidade, por isso precisam de símbolos para não cair no desespero.” (PEREIRA, 2006, p.78).

Nessa longa citação, Jane Pereira sintetiza o alcance universal dos heróis joãoantonianos, fadados a sentirem cotidianamente a amargura da vida e levados sempre ao ponto de partida como se fossem Sísifos. Assim é que João Antônio representa o avesso do sorriso da sociedade, onde não há possibilidade de mudança, embora ainda existam iludidos e esperançosos. Mas, se pensarmos nessa concepção de mundo como uma visão pessimista, viria-nos à mente a afirmação de João Antônio de que a literatura deve “ralar nos fatos”, ou seja, tem que estar em consonância com a vida, no caso, a dos marginalizados. De tal modo que não há como pensarmos *Malagueta, Perus e Bacanaço* — sobretudo a narrativa-título — como uma representação positiva da malandragem e do submundo. Tal como Berthold Zilly (2000) sustenta em seu artigo “João Antônio e a desconstrução da malandragem”, o escritor desconstrói para depois reconstruir a imagem do marginalizado, mas, dessa vez, triste, sofrível, ludibriado e pisado pela vida, melancólico.

O descanso nesse mundo perturbador estaria, pois, na poesia como condição e instante de liberdade frente à raiva e ao desespero. A poesia de *Malagueta, Perus e Bacanaço* pode ser

colocada em duas palavras, raiva e ternura, que, juntas, trabalham a favor da humanização dos personagens. Tal idéia nos faz compreender o papel da linguagem em seus sentidos mais profundos e nos faz perceber as várias camadas que pertencem à expressão mais genérica “estilização eficiente”. Para dar razão a essa afirmação, na tese de Jane Christina Pereira, o título de um dos capítulos é “João Antônio traduz o indizível”, o que demonstra a função do poético dentro de suas narrativas.

Sobre a narrativa “Afinação da arte de chutar tampinhas”, Jane Pereira diz:

Nessa narrativa alegórica, o que se tira da riqueza psicológica é dado à ironia de uma arte de chutar tampinhas, capaz de captar a vida como um mosaico de impressões de arte. O narrador valoriza os acontecimentos e a narração, visto que os acontecimentos artísticos envolvendo suas tampinhas vêm do mesmo traço da obra de arte que narra tais acontecimentos. [...] Cada brilho, cada nuance e prisma das tampinhas o comovem, como a cada palavra bem colocada, cada expressão acertada. (PEREIRA, 2006, p.99).

Jane Pereira abre a possibilidade de lermos esse texto como metalingüístico, uma vez que, “tal qual o chutador de tampinhas e suas incansáveis tentativas de aperfeiçoar sua arte, João Antônio escrevia e reescrevia cada parágrafo exaustivamente, até chegar à precisão de sentido que buscava.” (PEREIRA, 2006, p.103). Esse empenho incansável que cultivava na escrita quando revela a poeticidade da língua falada corresponde a uma das funções sociais de sua literatura. Para a autora, a linguagem de João Antônio se contrapõe ao convencionalismo social:

Ao purificar a linguagem, nessa reconquista de seus valores plásticos e sonoros, afetivos e significativos, João Antônio resiste à falsa ordem, ao pré-estabelecido, às desigualdades naturalizadas pelo capitalismo. [...] Neste sentido, João Antônio toma o signo na sua plurivalência, portanto, num movimento contra-ideológico, uma vez que a classe dominante busca tornar o signo monovalente, reduzindo-o ao único significado que lhe interessa.(PEREIRA, 2006, p.52).

Ao longo de suas análises, Jane Pereira cita elementos sonoros da narrativa joãoantoniana e afirma que as frases curtas têm como função “obter o máximo de significação” (PEREIRA, 2006, p.102), assim como “a reiteração adjetiva [...] pode ser interpretada como modo multifacetado de conhecer a realidade.” (PEREIRA, 2006, p.132). Desse modo, a poesia se realiza por meio dos vários recursos de linguagem que promovem um texto híbrido onde, em termos gerais, as variedades lingüísticas convivem harmoniosamente.

Jane Pereira observa que todo esse labor poético gira em torno de um eixo que percorre todas as narrativas: a visão impressionista. Trata-se da arte impressionista praticada, principalmente na França, nos fins do século XIX, por pintores como Monet e que consiste em “sugerir o real por meio das sensações” (PEREIRA, 2006, p.194). Na narrativa “Retalhos de fome numa tarde de G.C.”, por exemplo, “João Antônio parece reter dos impressionistas a experiência da cor como mensageira de estados de espírito e de sentimentos particulares.” (PEREIRA, 2006, p.126). Do mesmo modo que os impressionistas iam, a cada pincelada, criando um cenário por meio das suas sensações, João Antônio cria o ambiente a partir das sensações dos personagens. Segundo a autora, “isso ocorre em decorrência da especificidade da focalização [...] cujo objetivo é retratar o externo por meio das reverberações internas, isto é, um olhar que perpassa a intimidade do objeto narrado. João Antônio explora uma circularidade que se realiza na tríade: espaço exterior, espaço interior, linguagem.” (PEREIRA, 2006, p.148).

A narrativa “Malagueta, Perus e Bacanaço” pode ser interpretado como uma síntese das construções poéticas de João Antônio. Vejamos o que diz Jane Pereira:

Percebemos, portanto, que a linguagem escolhida e selecionada por João Antônio imita as evoluções dos movimentos das personagens. E essas evoluções são como que uma interpretação do próprio movimento do jogo. Existem os avanços e os recuos, as paradas bruscas, as esperas, o silêncio e a solidão de quem está criando o jogo e precisa de concentração. Há tensão e distensão no jogo de corpo que precisa ser afiado diante daquele joguinho ladrão. Assim, situações de fome, de esperança vaga, de desnorreamento, de tédio ou de raiva encontraram uma expressão adequada em frases curtas, elípticas e no tom emocional do monólogo interior. É, enfim, uma linguagem musical que acompanha o ritmo das bolas, dos personagens e de seus sentimentos, apresentando ponto e contraponto e até refrão. (PEREIRA, 2006, p.207-8).

Ao apresentar a poesia de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, a pesquisadora alarga as possibilidades de leitura apontando a atemporalidade e assinalando a subjetividade como ingrediente principal para a descrição do espaço. Esse traço subjetivo se torna tão importante na medida em que representa a experiência de vida do autor tanto quanto a sensibilidade deste com o universo recriado. Mesmo tratando de uma obra específica, a autora promove uma nova idéia sobre a literatura do escritor que, certamente, dará esteio para as análises de sua linguagem. A importância de revelar em profundidade o trabalho lingüístico do texto de João Antônio está em desconstruir conceitos já arraigados sobre sua obra. Em outro trabalho,



Telma Maciel da Silva alerta para leituras apressadas da obra de João Antônio que levam a resultados simplistas:

[...] é preciso desfazer um possível mal-entendido a respeito da literatura empenhada de João Antônio. Este empenho [...] já foi motivo para algumas críticas apressadas e simplificadoras da obra do contista. Tratar, simplesmente pela escolha temática, a produção joãoantoniana como uma literatura panfletária é no mínimo um equívoco, pois é pelo trabalho com a linguagem que o autor levará lirismo e vida às personagens comumente tidas como secundárias na sociedade como um todo.

Deste modo, dizer que a prosa de João Antônio é uma prosa realista é dizer muito pouco, pois o autor, à moda de Guimarães Rosa e tantos outros gênios da nossa literatura, transfigura o real e explicita o lirismo da linguagem e da vida dos que até nisso foram espoliados. (SILVA, 2006a, p.201).

A propósito da classificação que, porventura, reflete apenas um lado da literatura de João Antônio, há trabalhos que se esforçam em olhá-la pelo sentido estético ou estrutural, cujo resultado é a dúvida sobre como referenciar este livro. Desse modo, ao invés de relacionar os textos joãoantonianos com este ou aquele gênero, alguns estudiosos preferem lançar questionamentos. No trabalho de Suzana Cazula Bernachi (2005), dedicado a estudar a estrutura de “Malagueta, Perus e Bacanaço”, aparecem justificativas contundentes para relacionar este texto a três gêneros: conto, novela ou crônica. Com efeito, pode-se observar em “Corpo-a-corpo com a vida”, uma declaração do próprio João Antônio a respeito da hibridização de seus textos: “Pode ser tudo isso trançado, misturado, dosado, conluiado, argamassado uma coisa da outra”. (ANTÔNIO, 1975, não paginado).

Deixando de lado a tarefa de classificar essa narrativa, Suzana Bernachi procura desfazer certa corrente crítica que utiliza a experiência do escritor no mundo da malandragem como foco para explicar “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Segundo Bernachi (2005, p.2), “trata-se de um esforço de elaboração racional que não pode ser creditado, simplesmente, à espontaneidade imitativa da realidade do autor: a boêmia e a convivência com jogadores de sinuca.” A autora destaca o ritmo da narrativa como elemento fundamental na construção dessa narrativa. É comum, nas entrevistas de João Antônio, a afirmação de que se preocupava com a musicalidade na construção de seus textos. Assim, a autora afirma que

é, portanto, o ritmo— as repetições, os paralelismos, as inúmeras aliterações e enumerações — um elemento-chave para a construção de uma narrativa ágil, que materializa o jogo tenso, rápido e agressivo da sinuca, no qual os tacos batem nas bolas, que deslizam chocando-se umas com as outras ou sendo encaçapadas. (BERNACHI, 2005, p.69).

Outro estudo que reflete a elaboração artística de João Antônio é o de Eugênia M. Ferreira Abrahão, intitulado *As veias abertas da cidade de João Antônio: os contos de Abraçado ao meu rancor*, de 2006. Sobre “Guardador”, um das narrativas de *Abraçado*, a autora diz o seguinte:

A linguagem oral predomina, como se quase todo tempo se estivesse junto, assistindo ao vivo ao desenrolar da cena. Isto pode ser percebido, principalmente, quando do uso do discurso indireto livre. Algumas vezes esse recurso é tão sutil que um leitor menos atento pode chegar a confundir a voz do narrador com a de seus personagens. (ABRAHÃO, 2006, p. 63)

Eugênia Abrahão cita, além da oralidade, elementos que estão presentes na escrita de João Antônio, como a musicalidade e a aliteração que resultam numa prosa perfeitamente poética. Para a autora, em João Antônio “a linguagem das ruas tem uma dupla função: estética e comunicativa.” (ABRAHÃO, 2006, p.69)

A poeticidade do texto joãoantoniano, que inclui a musicalidade, é um tema desenvolvido por Jane Pereira, Suzana Bernachi e, também, por Eugênia Abrahão. Isso indica que esse conceito tem se tornado aceitável nos estudos sobre as narrativas de João Antônio. Tal abordagem se mostra favorável ao reconhecimento do trabalho do escritor, visto que valoriza a riqueza estilística contida em seus textos.

Nas pesquisas acadêmicas há possibilidades de conhecermos outras questões que cercam o trabalho de João Antônio, como, por exemplo, os elementos políticos envolvidos na sua produção para os jornais. Concomitantemente à produção literária, João Antônio foi um exímio colaborador na imprensa paulista e carioca com passagens pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, entre outros. Na imprensa “nanica”, o escritor publicou crônicas em debate às idéias políticas da época e, em alguns veículos da grande imprensa, pôde desenvolver o que chamamos de conto-reportagem, onde veríamos a investigação da vida urbana.

Em seu trabalho *Radiografias brasileiras: Experiência e identidade nacional nas crônicas de João Antônio*, Hugo Bellucco (2006) estuda a produção de João Antônio publicada na imprensa nanica, entre 1974 e 1979, principalmente no jornal *O Pasquim*<sup>3</sup>, e na grande imprensa, representada pela revista *Realidade*, entre 1966 e 1968. As crônicas e narrativas para esses periódicos, segundo Bellucco (2006, p. 9), teriam sido, para João Antônio, “um importante campo de experimentação”, onde trataria de assuntos sociais do brasileiro

---

<sup>3</sup> Sobre a colaboração de João Antônio para o *Pasquim* ver também: SILVA, Neize Ribeiro. *João Antônio no Pasquim: levantamento e estudo*. Relatório final de Iniciação Científica. Assis: UNESP, 2004.

contemporâneo e onde também estaria impresso um caráter híbrido. Essa produção estaria situada “na discussão em torno da busca do ‘nacional’ e do ‘popular’ na literatura” (BELLUCCO, 2006, p.13) dos anos 1970. Assim, no segundo capítulo da dissertação, Bellucco destaca a importância da utilização da experiência vivida nas crônicas e de que maneira esse “timbre pessoal” se relaciona com a questão do “nacional” e do “popular”. Por isso, João Antônio privilegia, em suas crônicas, por exemplo, assuntos e personalidades ligadas à cultura popular brasileira e, mais precisamente, as que estão esquecidas e que se encontram na marginalidade. Essas crônicas, porém, negam a exaltação nacionalista que propõe uma idéia de povo cordial, sofrido, mas feliz.

Alguns periódicos, na década em questão, estavam envolvidos na discussão sobre as possibilidades de um jornalismo crítico que se contrapusesse ao jornalismo convencional que impunha restrições ao repórter. Esse debate, evidentemente, estava vinculado a uma série de fatos políticos que exigiam do repórter um posicionamento de resistência. Tal resistência João Antônio encontraria na literatura, produzindo, o que Bellucco (2005, p. 20) chama de “reportagem literária” e que teria a revista *Realidade*, por exemplo, como espaço privilegiado. Aliás, nesse periódico, o escritor-jornalista praticou “um tipo de texto que efetivamente representou um marco para sua caracterização como um escritor indefinido entre o conto e a reportagem.” (BELLUCCO, 2005, p. 22).

Segundo o autor, na trajetória do escritor, política e estética se influenciam mutuamente, tanto que “seu relacionamento ambíguo de resistência e adaptação ao trabalho na imprensa tem na época dos jornais nânicos uma associação orgânica com a politização de sua prática literária.” (BELLUCCO, 2005, p. 20). O exemplo mais alto disso talvez seja o manifesto “Corpo-a-corpo com vida”, publicado em *Malhação do Judas Carioca*, de 1975, no qual João Antônio defende uma literatura que fale, “de bandido para bandido”, das realidades brasileiras como o samba, o futebol, a vida operária, a umbanda, a habitação, a saúde, dentre outras coisas.

Bellucco visualiza as diferenças de timbre que há entre o cronista e o repórter:

Embora na revista [*Realidade*] João Antônio não se exima de expor suas opiniões pessoais, existe uma diferença clara entre o narrador das crônicas dos anos 1970, abertamente polêmico, agressivo e militante, e o seu trabalho como repórter. [...] Ela [a diferença] se manifesta, por exemplo, na extensão das reportagens da revista, diferente da brevidade das crônicas para os nânicos, na politização aberta das crônicas em oposição à expressão mais indireta do narrador das reportagens, na intensificação de um traço humorístico e sintético, especialmente nas páginas do *Pasquim*,

diferentemente da minúcia das descrições do repórter na revista. (BELLUCCO, 2005, p. 26).

Do mesmo modo como João Antônio faz em suas narrativas, as crônicas no *Pasquim* apresentam uma “rede de referências culturais e pessoais” (BELLUCCO, 2005, p. 46) e “o esforço em diminuir as distâncias entre o discurso literário, a experiência e a vida social” (BELLUCCO, 2005, p. 49). A seguir, Bellucco (2005, p. 72) afirma que “a ênfase em seu engajamento refletido na realidade histórico-social, inserindo-o nas várias ‘redescobertas’ do Brasil que permeiam nossa história literária e marcam a intervenção de diferentes autores na imprensa, deve igualmente considerar o ‘timbre pessoal’ que o particulariza.” Em certo sentido, no entanto, não se pode considerar que esse engajamento e essas referências culturais (leia-se referências da cultura popular) que imprime em seu texto tenham sido “um capítulo a mais de um nacionalismo populista e autoritário” (BELLUCCO, 2005, p. 70), pois João Antônio escolhe uma outra via que não a de exaltar os “heróis nacionais”. Escolhe a via do marginalizado, que é herói e também é bandido, como o faz na crônica sobre Almir Pernambuco, que, segundo Bellucco,

Através do perfil de um jogador singular e da trajetória de um jogador médio que se contrapõe à imagem olímpica dos ídolos em que a ideologia dominante investia uma mensagem ufanista, o cronista busca um lugar de onde interpretar a experiência brasileira, uma posição à margem, de que se apropria para expor sua própria visão de mundo. (BELLUCCO, 2005, p. 93).

Assim como João Antônio busca o outro lado da questão social, o espaço urbano será, para ele, uma mistura de atração e perplexidade:

A relação do narrador com o espaço urbano, sua “multiplicidade de mundos”, são explorados pelo cronista principalmente através de duas atitudes complementares: ressaltando o contraste social [...] e dialogando com o ponto de vista singular de personagens obscurecidos pela visão oficial, seja da imprensa, das campanhas oficiais e da propaganda. Como os “tipos especiais” da fila da Confeitaria Colombo, também outros grupos ou personagens individuais servem ao cronista como um modo de dar a ver um ponto de vista da vida metropolitana. (BELLUCCO, 2005, p. 124).

O progresso urbano também sofre críticas do cronista que ainda identifica “a tendência coletiva à indiferença e à frivolidade” (BELLUCCO, 2005, p.132):

Através dessa identificação urbana, João Antônio encarnou a figura do escritor profundamente engajado, do decifrador dos males do presente e das

transformações e continuidades detectadas tanto em suas experiências existenciais na cidade quanto no polimento da própria crítica social a partir da leitura de outros escritores, principalmente Lima Barreto. (BELLUCCO, 2005, p. 147).

A questão do narrador nas crônicas é observada por Bellucco, que afirma existir um distanciamento existente entre ele e os personagens:

[Nas crônicas] esboça-se a figura a um só tempo solidária e irônica de um narrador que tende a se aproximar da posição precária de seus personagens sem que, por isso, se misture a eles: através de procedimentos destinados a valorizar a voz desses personagens ocorre um processo de identificação que, no entanto, reconhece a distância entre esses “pingentes” e o narrador. (BELLUCCO, 2005, p. 149).

O trabalho de Hugo Bellucco possibilita o conhecimento da face política da produção de João Antônio, de que maneira ele reagia à opressão de seu tempo e abre mais uma janela de interpretação a respeito de seu engajamento junto à imprensa nanica. Bellucco oferece também instrumentos para compreendermos a produção literária em livro de João Antônio, na medida em que há um diálogo entre esta e as crônicas e contos-reportagem para a imprensa. Essa afirmação é admitida por outro estudioso da produção de João Antônio na revista *Realidade*: Carlos Alberto de Azevêdo Filho, em seu livro *João Antônio: repórter de Realidade*, de 2002, estuda a relação entre jornalismo e literatura por meio da colaboração do escritor para esta revista nos anos de 1967 e 1968. De acordo com Azevêdo Filho (2002, p. 13), “a atividade jornalística de João Antônio relaciona-se com a produção literária, chegando a um ponto no qual o escritor não diferencia uma da outra.” O ficcionista e o jornalista se influenciaram mutuamente, produzindo um texto híbrido, o que permitiu a publicação de parte de sua produção jornalística em seus livros, como é o caso de *Malhação de Judas Carioca*, de 1975, e *Casa de Loucos*, de 1976.

Azevêdo Filho, ao escolher a revista *Realidade* para estudar a relação entre jornalismo e literatura em João Antônio, se ateve a três elementos: primeiro, a revista promoveu uma experiência inédita para o jornalismo brasileiro ao introduzir em suas páginas o Novo Jornalismo norte-americano que propunha uma relação mais direta com a realidade utilizando recursos da literatura; segundo, muitas “reportagens” feitas por João Antônio para a revista saíram depois em livro; e terceiro, a revista correspondia às expectativas de João Antônio em relação ao jornalismo. Outro fato importante assinalado pelo autor é que, durante sua trajetória, o escritor esteve dividido entre a sobrevivência e a carreira literária “e uma das

formas de não se afastar da escrita e sobreviver era a profissionalização como jornalista” (AZEVEDO FILHO, 2002, p. 15). João Antônio tinha na revista *Realidade* uma chance de não se afastar da literatura, já que produzia reportagens com a mesma preocupação estética daquela de suas narrativas; por isso, são chamados contos-reportagem, classificação defendida por João Antônio no manifesto “Corpo-a-corpo com a vida” e também reconhecida por muitos críticos.

João Antônio estréia na revista *Realidade* em outubro de 1967 colaborando com sete textos até 1968. Como já foi dito, várias matérias que foram publicadas nesta revista serão republicadas em formato de livro, mas vão sofrer pequenas mudanças, sendo a mais visível a perda da foto que acompanha a reportagem, o que, segundo Azevêdo Filho (2002, p.61), “não chega a comprometer a inteligibilidade do texto, mas verifica-se uma razoável perda da informação”.

Azevêdo Filho analisa cada um dos sete textos publicados, tendo sempre em vista a relação entre o estilo de João Antônio, o Novo Jornalismo e a revista *Realidade*. Nessas reportagens vão circular temas variados como a sinuca em “Este homem não brinca em serviço”; a malandragem e sua repressão no Brasil em “Quem é o dedo-duro”; a morte em “A morte”; perfil de Aracy de Almeida em “Ela é o samba”; a paixão pelo futebol em “É uma revolução”; o universo dos apostadores das corridas de trote em “O pequeno prêmio”; o cotidiano do cais do porto de Santos em “Um dia no cais”. No último texto, Azevêdo Filho (2002, p. 109) diz haver “o exemplo máximo da integração entre narrativa jornalística e o texto literário [...]”.

Para escrever “Um dia no cais”, João Antônio observou durante trinta dias o cotidiano do cais, as pessoas, o espaço e o seu funcionamento, sempre baseado em princípios do Novo Jornalismo. Azevêdo Filho (2002, p. 111) sublinha que um dos segredos da revista *Realidade* é o de “deixar o repórter livre da pressão da produção industrial, dando-lhe uma liberdade de criação tanto na feitura das reportagens como também na preparação do texto”. Este conto-reportagem nos traz a singularidade do cotidiano do cais “com ritmo e tempo próprios, com regras muito pouco conhecidas dos que trabalham fora do porto” (AZEVEDO FILHO, 2002, p.112). Toda a gente que circula no porto – trabalhadores, marinheiros, estrangeiros e prostitutas – se transforma em personagens na narrativa. Rita Pavuna e Odete Cadilaque, por exemplo, duas prostitutas que andam juntas no cais à cata de marinheiros, estão “em busca da sobrevivência e encaram o porto também como local de trabalho” (AZEVEDO FILHO, 2002, p. 113). O espaço é descrito como sujo, caótico, decadente, “visto como um amontoado de

gente, máquinas e sujeira” (AZEVEDO FILHO, 2002, p. 119) e corresponde ao estado de vida das pessoas que ali transitam.

A inovação das técnicas do jornalismo propiciada pelo Novo Jornalismo engendrou um hibridismo que também favoreceu a literatura, porque tanto a reportagem possui elementos literários quanto a literatura é nutrida pelas técnicas jornalísticas. No caso de João Antônio isso se mostra claramente, já que os textos que escreveu para a revista *Realidade* foram publicados em livro. Se antes o texto estava na revista, agora está no livro e em ambos os suportes, a reportagem ou o conto-reportagem serão marcados pelo estilo inconfundível de João Antônio. De acordo com Azevêdo Filho,

Ao ir trabalhar na redação de *Realidade*, o escritor João Antônio já tinha pleno domínio das técnicas narrativas literárias, como se pode sentir em seu livro de estréia, *Malagueta, Perus e Bacanaço*. As reportagens publicadas pelo jornalista em *Realidade* têm a marca do escritor, tanto na escolha dos temas (iguais aos do seu universo ficcional) quanto por opções narrativas características do escritor (uso da gíria, repetição de palavras para causar sonoridade, frases curtas, tempo cronológico, personagens marginais, fusão homem e meio etc.). (AZEVEDO FILHO, 2002, p. 128-129).

O estudo da obra de João Antônio ganha mais força quando temos conhecimento desse elemento chamado Novo Jornalismo, uma vez que será uma das bases de sua literatura, como explicitado no já mencionado manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”:

[...] esse tipo de produção escrita, de aparência apenas experimental, já chegou a produtos acabados e comestíveis; são bons e podem ser consumidos imediatamente pelo leitor de nossos dias. Exemplos? *A Sangue Frio* (Truman Capote), *Um Tiro na Lua* (Norman Mailer), *Miami e o Cerco de Chicago* (Mailer). (ANTÔNIO, 1975, não paginado).

Em *Carta aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*, há um trecho de carta de João Antônio, de 22 de dezembro de 1975, em que complementa o que diz acima:

Você já deve ter recebido, em remessa separada, um exemplar de meu filho mais novo, também chamado *Malhação do Judas Carioca*. Este meu livro pertence, você verá, a uma nova fase minha em que aproveito uma série de experiências colhidas ao longo de tempos de jornalismo. Aproveito uma porção de deixas largadas por Norman Mailer, Vasco Pratolini, e Truman Capote no novo jornalismo americano. Na quinta-feira última entreguei a Ênio Silveira os originais de um novo livro, *Casa de Loucos*

Os dois livros têm a mesma característica de mistura. Contos ao lado de reportagens, depoimentos, artigos, crônicas, perfis, contos-reportagens. (ANTÔNIO apud CARNEIRO ; LUCAS, 2005, p.63-64).

O trabalho de Carlos Alberto de Azevêdo Filho, portanto, significa mais uma página escrita acerca da relação, na obra de João Antônio, entre jornalismo e literatura. A produção do escritor na revista *Realidade* pode ser um exemplo de como ele conseguiu, de certa forma, conciliar jornalismo e literatura. Deste modo, a sua experiência na revista chegou a evitar, em parte, o seu afastamento da literatura, coisa que ele tanto temia.

Um dos mais fecundos campos de estudos sobre João Antônio tem sido, certamente, as centenas de cartas enviadas aos amigos durante toda sua vida. O escritor praticou incansavelmente a atividade epistolar e, não por acaso, disseminam-se trabalhos de diversos tipos sobre suas missivas. Para se ter um exemplo da atenção que João Antônio dispensava a elas, basta verificar em seu Acervo as cadernetas em que anotava meticulosamente as cartas respondidas. Além desses registros de organização febril, há um montante de cartas endereçadas a ele e mais um grande volume de envelopes vazios e usados para serem reutilizados. Pode-se dizer que havia uma circulação intensa de correspondências, embora o montante que se encontra em seu Acervo não supere o que está em posse dos destinatários.

O fato de suas cartas atraírem tantos olhares talvez se deva à riqueza de seu conteúdo. Isso acaba direcionando os variados caminhos das análises e publicações sobre o assunto, já que elas foram iluminadas em diversos pontos, tais como suas feições literárias assinaladas pelo estudo de Telma Maciel da Silva (2006b). As cartas ajudam a reconstruir parte de sua biografia servindo a um trabalho sobre João Antônio, escrito por Mylton Severiano (2005). Elas também falam por si em duas publicações: a primeira delas é uma homenagem a João Antônio, feita por Wilson Bueno, que foi um dos destinatários do escritor por longos anos. A outra é a publicação em livro de suas cartas para os amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas, que contém ainda uma breve apresentação de amigos falando da amizade com João Antônio.

Suas cartas ganham maior valor também por conta dos anexos que as acompanham, tais como recortes de jornal contendo críticas a respeito de sua obra; anotações em papel retirado de maço de cigarros; cópias de textos dos quais guardava os originais, entre outras coisas. João Antônio recebia igualmente anexos de seus correspondentes e pôde formar, segundo consta de seu Acervo, um grande volume de textos críticos sobre sua obra que atualmente proporciona estudos a respeito do assunto, como já citado na Introdução.



Mylton Severiano é jornalista e foi amigo de João Antônio desde os tempos em que ambos integraram a equipe da revista *Realidade*, em 1966. Essa sólida amizade duraria mais de trinta anos e dela resultou um conjunto de aproximadamente quinhentas cartas. Desse volume de missivas nasceu o romance *Paixão de João Antônio*, publicado em 2005, que apresenta, entre outras coisas, a transcrição de algumas cartas, depoimentos do próprio Severiano, de familiares e de ex-mulheres do escritor.

Essa obra tem uma estrutura singular, tanto que não se pode dizer que ele narra a história de João Antônio e nem ao menos que há cronologia, como seria de costume ao contar a vida de uma pessoa. Severiano começa falando da morte de João Antônio por meio da transcrição de uma nota jornalística que anuncia esse triste acontecimento, ocorrido no mês de outubro de 1996, e não do seu nascimento no dia 27 de janeiro de 1937.

A voz do narrador ou comentarista aparece pouco ao leitor, porém pode-se ouvi-la por meio da escolha e da disposição dos “documentos”. Esses “documentos” são, na verdade, recortes, trechos das cartas e registros orais e escritos sobre o escritor que servem para reconstituir partes de sua vida, um pouco como João Antônio fez em *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. No romance sobre Lima Barreto, João Antônio se esconde quase que completamente, exceto no prefácio e na nota prévia. A descrição dos bares freqüentados por Lima se realiza por meio do depoimento de Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, velho amigo deste, que João Antônio conheceu durante sua internação no Sanatório da Muda, no Rio de Janeiro, em 1970. Evidentemente, esse depoimento funciona como uma máscara para João Antônio, que diz não pôr nenhuma palavra sua na descrição, mas fica patente para o leitor mais atento que sua voz está presente em todo o texto, pois supostamente é ele quem redige as palavras de Nóbrega da Cunha, também interno do sanatório.

É preciso ressaltar a estrutura desse romance, que é construído com passagens do depoimento de Cunha e trechos de obras do biografado escolhidas por João Antônio. Não é nossa tarefa aqui fazer uma análise comparativa das duas obras, mas apenas mostrar alguns pontos de convergência entre a de João Antônio e a de Mylton Severiano.

*Paixão de João Antônio* é marcado por avanços e recuos constituindo-se num quebra-cabeça ou, até mesmo, possui uma montagem análoga à cinematográfica, já que é apresentada em quadros. Pode-se verificar isso desde a primeira parte do romance, em que Severiano começa com o momento da escrita, em 2003, e dá um salto para trás, em 1996, quando lê a última carta de João Antônio:

Sexta, 9 de maio de 2003. Solzão, *Ouro sobre Azul*, canal de áudio de “música clássica” verte *Coro 63* de Bach; ária sobre amor impossível; adágio de Mozart; prelúdio de *Bachianas* número 4 de Villa-Lobos; *Amanhecer* de Grieg— então é demais.

Quinta, 10 de outubro de 1996, seis anos e meio antes. As Parcas já espreitam João Antônio para conduzi-lo ao outro mundo e, fazendo de conta que não é com ele, escreve-me para Florianópolis [...]

Terça, 15 de outubro de 1996. João Antônio está morto quando leio:

*Copacabana, 10/10/1996 e não é novidade nenhuma dizer o quanto passa, arisco, professor rápido, o tempo. Já ouvi isso em Hamburg e em outros lados do mundo.*

À última carta. Enquanto lia, meu amigo jazia sobre a cama de casal [...]. (SEVERIANO, 2005, p. 27-31).

Além dos avanços e recuos na cronologia dos fatos, há também a convivência de vários tipos de textos que ilustram a narrativa construindo um mosaico de relações interpessoais e de referências culturais partilhadas entre João Antônio e Mylton. A memória se reconstitui por meio de citações de trechos da crítica sobre a obra do escritor; transcrição integral de poemas de outros escritores (como o poema sobre Garrincha, de Otoniel Santos Pereira) e de narrativas de João Antônio; letras de sambas antigos de cunho popular, depoimentos de familiares e amigos. Algumas cartas que aparecem em trechos no decorrer do texto, e o restante é publicado integralmente na segunda parte do romance. A referência a amigos em comum, a personalidades culturais e pessoas que passaram pela vida de João Antônio é tão freqüente que a biografia possui, nas últimas páginas, um índice onomástico de mais de quatrocentos nomes, de A a Z.

Algumas lembranças de Mylton Severiano sobre o amigo João Antônio também ilustram o romance e trazem mais elementos para a construção da imagem do biografado como, por exemplo, o episódio da noite de lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, em 1963:

Sentados em volta de JA, os pais; o irmão Virgínio, adolescente, de terno preto e gravata; primas. Fugi dali. Perdi cena que Ilka [Laurito] me relataria quatro décadas depois: a chegada de um grupo saudado com alegria por meu futuro amigo.

“Ah, que bom que vocês vieram!”

Eram prostitutas da Boca do Lixo. (SEVERIANO, 2005, p. 34).

Outras lembranças chegam a contribuir para aquela imagem do escritor preocupado com as mazelas do Brasil e também concretizam a incrível semelhança entre João Antônio e Lima Barreto:

Cena nítida na memória. João Antônio rilha dentes, agita punhos, apoplético, lágrimas dançando nos olhos, vocifera as pragas todas das Forças Intermediárias em cima dos que sanguessugam o povo brasileiro:

“Ô, Myltainho, esse povo maravilhoso não merece essa ratatua de canalhocratas.” (SEVERIANO, 2005, p.37)

[...]

Impressionante [...] paralelo, a obsessão em responder a toda carta, pois *abominava* deixar alguém a esperar resposta [...]; tal e qual Lima Barreto, anotava cada carta respondida; e, de algumas respostas, guardava cópia obtida por papel-carbono (só passou ao computador no fim da vida). (SEVERIANO, 2005, p.59-60)

Afora as reminiscências de Severiano e “já que este é um livro calcado em cartas [...]” (SEVERIANO, 2005, p. 64), elas serão objeto central desse romance, cuja segunda parte dá conta de trinta anos de correspondência permeada por notas explicativas do autor. Severiano resume o que encontramos nesse “meio milheiro de cartas trocadas [...] mulheres que passam ‘senhoras de tudo aquilo em que pisam’. O ‘desconcertante Garrincha’. Brasil, desabafos, cobranças, políticos, pedidos de trabalho que lhe desse ‘algum’, retratinhos de amigos e desafetos, a amante possessiva — a literatura —, pau nos jornalistas, nos canalhocratas.”(SEVERIANO, 2005, p. 181). Ou ainda: “tal como nos encontros, tratávamos mais de literatura, jornalismo, coisas brasileiras e estados d’alma.” (SEVERIANO, 2005, p. 184).

Numa das cartas publicadas por Severiano, de 13/5/1980, João Antônio fala sobre construir uma posteridade para suas obras: “Tenho procurado me enterrar de cabeça no papel e, parece-me, algumas coisas que escrevo valerão. Preciso ter cabeça, arrumar as coisas, gramar sobre o papel. Quero fazer livros que fiquem de pé de verdade. Tenho de gramar para tanto.” (ANTONIO apud SEVERIANO, 2005, p.192).

Para se ter uma idéia dos assuntos variados que circulavam nas cartas, há um trecho (carta de 24/8/1993) em que o escritor revela o que chama de “superstição científica”:

Minha terapia são os banhos frios e com sal grosso, o uso da cueca pelo avesso e saio rezado, com dentes de onça no bolso de trás das calças, e ramos de arruda, mais os meus patuás queridos doados pelos meus protetores, os povos do mar: Iemanjá, a vaidosona, e Ogum-Beira-Mar, o que gosta mesmo de guerrear. (ANTÔNIO apud SEVERIANO, 2005, p.120)

João Antônio já dissera em seu texto “Ajuda-me a sofrer”, publicado em *Dama do Encantado*, que “mostrar cartas é quase tirar a roupa em público” (ANTÔNIO, 1996, p. 93). Na correspondência entre duas pessoas pode existir de tudo, desde o mais ínfimo acontecimento do cotidiano até especulações filosóficas, confissões íntimas etc. Um dos

propósitos das cartas é que elas sejam abertas e lidas somente pelos destinatários, constituindo-se, assim, numa propriedade, tanto que abrir cartas alheias sem a autorização do destinatário é considerado crime. Todavia, no caso de João Antônio, seu “desnudamento” foi possível após sua morte quando alguns destinatários de suas cartas resolveram publicá-las e, conseqüentemente, passaram a ser de conhecimento público.

Um dos seus correspondentes por mais de vinte anos, Wilson Bueno (1999), resolveu abrir ao público algumas cartas de João Antônio numa homenagem que fez a ele e que, mais tarde, foi publicada no *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Foram três cartas publicadas com a preocupação em apresentá-las manuscritas e fotocopiadas para que se preservasse o aspecto da escrita de João Antônio como anotações nos cantos da página, trechos escritos à mão e flechas para ligar uma parte na outra. Numa delas (16/07/1984), o escritor fala sobre uma paixão que tem como cenário as ruas do bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, onde caminha com a tal mulher. Em outra, o assunto é mais literário: reclama do empobrecimento da literatura, enaltece os grandes escritores brasileiros e alguns estrangeiros e fala de como é sua relação com a literatura:

Há que se vencer a timidez. A literatura, prepotente e despudorada amante — que fica mais desejável quanto mais espúria, proibida, clandestina exigente — não aprova limitações nem preconceitos. Ditadora, exige ser amada toda, com as mãos, com os olhos, com a boca e até como o sexo. Além do que, ela impõe como primeira condição: “tu me darás tudo, teu sangue e tua alma e não te devolverei nada”. A literatura e a arte, em geral. Exige tudo e não dão nada. E como num epigrama de Oscar Wilde, só o tédio será um pecado imperdoável. (ANTÔNIO apud BUENO, 1999, p. 27).

Em homenagem ao escritor, Wilson Bueno escreveu-lhe uma última carta, póstuma, que relembra os vinte anos de correspondência e que começa assim:

Suas cartas. Serão cem, cento e cinquenta, quantas cartas serão estufando envelopes, sobrando pelas laterais da pasta de cartolina que o elástico mal contém ou na caixa de papelão criteriosamente amarrada pelo barbante encardido? Vinte anos de epistolagem nos andaram a vida vadia. E vinte anos não são vinte dias— diria o insopitável Acácio, nosso distinto Conselheiro.

Dos envelopes à mostra no escaninho da mesa, daqui distingo que dois deles trazem-lhe a caligrafia precisa, regular, de uma elegância sóbria e masculina. E como no aéreo do ar que nos move os dias você não existe mais, é igual se esta mensagem aqui fosse apenas a garrafa que lançada ao mar guarda para si o inenarrável mistério de seu destino. (BUENO, 1999, p. 30).

As cartas se tornaram documentos de memória passíveis de investigação em diversas frentes, sobretudo a literária. No trecho a seguir, retirado do texto “Ajuda-me a sofrer”, João Antônio deixa entrever o que se pode retirar das cartas:

Imagino que elas [cartas] poderiam dar, afora dados técnicos apreciáveis pela teoria, uma espécie nada imaginária de memórias. Cinzências, desesperos e sofrimentos à parte, ou embutidos, o escritor é um marginalizado neste tipo de sociedade caótica, desgovernada e incultural. O resultado do trabalho bem poderia parecer ficção.

Não intitularia, por precário, a reunião dessa correspondência, uma epistolagem que não chega a lugar nenhum fora da ilhota ou do gueto mirrado onde orbita e se mexe, sem nenhum sossego a atividade literária. É uma montagem armada a partir da correspondência de um escritor brasileiro e visa expor uma nesga, pequena fresta dos bastidores contemporâneos. Entram aí, a sensibilidade, emocional e o humano daqueles que aos trancos e barrancos, miserês e desacompanhamentos, vão fazendo literatura. (ANTÔNIO, 1996, p.94-95)

Deste modo, pode-se considerar sua correspondência como baú de memórias dos tais “bastidores contemporâneos” onde se vê a míngua em que viviam (ou vivem) os escritores, marginalizados para João Antônio, e que esta situação seria compartilhada somente por aquele grupo fechado de missivistas. Todavia, há quem veja muito mais que bastidores e escritores marginalizados e observe o tratamento estético das cartas e o modo como João Antônio fala de si por meio delas.

“*É vida. E por isso mesmo, muita literatura*”: a arte de narrar-se, na correspondência do escritor João Antônio é o título do trabalho de Telma Maciel da Silva (2006b) que visa analisar parte da correspondência do escritor com o jornalista Jácomo Mandatto, que compreende cerca de quatro décadas. Pelo título já é possível ter a noção do que a pesquisadora observa a partir da leitura da Coleção Jácomo Mandatto, nome dado ao conjunto de cartas doado por Mandatto ao Acervo João Antônio. Ao narrar-se, ou seja, ao falar de si, João Antônio utiliza artifícios literários, fazendo-se personagem de sua própria história. Telma da Silva desconstrói a idéia de veracidade contida nas cartas, pois, segundo ela,

O que raramente pensamos é que tal ambiente de intimidade e despojamento pode, também, ser construído intencionalmente ou, simplesmente, ser utilizado, justamente por seu imaginário de autenticidade absoluta, como um espaço de construção da verdade que se quer propagar. (SILVA, 2006b, p.9)

Assim, a autora busca compreender a literariedade nessas cartas, constatada pelo fato de que, ao escrevê-las, João Antônio está produzindo ficção e não verdade, característica esta

comumente atribuída à atividade epistolográfica, já que “o autor buscou, ao longo de quatro décadas, período que compreende a sua produção literária, deixar traçado, tanto em sua obra ficcional quanto em sua correspondência, o desenho que gostaria que fosse feito de si após sua morte.” (SILVA, 2006b, p. 12). Movido pela preocupação com a sua imagem, João Antônio procurou formá-la seguindo princípios literários que favoreceriam a identificação com seus personagens. É nesse sentido que Telma da Silva diz que há muito mais que fatos do cotidiano nas cartas, podendo-se também encontrar “a relação do escritor com o mercado editorial; a ficcionalização de sua vida íntima e pública e, ainda, o emprego da linguagem análoga à de seus personagens”. (SILVA, 2006b, p. 13).

Uma dos elementos mais intrigantes que a pesquisadora aponta e que desmonta muitas afirmações da crítica literária sobre a obra do escritor é a questão da sua biografia. Segundo ela, “as entrevistas cedidas por ele ao longo de quase quarenta anos de carreira deixam entrever que, desde o início de suas publicações, buscava criar um certo imaginário em torno de seu nome.” (SILVA, 2006b, p. 22). A história do incêndio que destruiu os originais de *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), por exemplo, serviu a isso, pois, além de promover a obra, foi insistentemente citada pela crítica “para atestar a garra do contista” (SILVA, 2006b, p. 24). Telma Maciel da Silva vai mais além na investigação desse ponto quando questiona:

[...] por que um autor de 26 anos, provindo de uma família pobre, às vésperas de lançar seu primeiro livro pela editora mais importante do país no momento, se mostraria ao público quase que como um fracassado? A única resposta na qual consigo pensar vem como reafirmação desse desejo do escritor em se aliar, por meio de sua biografia e, também, para além dela, às suas personagens que de tão reais tornam seu autor parte da ficção que escondem. (SILVA, 2006b, p. 27).

Essa declaração soma-se à epígrafe retirada desse mesmo trabalho e exposta na abertura deste capítulo, já que também contém a noção de que literatura e vida em João Antônio estão tão argamassadas que fazem qualquer um titubear ao tentar separar uma da outra. Ainda a respeito dessa questão da biografia, a autora assinala:

Ao meu ver, um dos motivos para que João Antônio fizesse tanta questão de trazer à tona a sua origem social e afirmar que era dali que retirava a matéria diária, sofrida, suada de sua produção, é que ele sabia que aquele era um de seus diferenciais mais explícitos, se comparado ao que estava sendo produzido em literatura naquele momento.

[...] na forma como o escritor se apresenta ao público, explicitando suas fragilidades, vejo um certo eco daquilo que os nossos primeiros modernistas fizeram no início do movimento. Como sabemos, muitos, sob a proteção de

pseudônimos, fizeram duras críticas à arte apresentada por eles próprios. Sem falar, é claro, nas “chuvas” de batatas e nas falsas vaias utilizadas como maneira de chamar a atenção do público e da crítica. Nesse sentido, também não nos é desconhecido o gosto de João Antônio pela polêmica. (SILVA, 2006b, p.28).

Em *Paixão de João Antônio*, Severiano recolhe depoimento de Marília, primeira mulher do escritor, e diz o seguinte: “João Antônio era um personagem que ele mesmo criou, acha Marília, ‘dentro da literatura dele’, que tinha de viver até as últimas conseqüências, ainda que às raias da demência.” (SEVERIANO, 2005, p.150). A sua avareza também se acrescenta à formação do personagem de si mesmo, como atesta Marília em seu depoimento: “Sempre foi pão-duro. Esse negócio de dizer que era um duro, depois que morreu deu pra ver que não era verdade. Não era rico, mas também não era do jeito que se publicou, que andava pedindo dinheiro. Haja vista que deixou propriedades rendendo, o Daniel [filho de João Antônio] recebe dinheiro daquilo.” (SEVERIANO, 2005, p.153) A ênfase em sua origem social, o gosto pela polêmica e a insistente afirmação de que era um “duro” são lances que trabalhavam a favor do personagem João Antônio. Isso não quer dizer que sua biografia tenha sido uma invenção ou que não tivesse vivido as amarguras do ostracismo em certa época de sua vida ou, então, que não tivesse passado, em alguns momentos, falta de dinheiro, mas tudo isso foi reforçado para que favorecesse a imagem que gostaria que fizessem de si.

A partir das questões apontadas por Telma Maciel da Silva, podemos observar de que modo a crítica aceitou e difundiu a idéia de escritor marginal, idéia esta criada pelo próprio João Antônio, e deixou de pensar no fato de que essa imagem estava sendo constantemente reforçada pelo próprio escritor. Talvez possamos pensar que tudo isso também serve certamente ao mercado editorial, ansioso por rótulos e por figuras emblemáticas. Isso não significa que João Antônio tenha sido um charlatão e que esteja até agora, além-morte, enganando os mais desavisados, já que a qualidade de sua literatura tem que ser considerada, pois foi atestada e consolidada por grandes críticos brasileiros.

No decorrer do primeiro capítulo e, mais precisamente, no segundo, expusemos como sua fortuna crítica se baseia em todos esses pontos assinalados por Telma Maciel da Silva, ao enfatizar a sua origem, o seu modo de viver para analisar sua literatura. Embora tenhamos a aceitação dessa imagem por parte da crítica, por outro lado alguns estudiosos chegam a afirmar que João Antônio é um personagem de si mesmo, o que possibilita a reflexão sobre a experiência do escritor no mundo em que procurou recriar. Segundo Telma da Silva (2006b, p. 29), “mais do que um autor que fala sobre o submundo, João Antônio é um autor que

‘viveu o submundo’. A diferença de perspectiva, nesse caso, serve de elemento de valoração da produção do contista.”

A autora, ao propor “uma análise de um possível resultado literário da correspondência como um todo” (SILVA, 2006b, p.64) se baseia no fato de que “entrar em contato com os seus textos tidos como mais íntimos, sua correspondência, por exemplo, e com aqueles de caráter mais literário provoca no leitor um profundo estranhamento, pois eles, em essência, não apresentam diferenças profundas.” (SILVA, 2006b, p.50) De acordo com Telma Maciel da Silva (2006b, p. 70), “[...] o que dizem as ‘fontes’ deixadas por João Antônio é que elas não são somente fontes primárias, mas, em certos casos, construções literárias autônomas, apenas inscritas num suporte diferente do habitual.”

A literariedade em sua correspondência é percebida do começo ao fim por meio das saudações e despedidas, por exemplo. No decorrer da vasta correspondência, João Antônio saúda o amigo Jácomo Mandatto de uma maneira bem singular: “Dracular e bom cronista Jácomo Mandatto”<sup>4</sup> ou “Meu dracular e itapireense magro amigo”<sup>5</sup>, entre outras variações. Igualmente nas despedidas, o escritor diz: “Teu irmão in Dracula, o grato”<sup>6</sup> e variações. Esses exemplos indicados pela autora nascem “por conta da dedicação do contista na escrita de um ‘romance’, cuja publicação nunca aconteceria” (SILVA, 2006b, p. 77) e que se chamaria “‘Recado de Drácula’ ou ‘Drácula, Dráculorum, amém’, dois possíveis títulos indicados por João Antônio para o livro. Seria uma obra composta de aforismos em que se mesclariam os testamentos do escritor e o do mestre dos vampiros”. (SILVA, 2006b, p. 77). O adjetivo “dracular” utilizado por João Antônio, segundo a autora, “significa um grande elogio, quase um louvor destinado a uma divindade, ainda que às avessas, ou até mesmo pelo caráter de avesso do semideus exaltado.” (SILVA, 2006b, p. 77). Essa evocação de Drácula, ser noturno e marginal, utilizada tanto para designar Mandatto quanto a si mesmo, promoveria mais do que uma aproximação entre os amigos, uma “associação direta entre ambos e os seus personagens ditos marginais.” (SILVA, 2006b, p.77).

Drácula é uma das tantas personagens que João Antônio recria em sua correspondência, pois não escapa nem mesmo o espaço em que vive, como seu apartamento em Copacabana, que nas cartas aparece como “Falso Mirante” ou “tugúrio”, adjetivos que metaforizam o seu endereço de moradia. Segundo a autora, “[...] a Copacabana das cartas

<sup>4</sup> Carta datada de 31/05/1963 apud SILVA, 2006a, p.77.

<sup>5</sup> Carta datada de 07/05/1963, idem, ibidem, p.77.

<sup>6</sup> Carta datada de 08/10/1980, idem, ibidem, p.77.



sofre um processo de ficcionalização análogo a que vive a ‘Copa’ do livro<sup>7</sup>.” (SILVA, 2006b, p. 86).

Telma Maciel da Silva aponta que, além de, no espaço das cartas, ele criar muitos neologismos, João Antônio também utiliza farta adjetivação, o que significa, juntamente com a criação de personagens, uma certa similaridade temática ou formal com os seus livros. A autora observa também a presença de personagens joãoantonianos no ambiente das cartas: “Um procedimento bastante utilizado por João Antônio em sua correspondência com Mandatto é o de dar uma presença quase física aos seus malandros mais famosos. Estes sempre aparecem em momentos em que o escritor quer dar ênfase a alguma situação narrada.” (SILVA, 2006b, p.97). Desse modo, a voz de João Antônio e a de seus personagens evocados se misturam e se tornam indissociáveis, assim como o narrador em suas obras.

Essa literariedade ganha mais força quando a autora se depara com uma carta, se assim podemos dizer, que, na verdade, é um texto literário chamado “Uma força”. Telma da Silva chega a questionar se esse texto é carta, conto ou até carta-conto e afirma ser este um texto auto-referencial em que João Antônio está expondo metalingüisticamente o seu apego à literatura. Sem falar na presença, em todo o decorrer da correspondência, de ditos populares, o que, segundo a autora, “multiplica o número de discursos” (SILVA, 2006b, p.115), tornando as cartas polifônicas. Há ainda a existência de um discurso de caráter ensaístico no qual o escritor fala teoricamente sobre literatura, às vezes, “no meio de uma frase cujo tom até ali era bastante coloquial.” (SILVA, 2006b, p. 119).

Outro trabalho sobre as cartas de João Antônio, com um caráter mais expositivo do que analítico, é o livro *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*, publicado em 2005. Os dois nomes que se incluem no título foram correspondentes assíduos do escritor, que tem suas cartas publicadas quase que integralmente, pois o responsável pela digitação das missivas, G. Giordano, retirou as saudações e despedidas. A obra possui apenas três pequenos textos, dois dos destinatários e um de Manoel Lobato, que também se correspondia com o escritor, nos quais se comentam as lembranças extraídas da amizade de longos anos. Nessa obra, a leitura crítica fica a cargo do leitor que, pouco a pouco, ou carta a carta, vai compondo a biografia de João Antônio.

Uma das lembranças mais marcantes da amizade de João Antônio com Caio Porfírio Carneiro talvez seja a participação desse amigo no célebre episódio do incêndio que destruiu os originais da narrativa “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Carneiro lembra que este “foi o

---

<sup>7</sup> A autora se refere ao livro *Ô Copacabana!*, de 1978.

trabalho escrito por João Antônio com maior amor e muita dor. Semanas, meses escrevendo, reescrevendo, mudando, rasgando. Encheu uma das gavetas da mesinha da máquina de escrever de rascunhos desordenados [...]”. (CARNEIRO; LUCAS, 2005, p.80). Carneiro, também escritor, foi quem o ajudou a resgatar essas anotações e a fazer a revisão do trabalho. As cartas para esse amigo se situam entre 1965 e 1982, abrangendo duas fases distintas na carreira do escritor: os dez anos em que João Antônio não publicara nada em livro, de 1964 a 1974, e a época de maior número de lançamentos de seus livros, que ocorre na segunda metade da década de 1970. Durante esse tempo, Carneiro foi uma espécie de colaborador do escritor e vice-versa, ajudando a promovê-lo na imprensa e, ao mesmo tempo, ganhando seu espaço nela por conta das recomendações do escritor.

As cartas de João Antônio a Carneiro tinham um cunho bem pessoal, até mesmo íntimo, visto que usava cumprimentos amistosos e falava sobre mulheres e angústias. No entanto, o que prevalecia eram as discussões acerca da situação política, da literatura e ataques à vida literária, entre outras coisas. Em carta de 15 de outubro de 1974, por exemplo, João Antônio desfia ataques às idéias importadas, aos “ismos” e à incompetência dos escritores do Brasil:

Sem força de linguagem, o melhor que um escritor faz é não escrever. (Virar as costas para a literatura também é ótimo exercício, coisa que o escritor brasileiro tem vergonha de fazer, porque gosta mesmo é de vida literária e não de escrever.) Se não tem linguagem, o escritor que trate de arrumar uma e urgentemente, porque leitor não é obrigado a aturar prosa sem colorido, sem garra, sem sexo, sem gente [...] Fora daí, é “ismo”. Literatura tem o buraco mais embaixo. (ANTÔNIO apud CARNEIRO; LUCAS, 2005, p. 52).

Nessa correspondência a Caio Porfírio Carneiro havia, além da mútua ajuda no que diz respeito à divulgação, uma reciprocidade de opiniões. Carneiro lhe enviava seus textos para que João Antônio emitisse uma opinião, e vice-versa, e o resultado disso eram dois “especialistas” na matéria um do outro. Veremos trecho de carta, de 22/12/1975, em que o escritor paulista nomeia o amigo o seu crítico literário por excelência:

Tenho curiosidade em conhecer a sua opinião sobre o meu mais recente livro.

E mais: gostaria de lhe pedir que produzisse um artigo sobre meus três livros. Afinal, você vem há quase vinte (20) anos acompanhando a minha carreira, meus altos e baixos, minha luta. Você está ligado intelectual e afetivamente às coisas que escrevo. Quanto à publicação do artigo temos pelo menos dois veículos: a revista *Escrita* [...] e a revista *Ficção* [...]. Não

tenho dúvidas que ambas gostariam de abrigar uma matéria sua. (ANTÔNIO apud CARNEIRO; LUCAS, 2005, p. 64-65).

Também o crítico literário Fábio Lucas foi designado por João Antônio como seu “comentarista”. Em sua apresentação sobre a amizade com o escritor, Fábio Lucas diz o seguinte:

O contista costumava enviar textos para mim, solicitando minhas observações. Eu sentira desde cedo o nascimento do ficcionista, que se fazia cada vez mais conhecido e apreciado. Rigoroso com a própria produção, sentia-se ele inseguro por não ter tido uma escolaridade formal. E assim buscava amparar-se nos amigos que julgava mais aptos a indicar-lhe rumos. Mas era um virtuoso, que apurava a cada dia o seu instrumento. (CARNEIRO; LUCAS, 2005, p. 135).

As cartas para este amigo datam de 1968 a 1996, longo período em que os dois vão trocar idéias sobre literatura e política sempre referindo-se ao outro num tom amistoso e afável. Pela leitura das cartas, João Antônio parecia ter tido uma grande admiração por Fábio Lucas, que chamava de “Sábio Lucas”, e acompanhava e comentava cada trabalho publicado deste amigo. Em carta de 31/03/1996, o escritor escreve: “Sábio Lucas: eu lhe peço o que pedi aos outros pares. A sua opinião descarnada, franca e, portanto, amiga, sobre o texto que ora lhe envio e, sem fricotes, nunca pensei escrever. Não é modéstia, não, v. me conhece. [...] A sua opinião é aguardada, pois, importante para mim, v. sabe.” (ANTÔNIO apud CARNEIRO; LUCAS, 2005, p. 132-133).

O parecer do amigo era ouvido e respeitado já que João Antônio modificava coisas na sua vida e em seus textos, tamanho era o valor das recomendações de Fábio Lucas, como podemos verificar em duas cartas, de 11/07/1991 e 27/05/1996, que transcrevo na seqüência:

Sempre direi que se aprende com Fábio Lucas. Você tem me dado idéias oportunas. Uma delas foi a de ir organizando aos poucos a reunião das críticas saídas sobre meus livros. [...] Assim, lhe agradeço. E providenciarei a reunião desse baú hoje desarrumado. (ANTÔNIO apud CARNEIRO; LUCAS, 2005, p. 122).

Quero lhe agradecer a atenção que você dedicou à minha tentativa de um poema. Você, como sempre, se expressa com sabedoria e amadurecimento. Seu parecer já me leva a algumas reflexões e estas, sem dúvida, precisam amadurecer.

Também quero deixar claro que, acima de tudo, sua atenção me foi muito útil. Talvez o texto que lhe mandei, resultado de um acidente extraordinário ou incrível, pertença mesmo a um corpo maior e só o trabalho e o tempo

dirão, precisa crescer ou derivar e ganhar outras dimensões. (ANTÔNIO apud CARNEIRO; LUCAS, 2005, p.133).

Em carta de 17 de dezembro de 1973, João Antônio revela as mudanças de perspectiva em relação à sua literatura desde a publicação de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, obra que traria uma visão um pouco “romântica” sobre o mundo:

Não lhe posso dizer, Fábio Lucas, que a minha literatura tenha caminhado. Nem muito, nem pouco. Provavelmente, ela mudou. *Malagueta, Perus e Bacanaço* é um livro da juventude. Hoje, dentro de mim, há revoltas, mágoas, descréditos e até entendimentos das pessoas e do País em que vivo, que me levariam fatalmente a uma linha de produção nos lados de Lima Barreto, talvez. Uma visão ácida do social e do psicológico deste País. Tenho trabalhado, apesar de ter sobrevivido numa profissão terrível, principalmente para mim. Para lhe dar uma resposta, um consolo talvez: estou resolvido a tentar uma obra (o vocábulo é muita empostação de minha parte) para ficar. Sei lá se poderei vê-la publicada nos dias que correm. (ANTÔNIO apud CARNEIRO; LUCAS, 2005, p. 95).

A atividade epistolar desempenha um papel fundamental na carreira de João Antônio, não só porque a praticou intensamente, mas também porque revela as várias fases de seu trabalho, as mudanças de pensamento, as relações pessoais e profissionais que foram construídas por meio dela, a troca de interesses, idéias e informações que serviriam, certamente, a compor sua biografia e a conhecer o contexto de sua época.

Foram utilizados todos os recursos possíveis para superar essa distância física: palavras inventadas e reinventadas, gírias, poemas, citações variadas, acréscimos em letra de mão, reutilização dos selos e dos envelopes, frases sublinhadas e principalmente muita literatura. Como lembra Wilson Bueno na última carta ao escritor:

Quantas cartas. Quantos papéis. Difícil, e bem complicado, que uma amizade, separada pela geografia, se reconstrua assim, feito os homens de letras de antigamente, ao sabor da troca fraternal de missivas, livros, bilhetes, impressos, postais, poemas bêbados nas costas dos envelopes. Quase impossível tenha sido deste modo e feito o jeito feliz que encontramos de manter acesa a chama de uma amizade nascida dez anos antes, na redação enfiada de uma editora da moda. (BUENO, 1999, p. 30).

A certeza de que suas cartas seriam reabertas na posteridade se apresenta neste trecho de carta, de 10/06/1981, para o amigo Mylton Severiano (2005, p. 184): “Quando eu morrer, meus amigos de fé herdarão minhas cartas. Tomara fiquem ricos.” Por enquanto, não ficaram, mas aqueles que se debruçaram sobre elas deram-lhe a importância devida, devassando e

encontrando tudo o que há nelas de humano, de poético, de literatura, de visão política, de faceirice juvenil, de arte, de revolta, de vida e de outras coisas mais. Em qualquer sentido, suas cartas são descobertas tanto no que se refere ao conhecimento dos bastidores literários e ao registro de sua época, quanto ao desvendamento da construção artística de sua memória, no caso da sua ficcionalização.

O estudo da obra de João Antônio está levando outros rumos e reunindo novos estudiosos na área de Literatura Comparada. O diálogo se realiza entre João Antônio e escritores angolanos como Mendes de Carvalho e Luandino Vieira, ambos voltados para a questão da marginalidade em seu país. É preciso citar que esse estudo comparado vem sendo feito há algum tempo por Tania Macêdo, professora de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. Citarei, porém, nesse momento, dois trabalhos dedicados ao estudo das literaturas dos dois países, Angola e Brasil: o primeiro, *João Antônio e Mendes de Carvalho: seus malandros e suas estórias*, de André Lopes Silva, de 2006, e o segundo, *A evocação da marginalidade. Um estudo sobre Malagueta, Perus e Bacanaço, de João Antônio, e Luuanda, de Luandino Vieira*, de Vima Lia de Rossi Martin, de 2004.

Em ambos os estudos revelam-se os motivos de aproximação entre o brasileiro e os angolanos. Brasil e Angola viveram processos de colonização semelhantes, cujo resultado foi a marginalização de seus povos com o aumento da miséria, a destruição da identidade dos nativos, entre outros fatores degradantes. Nesse contexto, surgiram figuras representativas dessa marginalidade como os malandros que, tanto angolanos quanto brasileiros, se tornaram folclóricos. Outro motivo de aproximação é o engajamento que permeia todo o trabalho literário desses escritores preocupados em reconstruir a memória dos dois países pelo viés dos marginalizados.

Embora haja muitos pontos de contato entre as obras de João Antônio, Mendes de Carvalho e Luandino Vieira, existem também algumas diferenças quanto à representação da figura do malandro. Em Angola, segundo André Silva (2006, p. 96), o malandro é uma figura que oscila entre “sua cultura autóctone e a cultura imposta pelo colonizador”, pois ele é um assimilado. A assimilação era, na época da colonização, uma das armas ideológicas dos portugueses para destruir a cultura do povo angolano e torná-lo submisso ao seu poder. Os assimilados são aqueles que tiveram que apagar quase que completamente a sua identidade angolana para ser aceito como civilizado e conquistar um lugar na sociedade. Em *Manana* (1974), de Mendes de Carvalho, o personagem Felito é uma categoria social criada pelo colonizador, pois adquire deste os maus hábitos como a mentira e as trapaças. Diferentemente do malandro de João Antônio, que é urbano, Felito “vive entre a cidade e o interior, a

novidade colonial e a tradição”. (SILVA, 2006, p. 111). Ele é um “malandro da leve”, segundo André Silva, romântico, sensível e tem sangue de poeta e “sua ação malandra tem sempre um final feliz” (SILVA, 2006, p. 95). Em Luandino Vieira também há um certo romantismo que vem da utopia de um país livre da opressão colonial e da busca de uma “africanidade”. Já em João Antônio, a malandragem possui um certo desencanto com o mundo, assumindo até uma perspectiva melancólica.

Segundo Vima Martin,

Ao traduzir os impasses vividos por aqueles que teimam em se equilibrar nas franjas do sistema, João Antônio afirma uma perspectiva profundamente melancólica sobre a realidade nacional, ela também fundada em impasses. A ênfase negativa que o escritor imprime às conseqüências da transgressão — desidealizando-a e potencializando o seu prejuízo para os malandros que dela dependem para sobreviver —, presentifica o trauma constitutivo da história brasileira. (MARTIN, 2004, p. 143).

Deste modo, em Luandino Vieira e Mendes de Carvalho parece haver a busca pela reconstrução de uma identidade angolana, mesmo porque a independência é um momento recente na história de Angola. É por isso que em ambos os autores existem a exaltação do malandro e a reflexão sobre a perda da identidade que, nessa figura, parece incorporar de forma clara. De acordo com Vima Martin (2004, p. 27), na literatura de Luandino Vieira, “os africanos podem se ver como sujeitos livres e portadores de uma cultura própria e singular.”

Sobre o engajamento desses escritores, é válido afirmar que, em Luandino Vieira, por exemplo, a literatura é “uma arma de combate contra a opressão colonial” (MARTIN, 2004, p.18). Vieira e Mendes de Carvalho têm semelhanças claras com João Antônio quando trabalham em seus escritos a linguagem oral, cuja fonte é a própria experiência nos espaços da marginalidade. Em Mendes de Carvalho, a oralidade é uma mistura de português com *quimbundu*, o que demonstra o interesse do escritor em valorizar as línguas nacionais, sem deixar de lado a língua do colonizador. Nas obras de Luandino Vieira também há a valorização da linguagem dos *musseques*, nome dado às favelas de Angola, lugar conhecido pelo escritor por ter vivido sua infância lá.

Enfim, o que une esse três escritores é a consciência sobre as mazelas do país e o esforço em apresentar, na literatura, um discurso não oficial dando voz às particularidades do povo angolano e brasileiro, sobretudo por meio da linguagem oral. Vima Martin fala em “compromisso e ética” para designar a atividade literária de João Antônio e Luandino Vieira, mas acreditamos que essas palavras servem aos três escritores, pois, cada um a seu modo,

soube interferir na ordem das coisas, seja na visão utópica da realidade e pela busca da identidade, seja na visão desesperançosa de uma realidade que se mostra cada vez mais excludente e sem saída.

O trabalho mais extenso, do ponto de vista temático, talvez seja o de Rodrigo Lacerda, intitulado *João Antônio: Uma biografia literária*, de 2006. Trata-se de uma tese de doutorado cujos temas vão desde o perfil psicológico de João Antônio até a reconstituição de sua árvore genealógica. Não é possível descrever, neste momento, todos os apontamentos de Lacerda acerca da vida e da obra do escritor; por isso, falaremos de algumas questões interessantes dentro do que vem sendo tratado até agora.

A respeito da biografia de João Antônio, Rodrigo Lacerda retoma a origem trasmontana do pai do escritor, as leituras da infância, o primeiro emprego, sua inserção nas rodas de samba, entre outras coisas. Destaca a importância do pai na formação cultural do escritor, sobretudo no que concerne à música, e a concepção de um olhar positivo da pobreza a partir de sua própria origem. Por pressão materna, João Antônio deixa de lado a primeira paixão, a música, para se dedicar à literatura. Segundo Lacerda (2006, p.72), “a literatura não era apenas uma alternativa à música. Era também um espaço onde o ritmo, o tom e a melodia se podiam fazer presentes”.

Ao mesmo tempo em que João Antônio começa a entrar no mundo da malandragem, a vida familiar fica distante. A literatura, enquanto criação solitária, representava a recusa ao padrão familiar. Para Rodrigo Lacerda, o escritor paulista espelhava sua biografia nos textos que produziu:

Muitos exemplos poderiam ser aqui enumerados para a transposição de dados ou episódios biográficos do escritor para sua literatura. A repressão materna contra o amor do filho pela sinuca em “Meninão do Caixote”, por exemplo; ou a experiência no exército que transparece em “Natal na Cafua” e “Retalhos de fome numa tarde de G.C.”; ou o *know-how* da vida sinuqueira evidente em “Malagueta, Perus e Bacanaço”. (LACERDA, 2006, p.134-135)

As considerações de Rodrigo Lacerda se aproximam da biografia do escritor, quando afirma a transposição de partes da vida de João Antônio para a obra, embora também confirmem a experiência vivida como um dos elementos da criação literária. Ao propor uma biografia literária, Lacerda talvez tenha utilizado esse tipo de interpretação para ressaltar que vida e obra em João Antônio são inseparáveis. Pode ser que o fato de João Antônio dizer que escrevia baseado na própria experiência tenha ajudado parte de sua crítica a lançar mão de sua biografia para explicar a obra.

Em seu estudo, Rodrigo Lacerda investiga as mudanças por que passou a produção literária do escritor, desde seus primeiros escritos, e as principais influências que o ajudaram no início da carreira, como Paulo Rónai, Ricardo Ramos e Mário da Silva Brito. De acordo com Lacerda, a literatura de João Antônio pode ser chamada de regionalismo urbano, cujas características são o cuidado com a nomeação de lugares, sobretudo com a sonoridade dos nomes; a presença de personagens viris; a escolha preciosa de palavras e a preocupação com a musicalidade. Assim, Lacerda (2006, p.303) pontua: “A sorte de João Antônio [depois de Guimarães Rosa] foi que ele aplicou os recursos estilísticos que tomou emprestado dos regionalistas em outro ambiente, em outro universo, o urbano, o que deu a sua literatura uma sobrevida.”

Conhecer os autores com quem João Antônio tinha afinidades é, em certa medida, compreender o seu projeto literário. A corrente regionalista, como assinalou Rodrigo Lacerda, foi um dos tantos pontos de contato da obra joãoantoniana com outros autores. Esse assunto, porém, não pode ser arrolado sem antes citar Lima Barreto, autor eleito e homenageado por João Antônio em quase todos os seus livros. Além de Lima, Graciliano Ramos também foi uma presença marcante na sua formação, principalmente como leitor. Tais referências foram citadas pelo próprio escritor quando, em entrevistas, era questionado sobre as suas leituras. Muitas delas são de autores estrangeiros que João Antônio lia com afinco, extraindo deles não só os elementos estilísticos, mas também o modo de pensar e fazer literatura.

Ao estudar a concepção de conto na obra de João Antônio, Clara Ávila Ornellas (2004) observa os pontos de contato entre a obra do escritor e a dos russos Dostoiévski, Tchekhov e Górkí. No manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”, de 1975, onde o escritor traça o seu projeto literário, nota-se a preocupação com uma literatura que seja voltada para o homem, sobretudo o marginalizado, mesmo foco da literatura de Tchekhov. De acordo com Clara Ornellas (2004, p.168), “essa vertente da literatura russa – Dostoiévski, Tchekhov, Górkí – é importante na formação e no pensamento de João Antônio. Observamos, por exemplo, traços do humanismo profético dostoiévskiano, da forma sintética e diluída do enredo de Tchekhov ou da postura realista de Górkí.”

Dos três autores russos, Tchekhov é o que mais se aproxima da contística de João Antônio, pois concebia o fazer literário como uma construção baseada na própria experiência. Segundo Clara Ornellas,

É interessante observar que há algumas correlações entre o pensamento de Tchekhov e o de João Antônio. Nas entrevistas do autor paulistano,



percebemos que ele não se filiou a nenhuma vertente política – se bem que defendeu ardentemente uma proposição unívoca presente em toda a sua produção, que foi a necessidade de valorização do universo da exclusão. Dessa forma, chamam a atenção as questões da veracidade e da sinceridade apresentadas pelo escritor russo e que, igualmente, permearam a vivência literária de João Antônio.

Outra questão recorrente nas reflexões tchekhovianas é a preocupação com a fidelidade à linguagem dos personagens. (ORNELLAS, 2004, p.179)

Afora a afinidade com os russos, Clara Ornellas ainda aponta a variedade de gêneros que permeiam a produção de João Antônio:

João Antônio foi um escritor que conseguiu sedimentar uma produção e um nome compondo especialmente contos (ainda que tenha publicado crônicas e ensaios). O que torna surpreendente a sua criação é o fato de ela trabalhar o gênero de maneira multifacetada, o que nos permite afirmar que ele se moveu entre várias possibilidades do conto. Isso porque encontramos tanto narrativas lineares, como narrativas não-lineares, em que, principalmente, o passado, o presente, o discurso indireto livre, a história, o jornalismo, a poesia, a música e as tradições populares se imbricam. Tal conjugação, entretanto, não leva a uma elaboração confusa. Muito pelo contrário, o fazer literário desse escritor demonstra uma depuração de forma e conteúdo que torna sua obra acessível a qualquer leitor. (ORNELLAS, 2004, p.186 -187)

Como já foi visto, no decorrer deste trabalho, às narrativas de João Antônio se relacionam diversos gêneros; por isso, estudiosos de sua obra assumirem a hibridização como valor fundamental na sua obra. Vale ressaltar também como Clara Ornellas discute a questão da biografia na obra do escritor paulista:

A presença de elementos da biografia de João Antônio em sua obra revela um autor que soube refletir sobre a sua vivência pessoal, transpondo para a criação fictícia não um simples retrato de sua memória, mas uma *inter-relação de fatos, imaginação e técnica*. Esse desejo de utilizar sua experiência de vida em sua poética relaciona-se com o que Tchekhov afirma sobre a necessidade de o escritor se aproximar do universo narrado para elaborar um bom texto. (ORNELLAS, 2004, p.197, grifos meus)

De forma objetiva, a autora distingue de que maneira é trabalhada a biografia de João Antônio em suas narrativas, o que revela uma concepção mais completa do tema da experiência pessoal. A partir dessa proposição, é possível caminhar para uma análise que considere os três fatores destacados acima: fatos, imaginação e técnica. Isso ajudaria a pensar que João Antônio ultrapassa o viés autobiográfico produzindo literatura, e não depoimento.

## Palavras finais

Essa conclusão permite finalizar algumas idéias lançadas nos três capítulos expostos neste trabalho. É importante ressaltar que os textos críticos analisados, tanto os jornalísticos quanto os acadêmicos, contribuíram, de maneira satisfatória, para a recepção das reedições das obras de João Antônio.

A afirmação de que João Antônio foi um personagem de si mesmo não nega sua experiência no universo que recriou; tampouco atribui à sua convivência no mundo da malandragem, um caráter artificial. Antes, é a formação de uma identidade que se volta em benefício de sua arte. De acordo com Ilka Brunhilde Laurito,

João Antônio era um malandro ele mesmo. Era a realidade que ele vivia. [...] a freqüentação dele era a malandragem, onde ele achava o pessoal mais autêntico, mais dentro da realidade do que o de outra classe social. Não acho que ele ter se voltado para o mundo da malandragem tenha sido uma opção artificial, não, acho que foi fruto da vivência. João Antônio era profundamente autobiográfico, ele escrevia o que ele vivia. [...] Tudo é tirado da vida. (LAURITO apud LACERDA, 2006, p.135)

Após a leitura de parte de sua fortuna crítica, no período estudado, observamos que João Antônio produziu um estilo singular de narrativa, retomou generosamente os marginalizados na literatura, recriou o mundo da sinuca com ares de quem conhece intimamente o jogo, reavivou figuras ímpares do mundo da sinuca e da música. Devemos considerar também os precursores de João Antônio na literatura, como Manuel Antônio de Almeida, Lima Barreto, Graciliano Ramos, Tchekhov, Dostoiévski, entre tantos outros. Quando se pensa a obra do escritor como o resultado de um projeto literário ancorado não só em pressupostos próprios mas também na sua herança cultural, observa-se a eficiente elaboração artística e a coerente concepção de literatura que ele foi capaz de extrair de tudo isso.

Em tom geral, a literatura de João Antônio se caracteriza por contar, sempre que possível, a história dos que estão à margem. Enquanto que com os primeiros românticos tínhamos um esforço de forjar uma literatura brasileira desvinculada da de Portugal, na busca de uma identidade nacional em João Antônio temos uma dialética dentro do território nacional no sentido de converter o foco da literatura brasileira para a faixa da população marginalizada. Tal idéia vinha acompanhada, na obra de João Antônio, de uma recriação dos espaços urbanos

e da linguagem concernente a eles, mas com uma visão de dentro, num “corpo-a-corpo com a vida”.

Alguns autores vêem na obra de João Antônio uma alegria, como se seus marginalizados fossem sofridos, mas alegres. Acontece que essa é a idéia corrente que se costuma propagar sobre os pobres no país, como se dentro da miséria eles encontrassem a alegria de viver. Ora, desde “Malagueta, Perus e Bacanaço” podemos ver que essa alegria não existe, porquanto os três malandros acabarem andando em círculo, ou seja, sem saída, já que retornam à Lapa falidos, caídos e sonados. Se formos, então, ler o penúltimo livro inédito publicado, *Abraçado ao meu rancor*, veremos que a desesperança e a nostalgia são ainda maiores. João Antônio recorre, nas suas lembranças, ao passado, porque o presente já não lhe diz nada, são só ruínas de um passado glorioso. Isso mostra claramente o que a pesquisadora Jane Christina Pereira disse a respeito dos personagens joãoantonianos, que são melancólicos, solitários, andarilhos, como se não houvesse lugar nem felicidade neste mundo para eles. Não se deve confundir picardia, qualidade que João Antônio imprimia a seus personagens e que consiste em driblar as dificuldades da vida, com alegria de viver. A picardia, no caso desses marginalizados, está ligada à sobrevivência, à necessidade, à habilidade obrigatória que o indivíduo deve ter para continuar a viver neste mundo.

Se fizermos um índice das obras mais comentadas, certamente *Malagueta, Perus e Bacanaço* ficaria em primeiro lugar, tanto nas resenhas e ensaios para o jornal quanto em trabalhos acadêmicos. E essa afirmação se estende à narrativa e ao livro de mesmo nome. A freqüente recorrência a essa obra poderia explicar, em parte, o fato de João Antônio ser lembrado como o escritor da malandragem. Tal acepção é limitada, porém não quer dizer que não haja um eixo em sua obra e um projeto literário bem definido. João Antônio, parece-nos, escolhe definitivamente, e desde *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de que lado está. Haverá algumas “escapadelas” nesse percurso literário, como é o caso de algumas narrativas de *Abraçado ao meu rancor* (1986) em que os personagens são oriundos da classe média. Essa classe média, entretanto, é falida e, por isso mesmo, representada de forma irônica, como em “Publicitário de ano”, ou melancólica, como em “Abraçado ao meu rancor”.

Se fôssemos fazer um balanço da fortuna crítica de João Antônio, de 1996 a 2006, veríamos que ela tem se ampliado, sobretudo por meio dos trabalhos acadêmicos e das resenhas jornalísticas que surgiram com as reedições. O saldo, portanto, é positivo e tende a crescer mais ainda, tanto na quantidade quanto na qualidade.

## Categoria dos textos

Como já foi dito na Introdução, quanto à classificação dos textos, seguimos as categorias indicadas pelas autoras dos outros dois trabalhos anteriores acerca da bibliografia sobre João Antônio, embora tenha sido necessário criar outras para que servissem aos novos tipos de textos que incluímos neste trabalho. A categoria *Biobibliográficos* é a que apresenta maior variedade, visto que inclui tanto textos estritamente biográficos ou memorialísticos, quanto estudos que mesclam vida e obra do escritor. Na subcategoria *crônica* são relacionados textos que tratam da memória de João Antônio apresentando partes ou cenas de sua vida como forma de lembrar o passado. Algumas crônicas foram publicadas como tal, assim sendo a classificação feita pelos próprios autores, e a maior parte delas foi publicada na ocasião da morte do escritor.

Na subcategoria *reportagem* encontram-se textos de assuntos diversos, não relacionados às reedições, que focalizam, sobretudo, a obra do escritor e o seu falecimento. Em *referência em coluna literária*, temos pequenas notas sobre o escritor inseridas num bloco maior de notícias sobre o mundo literário. A subcategoria *livro sobre João Antônio e/ou sua obra* foi criada para inserir três publicações de caráter diverso. Assim como essa, a subcategoria *publicação periódica inteira ou parcialmente dedicada a João Antônio* contém revistas, acadêmicas ou não, cujas edições homenageiam o escritor em ensaios analíticos e biográficos.

A segunda categoria se refere às resenhas sobre relançamentos das obras do escritor e trazem características principais do livro comentado.

A terceira categoria é dedicada aos textos de maior profundidade sobre a obra joãoantoniana, ou seja, textos que terão um olhar mais apurado e científico. Além das teses e dissertações, há também ensaios e artigos esparsos que foram publicados em livros, revistas acadêmicas e em jornais.

**1) Biobibliográficos:**

- a) crônica
- b) reportagem
- c) referência em coluna literária
- d) livro sobre João Antônio e/ou sua obra
- e) publicação periódica inteira ou parcialmente dedicada a João Antônio

**2) Resenhas:**

- a) em periódicos, por ocasião do relançamento de obras

**3) Estudo da obra:**

- a) ensaios e artigos
- b) dissertação de mestrado
- c) tese de doutorado

## Bibliografia Comentada

“A ARTE tem dívida com a realidade”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 jun. 1996, Idéias, p. 8.

(2a) Resenha de relançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O livro mais comentado de João Antônio é relançado com prefácio de Antonio Candido e ensaio de Wilson Martins.

ABRAHÃO, Eugênia Maria Ferreira. *As veias abertas da cidade de João Antônio: os contos de Abraçado ao meu rancor*. Dissertação (mestrado), São Paulo: USP, 2006.

(3b) A autora se dedica a analisar, nas narrativas de *Abraçado ao meu rancor* (1986), toda forma de representação da realidade, sobretudo a espacial. Destaca a nostalgia e a desilusão que se apresenta na maioria dos textos do livro, assim como reflete sobre a poeticidade contida neles. Nesse sentido, a autora considera *Abraçado...* uma “cartografia poética, ou um guia de ruas lírico” e assinala a relação conflituosa entre espaço e personagem e o espaço como personagem. Essa obra de João Antônio, segundo Eugênia Abrahão, é “prosa perfeitamente poética” cuja linguagem tem função estética e comunicativa.

AGUIAR, Flávio. Evocação de João Antônio ou do purgatório ao inferno. In: CHIAPPINI, L.; DIMAS, A.; ZILLY, B. (orgs.) *Brasil. País do passado?*. São Paulo: EDUSP, 2000, p.145-155.

(3a) Neste artigo, Aguiar revisa um outro texto, escrito durante a ditadura, no qual dizia que os personagens de João Antônio viviam no purgatório. Relembra os pensamentos do escritor acerca da situação do Brasil naquela época e alguns encontros edificantes que teve com ele. Neste artigo, podemos ver mais detidamente como o João Antônio, intelectual, concebia a literatura e qual mensagem ficou de seus escritos.

ALMEIDA, Gustavo de. O fantasma da Praça dos Paraíbas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 dez. 2004, Idéias, p. 1-2.

(3a) Ensaio sobre a reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O autor faz uma extensa apresentação de João Antônio, de sua infância, dos espaços em que habitava e de seu estilo de vida. Sobre a obra, o autor faz ainda comentários acerca do tema abordado e destaca o corpo-a-corpo com a vida presente nos escritos joãoantonianos.

AMÂNCIO, Moacir. João Antônio, escritor brasileiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 ago. 2005, Caderno 2, não paginado.

(2a) Neste texto, escrito por ocasião do lançamento do livro *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*, Moacir Amâncio discorre sobre o gosto de João Antônio por escrever cartas. Para o autor, o escritor escrevia cartas como se escrevesse no diário: escrevia freqüentemente aos amigos e respondia com pontualidade e atenção. Destaca-se neste texto as cartas de João Antônio para Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas publicadas em livro, sempre relacionadas com as coisas que andavam acontecendo no país. Para Amâncio, as cartas de João Antônio, misto de zanga e lirismo, poderiam ser lidas por todos os vieses: do político ao literário.

ANTENORE, Armando. A dor no país dos tapinhas que não doem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 jun. 2001, Ilustrada, p. 1.

(2a) Resenha de relançamento do livro *Abraçado ao meu rancor*. O autor destaca a marginalidade do escritor, sua revolta contra as desigualdades, seus escritos quase biográficos. Para Antenore, a violência nessa obra de João Antônio não é a física, mas a dos abismos sociais.

AZEVEDO, Carlos. Copacabana: cinco da tarde, 39 graus. In: CHIAPPINI, L.;DIMAS, A.;ZILLY, B.(orgs.) *Brasil. País do passado?*. São Paulo: Edusp, 2000, p.199-200.

(1a) O autor relembra a passagem de João Antônio pela cidade de Berlim e conta que o escritor não gostou dos ares da gélida capital alemã. Segundo ele, João Antônio, durante sua estadia no país, sempre manteve o pensamento nas coisas que se passavam no Brasil.

AZEVÊDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio: repórter de Realidade*. João Pessoa: Idéia, 2002.

(1d) Estudo sobre a produção de João Antônio na Revista *Realidade*, publicação da Editora Abril, que marcou a história do jornalismo no Brasil de 1966 a 1976. Nela, João Antônio escreve reportagens unindo jornalismo e literatura. A junção entre esses dois campos, segundo Azevêdo Filho, fez do escritor paulista um dos maiores em conto-reportagem. Muitas dessas “reportagens”, aliás, saíram depois em livro, dada a flexibilidade do texto.

AZEVÊDO FILHO, Carlos. Uma *entrevista* com João Antônio, autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *Correio da Paraíba*, 07 nov. 1996, Caderno 2.

(1b) Neste texto, o jornalista e estudioso da obra de João Antônio, Carlos de Azevêdo Filho nos conta como foi a sua tentativa de entrevista com o escritor paulista. Alguns dias antes de João Antônio ser encontrado morto em seu apartamento, Azevêdo liga para ele a fim de marcar uma entrevista sobre o conjunto de sua obra. O escritor, solícito, pede-lhe que leia alguns livros seus que serão úteis na elaboração da entrevista. Fica, então, a entrevista a marcar e, dias depois, Azevêdo fica sabendo da morte de João Antônio.

BARROS, Carlos Juliano. Genial e desconhecido. São Paulo: *Problemas Brasileiros*, mar./abr. 2005, p. 42-45.

(1b) O artigo expõe a trajetória do escritor com alguns depoimentos de estudiosos. O autor destaca a geração que surgiu depois de João Antônio e que atua também na mesma temática, como o escritor Ferréz. Assinala ainda o esquecimento em que caíram as obras de João Antônio, o mesmo que atingiu Lima Barreto, por estar fora de seu tempo.

BELLUCCO, Hugo Alexandre de Lemos. *Radiografias brasileiras: Experiência e identidade nacional nas crônicas de João Antônio*. Dissertação (mestrado), Campinas: UNICAMP, 2006.

(3b) O autor procura analisar as crônicas de João Antônio na imprensa nanica nos anos 70 e explorar como, nestes textos, ocorreu a apreensão do “nacional” e do “popular” dentro do ambiente ideológico do período. A partir daí, Bellucco investiga a importância das crônicas na literatura de João Antônio e de que modo a sua trajetória política e estética se influenciam mutuamente.

BERNACHI, Suzana Cazula. *O jogo, a forma e a recepção em “Malagueta, Perus e Bacanaço”*. Dissertação (mestrado), São Paulo: PUC, 2005.

(3b) Neste trabalho, Suzana Bernachi investiga o método construtivo da narrativa “Malagueta, Perus e Bacanaço” que, segundo ela, oscila entre os gêneros conto, novela e crônica. Aponta a metáfora como fundamento da construção do conto ao verificar a analogia entre o jogo da sinuca, o jogo da vida e o jogo textual. Deste modo, a autora confirma o esforço de elaboração

racional, empreendida por João Antônio, que resultou numa narrativa marcada, sobretudo, pelo ritmo.

BONASSI, Fernando. João Antônio está morto. In: CHIAPPINI, L.;DIMAS, A.;ZILLY, B.(orgs.) *Brasil. País do passado?*. São Paulo: Edusp, 2000, p.195-7.

(1a) Pequeno texto em que Fernando Bonassi fala de dois Brasis. Um é o Brasil de João Antônio, mais simples e ainda não totalmente corrompido e que teria morrido com ele, o outro é o Brasil que se diz do futuro, que já caiu nas garras do capital.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. João Antônio, o brasileiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 nov. 1996, Cidades, p. 2.

(1a) Brandão nos revela o mês fatídico de outubro no qual ocorreram duas fatalidades: o acidente com o avião da TAM e a morte de João Antônio. O autor fala do escritor como um descompromissado com o tempo e avisa que os malandros e os jogadores de sinuca perderam um pai e um porta-voz. Observa também o grande reconhecimento que o escritor teve junto aos críticos mais renomados, embora tenha passado por um período de esquecimento. Relembra a revolta que mantinha o escritor diante da elite corrupta e seu esforço de manter sempre vivo o debate acerca da literatura brasileira.

BRASIL, Ubiratan. João Antônio, o cronista do subúrbio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 nov. 2004, Caderno 2, p. 1-2.

(2a) Resenha sobre o relançamento do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O autor destaca a experiência do escritor adquirida nos botequins e nos bordéis e suas próximas obras de relançamento e cita o Acervo João Antônio como o lugar de pesquisa para estudiosos. Para o crítico, os escritos de João Antônio carregam muito ódio e pouca compaixão pelo mundo.

BUENO, Wilson. Epistoleiros. *Suplemento Literário* n 45. Secretaria do Estado da Cultura de Minas Gerais, mar. 1999, p. 24-30.

(1b) Apresentação de algumas correspondências de João Antônio trocadas com Wilson Bueno, dois epistoleiros desafiadores da tecnologia. O diálogo travado entre os dois privilegiava os assuntos sobre literatura e os amores de João Antônio, cuja descrição assumia ares de poesia.

CANDIDO, Antonio. Ficcionista é ‘um verdadeiro descobridor’. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 de nov. 1996, Cultura, p. D11.

(3a) O crítico literário observa na estrutura de *Malagueta, Perus e Bacanaço* um certo ritmo que iniciaria o leitor numa progressão da primeira à última narrativa do livro que, segundo ele, é o mais significativo. Para Candido, os textos possuem uma “tonalidade geral” que se faz por meio da ausência de sentimentalismo e da prosa dura, recursos mais adequados à força da vida. Neste ensaio, o crítico se prende à análise do estilo de João Antônio no qual seria trabalhada a oralidade capaz de atribuir dimensão humana àqueles que a sociedade marginaliza.

CARNEIRO, Caio Porfírio; LUCAS, Fábio. *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. (organizado por G. Giordano) Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

(1d) Publicação em livro de cartas de João Antônio aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas. São cerca de trinta anos de correspondência na qual o escritor fala de literatura, da situação do país, de suas idas e vindas pelo Brasil afora proferindo palestras, suas conquistas e insucessos no mercado editorial, seus problemas de saúde, entre outras coisas. Nesta obra,



podemos observar mais do que o registro de sua vida, pensamentos e reflexões do intelectual e do escritor.

CARNEIRO, Caio Porfírio. João Antônio. In:\_\_\_\_. *Perfis de memoráveis. Autores que não alcançaram o terceiro milênio*. São Paulo: RG Editores, 2002, p. 223 –227.

(3a) O autor relembra o dia em que conheceu João Antônio e a gênese da amizade entre os dois que durou longos anos. Tal amizade se realizaria sobretudo por meio de cartas nas quais o escritor falava, entre outras coisas, de seus projetos e da grande paixão que tinha por sua narrativa “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Neste texto, podemos ver a participação de Carneiro naquele que foi um dos episódios mais terríveis da vida do escritor paulista: o incêndio que destruiu os originais do texto mais comentado de João Antônio.

CARVALHO, Bernardo. A gema do carioca. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 out. 2001, Ilustrada, p. E4.

(2a) Resenha de relançamento de *Ô Copacabana*. Comentários sobre a obra e crítica a respeito da narrativa “Carioca da gema” que seria baseado em conhecimento fixo e generalizante sobre o carioca.

CASTELLO, José. A arte de ser João. In:\_\_\_\_. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 33-55.

(1a) Neste texto de memórias, Castello traça um perfil de João Antônio através do relato dos vários momentos que passou com o escritor. O autor relembra as “virações” do escritor no meio jornalístico e sua insistente e, até certo ponto, irritante revolta que o fazia praguejar à exaustão. Castello relembra ainda o insólito episódio, quase ficcional, de uma visita à casa de uma senhora onde João Antônio recebe uma revelação.

CASTELLO, José. João Antônio à margem da ficção. *Revista Bravo!*, set. 2001, p.114-121.

(3a) Ensaio sobre a reedição de *Ô Copacabana!*. Aponta-se o trabalho de João Antônio como repórter e a influência de Truman Capote em sua literatura. Destaca-se ainda a dificuldade de se classificar sua obra por causa do hibridismo que carrega. Há ainda a transcrição de uma crônica inédita de 1994 sobre a morte de Tom Jobim, encontrada no Acervo João Antônio. Castello alerta para o esquecimento em que caiu a obra do escritor paulista.

CASTELLO, José. João Antônio na máquina do tempo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 nov. 1996, Caderno 2, p. D10.

(1a) Nesta crônica, que mais tarde será publicada em livro, Castello fala sobre a figura desleixada do escritor paulista e sua opção pela malandragem. Essa opção não seria só na literatura mas também em sua vida, no seu modo de ser. O autor observa em João Antônio a incompatibilidade entre ele e um mundo “pragmático e cartesiano” do qual só poderia mesmo desejar sumir.

CASTELLO, José. João Antônio, personagem de El Greco. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 jul. 1998, Caderno 2, p. D10.

(1a) Crônica em que Castello conta a incrível semelhança entre João Antônio e um “personagem” presente numa tela de El Greco. Recordar-se de uma visita com o escritor ao Museu Nacional de Belas-Artes no Rio de Janeiro onde João Antônio cismou que conhecia uma dama retratada num quadro do século XIX. Tal visão, segundo Castello, pareceu perturbar o escritor.

CASTRO, Bertholdo de. A cidade perdida de João Antônio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 jun. 2001a, Caderno B, p. 32.

(2a) Resenha sobre o relançamento da obra *Abraçado ao meu rancor*. Para o crítico, João Antônio é considerado um mestre como Alcântara Machado e Lima Barreto. Somam-se a isso os comentários e o resumo sobre a obra relançada. O texto é acompanhado de uma resenha cujo subtítulo é “Literatura e bilhar”, que conta, resumidamente, a história do escritor, faz comentários sobre seus livros e trajetória literária. O autor pontua algumas passagens relevantes da vida do escritor paulista como a convivência com a malandragem nos salões de bilhar, lugar onde conheceu seus personagens que mais tarde seriam recriados nas páginas de “Malagueta, Perus e Bacanaço”; seu trabalho na imprensa por meio da revista *Realidade*; seu casamento com Marília e o nascimento de seu filho Daniel; seu trabalho no *Pasquim* e seus livros publicados depois de *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

CASTRO, Bertholdo de. Copacabana por João Antônio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 set. 2001b, Idéias, p. 4-5.

(2a) Resenha de relançamento do livro *Ô Copacabana*. Castro conta a mudança de João Antônio para o Rio de Janeiro, a sua relação com o bairro de Copacabana e o envolvimento com a vida dos marginalizados. Revela ainda o conteúdo do livro, citando nomes de lugares e personagens presentes na obra. Além disso, a resenha vem acompanhada da transcrição de uma das narrativas do livro, “Carioca da gema”.

CHIAPPINI, Lígia. O Brasil de João Antônio e a sinuca dos pingentes. In: CHIAPPINI, L.; DIMAS, A.; ZILLY, B. (orgs.) *Brasil. País do passado?*. São Paulo: Edusp, 2000, p.156-172.

(3a) Chiappini se debruça sobre dois elementos, a sinuca e o pingente, para falar de como se revela a literatura de João Antônio. Para ela, a obra do escritor não é um simples retrato do Brasil, mas a representação do jogo da vida na qual se penduram os pingentes que são os marginalizados da sociedade. Ao falar da realidade, João Antônio não dispensa o lirismo e o trabalho estilístico com a linguagem.

CONY, Carlos Heitor. A vida sem festa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 nov. 1996, Opinião, p. 1-2.

(1a) Texto escrito por ocasião da morte do escritor. Cony relembra a amizade de Ênio Silveira com João Antônio, marginal na literatura e na vida e um dos maiores escritores brasileiros.

CONY, Carlos Heitor. Livro\$. *O Globo*, Rio de Janeiro, 09 mai. 2002, Opinião, p. A2.

(1a) Cony escreve este pequeno texto para esclarecer alguns equívocos colocados na matéria de Marcelo Rubens Paiva sobre as editoras. O autor explica que João Antônio mantinha uma relação muito tranqüila com seu editor Ênio Silveira e que nunca o agrediu por falta de pagamento.

CORRÊA, Luciana Cristina. *Do real à ficção: a busca de um retrato brasileiro na construção de personagens de João Antônio*. Tese (doutorado), Assis: UNESP, 2006.

(3c) Em complementação ao seu trabalho de mestrado, cujo objeto de estudo também foi os personagens na obra joãoantoniana, Luciana Corrêa analisa, nessa tese, as personalidades que o escritor representou em seus textos literários. A autora afirma que essas figuras reais, como Cartola, Francisco Alves, Jamelão, Garrincha, Pixinguinha, Lima Barreto, Nelson Rodrigues, Carne Frita, entre outros, foram, de certa forma, ficcionalizados por João Antônio, pois os aproximava de seus personagens fictícios. A aproximação se realizava, sobretudo, no que diz respeito à marginalidade a que muitas dessas personalidades foram relegadas. A escolha de

João Antônio por essas personagens da cultura popular, não só é uma homenagem a elas, mas também uma explicação, de certa maneira, da sua postura como intelectual.

FERREIRA, Cássia Alves. *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio (1977-1989)*. Dissertação (mestrado), Assis: UNESP, 2003.

(3b) Este trabalho pertence à segunda parte do estudo da bibliografia sobre João Antônio e propõe organizá-la e estudá-la. A autora apresenta as críticas sobre os principais livros do autor, expondo um a um e analisando a tônica de sua recepção.

FIM de partida. *Revista Veja*. São Paulo, 06 nov. 1996, Memória, p. 138.

(1b) Breve comentário sobre a morte do escritor e algumas considerações sobre a sua obra. Destaca-se a sua relação com a sinuca como metáfora da vida e o sucesso da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Sua origem humilde e a sua inegável importância no cenário literário brasileiro também são destaques nesta resenha.

FRANCIS, Paulo. (sem título). *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 nov. 1996.

(1c) Pequena nota sobre a morte de João Antônio. O jornalista Paulo Francis fala de sua incompatibilidade com o escritor no que diz respeito às posições culturais. Destaca ainda a relação do escritor com Lima Barreto, a viagem à Europa e o bom jornalista que era.

INÉDITO é o único poema de João Antônio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 nov. 1996, Cultura, p. D10.

(1b) Transcrição do único poema encontrado de João Antônio, por ocasião de sua morte. Sem comentários do autor.

JESUS, Cleide Durante Assis de. *A crítica de João Antônio na Tribuna da Imprensa*. Dissertação (mestrado). Assis: UNESP, 2001.

(3b) Estudo da produção crítica de João Antônio, de 1993 a 1996, no jornal *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro. Os cerca de 133 textos que constituem essa produção foram resenhados e analisados segundo material teórico referente à crítica literária. Em sua análise, a autora conclui que não é possível classificar o exercício crítico de João Antônio, já que em seus textos coabitam vários tipos de abordagem. Pelo caráter multifacetado de sua atividade—escritor, contista, cronista, repórter, crítico—, e pela heterogeneidade de seus textos, a autora considera-o polígrafo. A crítica de João Antônio se preocupa em comunicar o prazer da leitura de certo livro ou outra forma artística de modo que o leitor também sinta essa satisfação.

JOÃO Antônio, 59 anos, cronista dos marginalizados. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 nov. 1996, Obituário, p. 15.

(1b) Notícia sobre a morte do escritor e pequenos relatos de amigos sobre seus hábitos. Conta-se alguns pormenores sobre como foi encontrado seu corpo. Há também um panorama de sua obra e seu destaque como escritor dos marginalizados.

LACERDA, Rodrigo. A mais cega sinceridade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jun. 1997, Jornal de resenhas, p. 8.

(2a) Resenha de lançamento do livro *Dama do encantado*. Lacerda destaca a predileção de João Antônio pelas margens ao representá-las em seus livros de forma magistral. Lançando mão dos falares populares, o escritor paulista criou um texto ágil e sincero.

LACERDA, Rodrigo. *João Antônio: Uma biografia literária*. Tese (Doutorado), São Paulo: USP, 2006.

(3c) Rodrigo Lacerda apresenta João Antônio do começo ao fim: desde a investigação de sua árvore genealógica, passando por seu nascimento, desenvolvimento pessoal e profissional, até sua morte em 1996. As fontes utilizadas para esta tese são variadas: notícias de jornal, entrevistas com familiares e amigos, trechos de obras do escritor e cartas do escritor para sua amiga Ilka Laurito Brunhilde. Deste trabalho destaca-se o contato do escritor com as obras de Graciliano Ramos, Noel Rosa e Lima Barreto e com o cinema europeu e asiático, e o que Lacerda chama de regionalismo urbano nas obras do autor.

MAGNONI, Maria Salete. *João Antônio. Caros Amigos Rebeldes Brasileiros: João Antônio e Mário Schenberg*, São Paulo: Casa Amarela, 2005, p. 610-625.

(1e) Caderno n. 8 da Coleção Rebeldes Brasileiros dedicado a João Antônio e Mário Schenberg. Nele, Maria Salete Magnoni traça a trajetória de vida e literária do escritor: sua infância, seu primeiro emprego, suas conquistas no mundo literário e sua morte em 1996. Ao final da exposição há um texto de Mylton Severiano lembrando sua amizade com o escritor paulista.

MALAGUETA, Perus e Bacanaço. *Revista Bravo!*, Especial – 100 livros essenciais. São Paulo: Editora Abril, 2006, p.63.

(1b) Nesta edição da Bravo!, *Malagueta, Perus e Bacanaço* foi posto na lista dos cem livros essenciais da literatura brasileira. O pequeno texto vem acompanhado de uma foto de João Antônio nos bastidores da filmagem de *O jogo da vida*, filme inspirado na obra em questão. Apresentam-se pontos principais da narrativa-título, como a linguagem, a experiência real de seu autor com os jogadores de sinuca, o lirismo e a crueldade que João Antônio imprimiu ao mundo dos marginalizados.

MARTIN, Vima Lia de Rossi. *A evocação da marginalidade. Um estudo sobre Malagueta, Perus e Bacanaço, de João Antônio, e Luandino Vieira*. Tese (doutorado), São Paulo: USP, 2004.

(3c) Seguindo direções históricas do Brasil e de Angola, Vima Martin procura aproximar o discurso literário de João Antônio e Luandino Vieira, ambos autores engajados que deram visibilidade aos marginalizados. A literatura desses autores vai contra a corrente dos discursos oficiais ao elaborar uma linguagem mais próxima da identidade dos malandros. Embora haja tais similaridades entre os dois, existem certas diferenças, considerando que a colonização aconteceu de maneira um pouco distinta nos dois países: na obra de João Antônio coexistem o discurso contestador e o derrotista, resultando em personagens melancólicos; já na obra de Luandino Vieira, temos a literatura como arma de combate aos colonizadores, pois o escritor cultivava um ideal político pela busca da reconstrução da identidade angolana, forjando, assim, um discurso pautado na utopia.

MARTINS, Tânia. Recado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1996, Idéias, p. 06.

(1a) Texto em memória de João Antônio. A autora lembra sua amizade com o escritor e destaca várias passagens de sua convivência boêmia. Relata ainda o amor de João Antônio por este mundo feio, sua solidão e seus últimos anos de vida.

MARTINS, Wilson. Um mestre do populismo realista. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1996, Prosa & Verso, p. 4.

(1b) Wilson Martins volta ao passado para falar de *Malagueta* e recorda a recepção dessa obra no ano de seu lançamento, em 1963, e que representou uma renovação do conto brasileiro. O crítico destaca o processo criativo de João Antônio ao compor seu primeiro livro citando trechos onde o próprio autor afirma ter buscado no ambiente da sinuca as pessoas reais que se

tornariam seus personagens. Para Martins, o escritor paulista é o mestre da literatura populista no Brasil.

MIYAKE, Ricardo Koichi. *Cidade, malandros e capital: Uma leitura dos contos de Malagueta, Perus e Bacanaço*. Dissertação (mestrado), São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2004.

(3b) Miyake investiga, à luz da crítica sociológica dialética, de fundo marxista e lukácsiano, a constituição formal de algumas narrativas do primeiro livro de João Antônio. Em contraposição à crítica que vê a obra do escritor somente pelo viés temático, o autor explora a problemática entre o que é externo, circunstâncias históricas, e o que é interno, a representação do momento histórico. Nesse sentido, empreende uma busca pelo significado formal do texto, o que colabora para desmantelar certa crítica acostuada a tratar a obra do escritor como registro direto da fala das ruas.

MORAES, Renata Ribeiro de. *João Antônio de pés vermelhos: a atuação do escritor-jornalista em Panorama*. Dissertação (mestrado). Londrina: UEL, 2005.

(3b) Renata Moraes analisa a produção de João Antônio no jornal londrinense *Panorama*, na década de 1970. Essa produção, que totaliza nove textos, tem como temas: política, economia, comportamentos, personalidades da região, além de publicar textos ficcionais como a série de narrativas do personagem Jacarandá. Dentro da perspectiva do conto-reportagem, João Antônio registra momentos da história de Londrina e se preocupa, sobretudo, em frisar a importância das prostitutas, por exemplo, no desenvolvimento dessa cidade. A autora sublinha que, ao tratar dos bastidores da história política do município, o escritor-jornalista utiliza fontes vivas como memoriais e depoimentos.

OLIVEIRA, Ana Maria. João Antônio, profissão escritor. In: PETERLE, P. et al. *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. Assis: Unesp, 2006, p. 205-212.

(3a) Ana Maria Oliveira fala sobre a qualidade literária da obra do escritor e a sua trajetória singular que possibilitou uma melhor compreensão da tríade escritor-obra-público no Brasil. Destaca os trabalhos empreendidos no Acervo do escritor, localizado na Unesp de Assis, com ênfase na pesquisa feita junto à Coleção Jácomo Mandatto, conjunto de cartas de João Antônio ao amigo itapireense. Porém, o foco deste artigo está em revelar o grande empenho de João Antônio em permanecer na posteridade, fato que podemos observar pela organização de seu Acervo, que se contrapõe a sua imagem de boêmio e marginal.

ORNELLAS, Clara Ávila. *O conto na obra de João Antônio: uma poética da exclusão*. Tese (doutorado), São Paulo: USP, 2004.

(3c) Clara Ávila Ornellas estuda a concepção de conto na obra de João Antônio a partir da análise de entrevistas do autor, de quatro narrativas e de alguns pressupostos teóricos sobre o gênero conto. Expõe vários pontos com os quais é possível entender a voz e o pensamento do escritor: a sua relação com a literatura, com a ditadura, com a classe média, sua formação como leitor e o elo entre literatura e jornalismo em sua obra. Identifica predecessores de João Antônio, tanto brasileiros quanto russos. Estes últimos, segundo a autora, têm similaridades com a contística do escritor paulista, sobretudo Tchekhov. Após a leitura crítica de quatro narrativas emblemáticas da obra joãoantoniana, Clara Ornellas afirma que o escritor foi um polígrafo, sempre inovador do gênero narrativo que, em sua obra, mereceu especial atenção no tão afamado casamento entre jornalismo e literatura. A autora ainda sublinha o incessante descontentamento declarado do escritor diante do sofrimento do povo brasileiro, da repressão nos tempos da ditadura e da falsidade da classe média.

PAIXÃO, Fernando. As coisas simples de João Antônio. *Folha de S. Paulo*, 10 nov. 1996, Caderno Mais!, p. 12.

(3a) Texto escrito em forma de carta ao escritor João Antônio. Paixão relembra um encontro que teve com o escritor na Estação Júlio Prestes e nos mostra a maneira como João Antônio percebia o mundo à sua volta. Faz uma longa leitura da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço* destacando a capacidade do escritor em representar com alto grau de poesia as coisas mais simples do cotidiano.

PEREIRA, Jane Christina. *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio (1963-1976)*. Dissertação (mestrado) Assis: UNESP, 2001.

(3b) A autora faz a organização, indexação e estudo crítico do montante de críticas a respeito do escritor, concernente ao período de 1963 a 1976. Prevalecem nessa bibliografia os textos sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço*, primeiro livro de João Antônio, e as entrevistas concedidas a diversos periódicos.

PEREIRA, Jane Christina. *A poesia de Malagueta, Perus e Bacanaço*. Tese (doutorado), Assis: UNESP, 2006.

(3c) Tendo em vista a hibridização dos gêneros nos textos literários modernos, Jane Christina Pereira investiga a poesia das narrativas de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, obra que, segundo a autora, circula entre poesia e narrativa. Desse modo, por meio do olhar poético, Jane Pereira valoriza o trabalho estético de João Antônio por meio de uma dialética entre lírica e sociedade.

PINHEIRO, Mauro. (sem título). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 ago. 2001, Idéias, p. 05.

(1a) Texto escrito em memória de João Antônio que relata a ocasião de sua morte. Mauro Pinheiro descreve, com uma certa dose de bizarrice e clichês, os dias em que o corpo do escritor passou dentro do apartamento. Destaca a personalidade de João Antônio que, segundo ele, se metia com a mulher dos amigos.

POSSENTI, Sírio. Relativamente popular. In: \_\_\_\_. *A cor da língua e outras crônicas de lingüista*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001, p. 53-54. (Coleção Leituras no Brasil)

(1a) Nesta crônica, o lingüista Sírio Possenti se debruça brevemente sobre a linguagem popular estilizada nas obras de João Antônio. Além de destacar algumas marcas de pronúncia nos escritos joãoantonianos, Possenti alerta que nem sempre o escritor paulista consegue recriar de forma autêntica a fala das ruas constituindo, por fim, numa linguagem relativamente popular.

PROLEITURA. Assis: *Jornal da FCL – Unesp/Assis*, dez. 1997, ano 4, n.17.

(1e) Nesta edição de *Proleitura*, quase inteiramente dedicada a João Antônio, há uma entrevista com ele na qual fala de como se tornou escritor e do seu processo criativo. Há ainda três artigos sobre sua obra cujos autores são: Tania Celestino de Macêdo, Norma Seltzer Goldstein e Benedito Antunes — e uma entrevista com seu filho Daniel Pedro e sua ex-mulher Marília Andrade.

REMATE de Males. Campinas: UNICAMP, 1999 n. 19: João Antônio.

(1e) Revista n. 19 do Departamento de Teoria Literária da Universidade de Campinas (Unicamp) dedicada a João Antônio. Nesta edição, estão presentes textos de diversos autores sobre a obra e vida do escritor. Os textos se dividem em três blocos distintos que abrangem análises sobre o perfil do narrador, lembranças de amigos, estudos de interpretação e análise

sobre o conjunto da obra. Entre os autores estão Fábio Lucas, Antonio Candido, Lourenço Diaféria, Antônio Arnoni Prado, entre outros.

SANT'ANNA, Sérgio. O blábláblá da ratatuia. *Revista Veja*, São Paulo, 17 out. 2001, Livros, p. 170.

(2a) Resenha de relançamento de *Ô Copacabana!*. que traz uma apresentação da obra destacando a linguagem estilizada das ruas, a eficiente mistura do jornalismo com a literatura e a relevância das reedições das obras do escritor.

SÃO Paulo. A biografia de um escritor. Um mestre do conto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: 22 dez. 2005, não paginado.

(2a) Pequena resenha sobre o lançamento de *Paixão de João Antônio* de Mylton Severiano. João Antônio é um nome de destaque na galeria dos jornalistas brasileiros que se tornaram escritores. Destaca-se a sua vivência na marginalidade como causa para os seus escritos.

SCHIDLOWSKY, David. João Antônio em Berlim. In: CHIAPPINI, L.;DIMAS, A.;ZILLY, B.(orgs.) *Brasil. País do passado?*. São Paulo: EDUSP, 2000, p.196-198.

(1a) Depoimento de Schidlowky a respeito de um filme sobre João Antônio do qual foi diretor e que trata da estadia do escritor em Berlim antes da queda do muro.

SCLIAR, Moacyr. João Antônio: vida e morte de um escritor brasileiro. *Garatuja*, 13 out. 1996, não paginado.

(1a) O texto de Moacyr Scliar lança um João Antônio engajado, corajoso, verdadeiro *outsider*, que é como o povo: lembrado quando convém e esquecido quando não convém. João Antônio é personagem de sua história quando se lê *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

SCLIAR, Moacyr. João Antônio: retrato de um escritor brasileiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 nov. 1996, Ilustrada, p. 6.

(1a) Mesmo texto que foi publicado em *Garatuja*, com pequenas alterações. O autor relembra as viagens pelo Brasil feitas pela geração de escritores de fins dos anos 60 cujo propósito era divulgar a literatura brasileira. João Antônio se juntou a esse grupo, que incluía também Scliar, onde havia apoio mútuo e duradouras amizades. O autor acredita que um grande escritor como João Antônio não precisava de apoio e, ao mesmo tempo, relembra o esquecimento do qual foi vítima o escritor.

SEVERIANO, Mylton. Duas chegadas. São Paulo: *Caros Amigos*, jan. 2005, p. 11.

(1c) Nessa pequena nota em coluna mensal, Mylton Severiano comenta o relançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e lança um alerta: o esquecimento em que caiu a obra de João Antônio, assim como a de seu ídolo Lima Barreto.

SEVERIANO, Mylton. *Paixão de João Antônio*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

(1d) Romance biográfico escrita por Mylton Severiano, jornalista e amigo de João Antônio desde 1966. A vida do escritor é contada através das cartas trocadas entre eles por mais de trinta anos. Há também depoimentos de parentes e amigos e comentários do autor reconstituindo a vida do escritor, sua batalha junto aos jornais e sua paixão pela literatura.

SILVA, André Lopes. *João Antônio e Mendes de Carvalho: seus malandros e suas estórias*. Dissertação (Mestrado), Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2006.

(3b) O autor propõe o estudo do tema da malandragem nas literaturas brasileiras e angolanas. Considera-se a semelhança histórica entre Brasil e Angola, André Silva demonstra a tipologia

do malandro e suas práticas nos dois países utilizando-se da História, Antropologia e Sociologia. Discorre sobre as figuras formadoras do caráter malandro e analisa contos, dos dois autores significativos do tema proposto.

SILVA, Hélio Moreira da. A letra do lixo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 nov. 1996.

(1c) Pequena nota sobre a morte de João Antônio. O autor discorre sobre o mundo do escritor e do jornalista: a sinuca, a malandragem, as gírias, Noel Rosa, revista *Realidade*, o percurso que fazia por São Paulo e os tipos que encontrava.

SILVA, Telma Maciel da. “*É vida. E por isso mesmo, muita literatura*”: A arte de narrar-se, na correspondência do escritor João Antônio. (Exame de qualificação), Assis: UNESP, 2006b.

(3b) Análise das correspondências de João Antônio enviadas ao amigo Jácomo Mandatto, jornalista de Itapira (interior de São Paulo) trocadas por cerca de quatro décadas. A autora investiga nesse conjunto de cartas a feição literária que estas possuem e aponta que, no geral, elas podem ser consideradas uma autobiografia com um suporte diferente do habitual. Segundo a autora, em sua correspondência, João Antônio apresenta a ficcionalização de si e, ao mesmo tempo, traz para a realidade seus personagens como se eles fossem pessoas reais.

SILVA, Telma Maciel da. João Antônio: intelectual dos sem-eira-nem-beira. In: PETERLE, P. et al. *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. Assis: Unesp, 2006a, p. 195 – 203.

(3a) Neste artigo, a pesquisadora sintetiza o pensamento e a atuação do intelectual João Antônio. Fazendo uso de cartas do autor ao amigo Jácomo Mandatto, Telma Maciel desvela o ponto de vista do escritor acerca do que deve ser o intelectual brasileiro. Destaca a narrativa “Abraçado ao meu rancor” como sendo uma fecunda representação do escritor em sua condição de exilado e inadaptado ao mundo emergente. Para ela, João Antônio procurou sempre se distanciar do conceito comum do intelectual ao se situar à margem, ou seja, ao dedicar sua vida e obra à marginalidade.

SILVA NETO, José Pereira da. *O espaço urbano de São Paulo no realismo ficcional de João Antônio*. Dissertação (mestrado). Assis: Unesp, 2002.

(3b) José Pereira da S. Neto procura analisar, utilizando algumas narrativas de João Antônio, de que maneira as personagens atuam no espaço urbano paulista e vice-versa. Além de dividir o espaço da narrativa em social e do jogo, o autor considera-o como “elemento narrativo possível de transportar uma carga de significado”. Assim, o movimento, o “andar pelas ruas”, característica fundamental das personagens de João Antônio, seria a tônica para se entender a recriação do espaço nas narrativas do autor.

STYCER, Mauricio. A literatura engabelada. São Paulo: *Carta Capital*, 17 nov. 2004, p. 78-81.

(1b) Publicação de texto inédito de João Antônio em que alerta para os ranços, manias, beletrismo, falsidade e desonestidade que possuem os homens de letras no Brasil. É um discurso ácido em que o escritor nos expõe sua visão sobre a literatura brasileira dos anos 90. Há ainda um pequeno texto ilustrativo em que Mauricio Stycer comenta os lançamentos dos livros de João Antônio pela Cosac & Naify.

VASCONCELOS, Nelson. Causos do pingente João Antônio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 jan. 2006, Prosa & Verso, p. 1-2.



(2a) Resenha de lançamento da biografia escrita por Mylton Severiano, *Paixão de João Antônio*. O autor destaca algumas singularidades de João Antônio como a avareza, a vaidade e a revolta constante contra os canalhocratas da política.

VILLAC, Luana. Passaporte para a periferia. *Revista Cult*, out. 2001, Literatura Brasileira, p. 14.

(2a) A autora anuncia duas publicações de literatura brasileira: a reedição de *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio e o lançamento de *Passaporte*, de Fernando Bonassi. Ambos, segundo Villac, participam de uma literatura que privilegia a visão dos excluídos deslocando a periferia para o centro. Bonassi, entretanto, diferentemente de João Antônio, manteria um distanciamento daquilo que narra.

ZENI, Bruno. Malagueta, Perus, Bacanaço e Cia. São Paulo: *EntreLivros*, dez. 2006, p. 69.

(1b) Nesta edição especial, a revista *EntreLivros* organiza um dossiê dos 50 personagens que são a cara do Brasil. Entre eles estão Malagueta, Perus e Bacanaço representando o drama da malandragem na São Paulo dos anos 1950. O autor sublinha a atemporalidade desse drama no que diz respeito à reflexão estética e política. Destaca ainda a representação da narrativa no filme de Maurice Capovilla, *O jogo da vida*, de 1977. O autor critica o filme pois estaria aquém da obra do escritor.

ZENI, Bruno. João Antônio constrói contos “positivamente malandros”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 nov. 2004, Ilustrada, p. E7.

(2a) Resenha sobre a reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O autor apresenta João Antônio e sua obra e o destaque que ela tem entre os críticos mais renomados do país. Para Zeni, *Malagueta...* é o retrato de um país positivamente malandro.

ZILLY, Berthold. João Antônio e a desconstrução da malandragem. In: CHIAPPINI, L.;DIMAS, A.;ZILLY, B.(orgs.) *Brasil. País do passado?*. São Paulo: Edusp, 2000, p.173-194.

(3a) Após uma breve exposição sobre a presença do malandro na literatura brasileira, Zilly exemplifica de que maneira essa figura aparece no imaginário brasileiro. A partir disso, o autor demonstra como João Antônio desconstrói para depois construir essa figura. Em João Antônio, segundo Zilly, o caráter aventureiro do malandro se transforma em imprevisibilidade, submissão e exploração.

## Levantamento numérico dos textos por categoria

1a – 14

1b – 09

1c – 03

1d – 03

1e – 03

2a – 13

3a – 10

3b – 12

3c - 05

## Levantamento numérico dos textos ano a ano (1996 aos dias atuais)

1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
16	2	1	3	6	11	4	1	7	9	12

## Índice alfabético de periódicos

*Caros Amigos* (São Paulo)  
*Carta Capital* (São Paulo)  
*Correio da Paraíba* (João Pessoa)  
*EntreLivros* (São Paulo)  
*Folha de S. Paulo* (São Paulo)  
*Garatuja*  
*Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro)  
*O Estado de S. Paulo* (São Paulo)  
*O Globo* (Rio de Janeiro)  
*Problemas Brasileiros* (São Paulo)  
*Proleitura* (Assis)  
*Remate de Males* (Campinas)  
*Revista Cult* (São Paulo)  
*Revista Bravo!* (São Paulo)  
*Revista Veja* (São Paulo)  
*Suplemento Literário*

## Índice alfabético de autores

ABRAHÃO, Eugênia Maria Ferreira.....	2006
AGUIAR, Flávio.....	2000
ALMEIDA, Gustavo de.....	18/12/2004
AMÂNCIO, Moacir.....	07/08/2005
ANTENORE, Armando.....	23/06/2001
ANTÔNIO, João.....	17/11/2004 1999 2005
AZEVÊDO, Carlos.....	2000
AZEVÊDO FILHO, Carlos.....	07/11/1996 2002
BARROS, Carlos Juliano.....	mar./abr. 2005
BELLUCCO, Hugo Alexandre de Lemos.....	2006
BERNACHI, Suzana Cazula.....	2005
BONASSI, Fernando.....	2000
BRANDÃO, Ignácio de Loyola.....	03/11/1996
BRASIL, Ubiratan.....	07/10/2004
BUENO, Wilson.....	mar. 1999
CANDIDO, Antonio.....	09/11/1996
CARNEIRO, Caio Porfírio.....	2002
CARVALHO, Bernardo.....	20/10/2001
CASTELLO, José.....	05/11/1996 14/07/1998 set. 2001 1999
CASTRO, Bertholdo de.....	19/06/2001

	15/09/2001
CHIAPPINNI, Lígia.....	2000
CONY, Carlos Heitor.....	18/11/1996 09/05/2002
CORRÊA, Luciana Cristina.....	2006
FERREIRA, Cássia Alves.....	2003
FRANCIS, Paulo.....	10/11/1996
JESUS, Cleide Durante Assis de.....	2001
LACERDA, Rodrigo.....	14/06/1997 2006
MAGNONI, Maria Salete.....	2005
MARTIN, Vima Lia de Rossi.....	2004
MARTINS, Tânia.....	23/11/1996
MARTINS, Wilson.....	16/11/1996
MIYAKE, Ricardo Koichi.....	2004
MORAES, Renata Ribeiro de.....	2005
OLIVEIRA, Ana Maria.....	2006
ORNELLAS, Clara Ávila.....	2004
PAIXÃO, Fernando.....	10/11/1996
PEREIRA, Jane Christina.....	2006 2001
PINHEIRO, Mauro.....	25/08/2001
PIRES, Francisco Quinteiro.....	28/01/2007
POSSENTI, Sírio.....	2001
SANT'ANNA, Sérgio.....	17/10/2001
SCHDLOWISKY, David.....	2000
SCLIAR, Moacyr.....	13/10/1996

	02/11/1996
SEVERIANO, Mylton.....	2005
	Jan. 2005
SILVA, André Lopes.....	2006
SILVA, Hélio Moreira da.....	04/11/1996
SILVA, Telma Maciel da.....	2006
SILVA NETO, José Pereira da.....	2002
STYCER, Mauricio.....	17/11/2004
VASCONCELOS, Nelson.....	21/01/2006
VILLAC, Luana.....	out. 2001
ZENI, Bruno.....	27/10/2004
	12/2006
ZILLY, Berthold.....	2000

## *Corpus analisado*

“A ARTE tem dívida com a realidade”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 jun. 1996, Idéias, p. 8.

ABRAHÃO, Eugênia Maria Ferreira. *As veias abertas da cidade de João Antônio: os contos de Abraçado ao meu rancor*. Dissertação (mestrado), São Paulo: USP, 2006.

AGUIAR, Flávio. Evocação de João Antônio ou do purgatório ao inferno. In: CHIAPPINI, L.; DIMAS, A.; ZILLY, B. (orgs.) *Brasil. País do passado?*. São Paulo: EDUSP, 2000, p.145-55.

ALMEIDA, Gustavo de. O fantasma da Praça dos Paraíbas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 dez. 2004, Idéias, p. 1-2.

ANTENORE, Armando. A dor no país dos tapinhas que não doem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 jun. 2001, Ilustrada, p. 1.

AZEVÊDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio: repórter de Realidade*. João Pessoa: Idéia, 2002.

BARROS, Carlos Juliano. Genial e desconhecido. São Paulo: *Problemas Brasileiros*, mar./abr. 2005, p. 42-5.

BELLUCCO, Hugo Alexandre de Lemos. *Radiografias brasileiras: Experiência e identidade nacional nas crônicas de João Antônio*. Dissertação (Mestrado), Campinas: UNICAMP, 2006.

BERNACHI, Suzana Cazula. *O jogo, a forma e a recepção em “Malagueta, Perus e Bacanaço”*. Dissertação (mestrado), São Paulo: PUC, 2005.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. João Antônio, o brasileiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 nov. 1996, Cidades, p. 2.

BRASIL, Ubiratan. João Antônio, o cronista do subúrbio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 nov. 2004, Caderno 2, p. 1-2.

BUENO, Wilson. Epistoleiros. *Suplemento Literário* n 45. Secretaria do Estado da Cultura de Minas Gerais, mar. 1999, p. 24-30.

CANDIDO, Antonio. Ficcionista é ‘um verdadeiro descobridor’. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 de nov. 1996, Cultura, p. D11.

CARNEIRO, Caio Porfírio; LUCAS, Fábio. *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. (organizado por G. Giordano) Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

CARVALHO, Bernardo. A gema do carioca. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 out. 2001, Ilustrada, p. E4.

CASTELLO, José. João Antônio à margem da ficção. *Revista Bravo!*, set. 2001, p.114-21.

\_\_\_\_\_. João Antônio na máquina do tempo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 nov. 1996, Caderno 2, p. D10.

\_\_\_\_\_. A arte de ser João. In: \_\_\_\_\_. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 33-55.

CASTRO, Bertholdo de. A cidade perdida de João Antônio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 jun. 2001a, Caderno B, p. 32.

\_\_\_\_\_. Copacabana por João Antônio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 set. 2001b, Idéias, p. 4-5.

CHIAPPINI, Lígia. O Brasil de João Antônio e a sinuca dos pingentes. In: CHIAPPINI, L.;DIMAS, A.;ZILLY, B.(orgs.) *Brasil. País do passado?*. São Paulo: Edusp, 2000, p.156-72.

CONY, Carlos Heitor. Livro\$. *O Globo*, Rio de Janeiro, 09 mai. 2002, Opinião, p. A2.

FERREIRA, Cássia Alves. *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio (1977-1989)*. Assis: UNESP, 2003.

JOÃO Antônio, 59 anos, cronista dos marginalizados. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 nov. 1996, Obituário, p. 15.

LACERDA, Rodrigo. *João Antônio: Uma biografia literária*. Tese (Doutorado), São Paulo: USP, 2006.

\_\_\_\_\_. A mais cega sinceridade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jun. 1997, Jornal de resenhas, p. 8.

MARTIN, Vima Lia de Rossi. *A evocação da marginalidade. Um estudo sobre Malagueta, Perus e Bacanaço, de João Antônio, e Luuanda, de Luandino Vieira*. Tese (doutorado), São Paulo: USP, 2004.

MARTINS, Tânia. Recado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1996, Idéias, p. 06.

MARTINS, Wilson. Um mestre do populismo realista. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1996, Prosa & Verso, p. 4.

MIYAKE, Ricardo Koichi. Cidade, malandros e capital: Uma leitura dos contos de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Dissertação (Mestrado), São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2004.

OLIVEIRA, Ana Maria. João Antônio, profissão escritor. In: PETERLE, P. et al. *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. Assis: Unesp, 2006, p. 205-212.

ORNELLAS, Clara Ávila. *O conto na obra de João Antônio: uma poética da exclusão*. Tese (doutorado), São Paulo: USP, 2004.



PAIXÃO, Fernando. As coisas simples de João Antônio. *Folha de S. Paulo*, 10 nov. 1996, Caderno Mais!, p. 12.

PEREIRA, Jane Christina. *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio (1963-1976)*. Dissertação (Mestrado) Assis: UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. *A poesia de Malagueta, Perus e Bacanaço*. Tese (doutorado), Assis: UNESP, 2006.

PINHEIRO, Mauro. (sem título). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 ago. 2001, Idéias, p. 05.

POSSENTI, Sírio. Relativamente popular. In: \_\_\_\_\_. *A cor da língua e outras crônicas de lingüista*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001, p. 53-54. (Coleção Leituras no Brasil)

PROLEITURA. Assis: *Jornal da FCL – Unesp/Assis*, dez. 1997, ano 4, n.17.

SANT’ANNA, Sérgio. O blábláblá da ratatuia. *Revista Veja*, São Paulo, 17 out. 2001, Livros, p. 170.

SCLIAR, Moacyr. João Antônio: retrato de um escritor brasileiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 nov. 1996, Ilustrada, p. 6.

SEVERIANO, Mylton. *Paixão de João Antônio*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

SILVA, André Lopes. *João Antônio e Mendes de Carvalho: seus malandros e suas histórias*. Dissertação (Mestrado), Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2006.

SILVA, Telma Maciel da. João Antônio: intelectual dos sem-eira-nem-beira. In: PETERLE, P. et al. *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. Assis: Unesp, 2006a, p. 195 – 203.

\_\_\_\_\_. “É vida. E por isso mesmo, muita literatura”: *A arte de narrar-se, na correspondência do escritor João Antônio*. (Exame de qualificação), Assis: UNESP, 2006b.

VASCONCELOS, Nelson. Causos do pingente João Antônio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 jan. 2006, Prosa & Verso, p. 1-2.

VILLAC, Luana. Passaporte para a periferia. *Revista Cult*, out. 2001, Literatura Brasileira, p. 14.

ZENI, Bruno. Malagueta, Perus, Bacanaço e Cia. São Paulo: *EntreLivros*, dez. 2006, p. 69.

\_\_\_\_\_. João Antônio constrói contos “positivamente malandros”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 nov. 2004, Ilustrada, p. E7.

ZILLY, Berthold. João Antônio e a desconstrução da malandragem. In: CHIAPPINI, L.; DIMAS, A.; ZILLY, B. (orgs.) *Brasil. País do passado?*. São Paulo: Edusp, 2000, p.173-94.

## Bibliografia

- ANGIOLILLO, Francesca. Editora de SP usa “fermento” brasileiro para crescer. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 02 jun. 2001, Ilustrada, p.E7.
- ANTÔNIO, João. *Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Meninão do Caixote*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ô Copacabana*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Dedo-duro*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Leão-de-chácara*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Corpo-a-corpo com a vida”. In: \_\_\_\_ *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Acadêmico*. *Jornal Catarinense de Cultura*, mar. 1981, p. 11-2.
- \_\_\_\_\_. *Literatura comentada*. NETO, João da Silva Ribeiro (org). São Paulo: Abril, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- BARBOSA, João Alexandre. A prosa de uma consciência. In: ANTÔNIO, João. *Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.
- BOSI, Alfredo. Um boêmio entre duas cidades. In: ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p.5-11.
- CABELLO, Ana Rosa Gomes. A gíria como linguagem literária em contos de João Antônio. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1988, (Cadernos de Divulgação Cultural n. 25).
- COSTA, Flávio Moreira da. (Org.) *Onze em campo e um banco de Primeira*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.
- ENTREVISTA com João Antônio, o novo fenômeno da literatura brasileira. *Goiânia: Arte e Literatura*, 12 a 18 de abril de 1976, p. 5.
- FERREIRA, Jerusa Pires (org.). *Ênio Silveira*. São Paulo: EDUSP; Com-Arte, 2003. (Editando o editor; v.3)

FERRÉZ. Manifesto de abertura: Literatura Marginal. São Paulo (2005) Disponível em: <[http://carosamigos.terra.com.br/outrasedicoes/edicoes\\_especiais/editorial.asp](http://carosamigos.terra.com.br/outrasedicoes/edicoes_especiais/editorial.asp). Acesso em : 05 set. 2005.

GONÇALO Jr. A arte de vestir um livro. São Paulo: *EntreLivros*, abr. 2007, p. 48-52.

GONZAGA, Sergius. O Conceito de Marginalidade. *Correio do Povo*, 5 nov. 1977, Caderno de Sábado, p. 15.

Sem autoria. João Antônio: o marginal sem folclore. *Informação*, 30 set. 1976, Cultura, Não Paginado.

MELLO, Maria Amélia. “O autor nacional está se descobrindo”. *Arte e Comunicação*, Londrina, 7 out. 1976, p. 2.

KASSAB, Álvaro; GOMES, Eustáquio. A crítica morreu? *Revista da Unicamp*, Campinas, ago. 2004. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/agosto2004/ju260pag06.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2004/ju260pag06.html)> Acesso em: 18 nov. 2006.

Página de apresentação da editora Cosac & Naify. Disponível em: <<http://www.cosacnaify.com.br/noticias/institucional.asp?language=pt>> Acesso em 14 mai. 2007.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da ficção no Brasil*. São Paulo: Ática, 1985.

LUSTOSA, Isabel.(Org.) *Lapa do Desterro e do Desvario*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

MACIEL, Maria Esther. Crítica acadêmica/ Crítica jornalística: Afinidades e dissonâncias. *Cronópios*, 22 mar. 2005. Disponível em <http://www.cronopios.com.br/site/printversion.asp?id=22> Acesso em: 15 nov. 2006.

OLIVEIRA, Nelson de. Uma cajadada no cocoruto da crítica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jun. 2005. Idéias. Não paginado.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. A crítica literária no jornal. In: \_\_\_\_\_. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005, p.158-165.

SCHNAIDERNNAN, Boris. Entre a explosão e o bom tom: João Antônio. *Versus*, São Paulo, mar. 1976, p.48.

SUSSEKIND, Flora. O neonaturalismo. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e vida literária. Polêmicas, diários e retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.57-9.

VIEGAS, Ana Cristina Coutinho. Uma aventura literária por novas tecnologias. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro, n.6, p.9-22, 2002.